

RN/ECONÔMICO

ANO XIV - N.º 137 - NOVEMBRO/DEZEMBRO-82 - Cr\$ 400,00



As idéias de José Agripino

O "baixo" está na alta em Natal

O novo quadro político potiguar

Como se comporta a Igreja nova

413

CHEVROLET OPALA. TRADIÇÃO DE QUALIDADE E CONFORTO.

Dirija um Chevrolet Diplomata. O carro que vai falar muito mais sobre si mesmo. O Diplomata é um carro que cria sua imagem, diz quem é você. O conforto, o desempenho e a versatilidade do Diplomata dispensam qualquer comentário. O Diplomata 83 é disponível de motor de 6 cilindros (gasolina) e de 4 cilindros (álcool com partida a frio automática), ou gasolina, ambos com sistema de ignição eletrônica.



Chevrolet Diplomata

CHEVROLET CARAVAN E CARAVAN COMODORO. DIMENSIONADOS PARA VOCÊ. NO TRABALHO E NO LAZER.

No Chevrolet Caravan, você descobre a verdadeira dimensão do conforto para você, a família e toda a bagagem, no dia-a-dia e no lazer. Nas compras do supermercado, para levar as crianças à escola. No trabalho, na cidade e no campo. Em férias ou nos fins de semana. Para viajar e acampar. Para todo o tipo de esportes e contato com a natureza.



Chevrolet Caravan

Aerodinâmica - fator de economia

A linha Monza foi aerodinamicamente projetada com vistas a reduzir ao mínimo os ruídos provocados pelo atrito do ar, resultando em excepcional coeficiente aerodinâmico. A disposição física dos comandos e o sofisticado painel de instrumentos, altamente funcional, proporcionam extrema facilidade de acesso aos controles e imediata leitura das informações.

MONZA



Toda a linha Chevrolet, você encontra em Natal Veículos e Peças S. A. Concessionária Chevrolet — Rodovia BR-101 — Km 04 — Neópolis. Lá também são encontrados loja de peças e acessórios, além de um serviço autorizado, da maior confiança com garantia e pronto atendimento.

Chevrolet



**NAVESA-NATAL
VEÍCULOS E PEÇAS S.A.**

BR 101 Km 04 - Tel.: 231-1.226

ÍNDICE

CIDADE

O novo quadro político do RN.	16
Eleições, segundo os jornalistas. . .	18
Geraldo Melo: mensagem do PDS não perdeu todo atrativo. . .	20
Os novos deputados saídos das eleições.	24
Ney: o que eu faria como Senador. . .	35
Os reitoráveis em luta pela UFRN. . .	39
Turismo: as novas opções são perto.	48
Alpargatas: razões de um crescimento.	49
Otimismo moderado dos técnicos. . .	51
Hiper: a concorrência inesperada. . .	56
Comércio: a dança das incertezas. . .	60
Testemunho sobre a lei do cheque. . .	60
No desastre de Igapó, sintoma da dependência.	64
Baixo está na alta em Natal.	68
Ascensão e queda da orla.	72
As estatísticas do RN estão melhores.	79
Sudene: ano pobre de projetos.	87
Lucas: modo novo de ver o antigo. . .	89
De início, o choque.	89

ARTIGOS

Manoel Barbosa.	7
Cortez Pereira.	57
Rosemilton Silva.	94

SEÇÕES

Homens & Empresas.	4
Cultura.	80

HUMOR

Cláudio.	92
------------------	----

CAPA

Foto, concepção: Flávio Américo

ESPECIAL



Agripino: conversa franca

Descontraído — as vezes entusiasmado e empolgado — o governador eleito José Agripino falou longamente a RN/ECONOMICO sobre tudo o que pretende fazer à frente dos destinos do Rio Grande do Norte a partir de 15 de março do próximo ano. Falou a respeito de tudo o que lhe foi perguntado, em termos administrativos e até foi mais adiante, indo além da pergunta. Só não falou em nomes dos seus futuros auxiliares. Porém, se não precisou nomes, precisou qualificações para os cargos. E deixou bem claro que em quase todos eles escolherá políticos — inclusive para a Prefeitura

de Natal, onde pretende colocar um político. Ou um técnico com aptidões políticas, o que dá no mesmo. A franqueza com que José Agripino falou a RN/ECONOMICO permite tirar conclusões claras sobre a sua real capacidade. Deve-se, contudo, dar os devidos descontos para quando ele, de fato, assumir o cargo, pois se deve levar em conta que um Governador de Estado nem sempre faz o que pretende. Há as pressões, há a conjuntura e, em especial, há o clima de tensões. Agripino parece estar preparado. O leitor poderá aquilatar isso a partir da página oito.

RN/ECONOMICO

REVISTA MENSAL • ANO XIV • N.º 137 • NOV/DEZEMBRO/82 • CR\$ 400,00

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira
DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa

ARTE E PRODUÇÃO

CHEFE: Eury Moraes da Nóbrega

PROGRAMAÇÃO VISUAL: Moacir de Oliveira
DIAGRAMAÇÃO: Sônia Santos
FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Paulo de Souza
GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

RN/ECONOMICO — Revista mensal especializada em

assuntos sócio-econômicos do Rio Grande do Norte. É de propriedade de RN/ECONOMICO EMPRESA JORNALISTICA LTDA — CGC n.º 08 286 320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Telefone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 250,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 3.000,00. Preço do número atrasado: Cr\$ 500,00.

HOMENS & EMPRESAS

CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS PARA COSERN —

A informação é do presidente da COSERN, Francisco Medeiros, da inauguração para breve do Centro de Processamento de Dados da empresa. E justifica: "Sendo a COSERN uma empresa prestadora de serviços elétricos a todo o Estado do Rio Grande do Norte e que vem se desenvolvendo a cada dia, necessitava de uma agilização maior das suas informações, tanto para a administração interna como para os consumidores".

Trata-se de um BORROUGS-1955, cuja configuração média de memória, com duas unidades de fitas magnéticas, 530 Mega Bytes de disco (1 disco fixo e 4 BISK-PACK), tem mais 6 terminais TVA 1.900 e faz leitura de cartão e impressora.

Adquirido e liberado pela BORROUGS em 16 de novembro passado, entrou em produção no dia 30 do mesmo mês.

O objetivo é atender melhor aos usuários da COSERN e ao consumidor que solicita 2.^a via de conta, religação de medidores e outras informações, 24 horas por dia.

Segundo informação do coordenador de produção, Walter Araújo Júnior, a solicitação de serviços foi abreviada em quase 100 por cento.

★★★★★

MAIS SIMPÓSIOS —

O diretor-presidente da EMPARN, agrônomo Benedito Mendes, falando da programação de atividades da empresa



Francisco de Assis Medeiros, presidente da COSERN

para 1983, diz que nesse ano novo realizará três Simpósios, haja vista os sucessos obtidos com os de JOJOBA e ALGAROBÁ em 82.

O primeiro é o I SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS PARA O SEMI-ÁRIDO, marcado para o período de 7 a 9 de julho de 83; o segundo é o I SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE PLANTAS XERÓFILAS EXÓTICAS previsto para os dias de 8 a 10 de novembro; e o II ENCONTRO NACIONAL DE SERICICULTURA (bicho da seda) de 23 a 25 de agosto.

Todos esses Simpósios recebem a chancela da EMBRAPA e CNPq, a primeira entra com os recursos e CNPq e EMPARN, com o planejamento e a coordenação em Natal.

Da EMPARN, também a satisfação de sua

diretoria pela aprovação da FINEP — Financiadora de Estudos e Projetos — da soma de Cr\$ 56 milhões para a aquisição dos Antílopes ELANDE e ORIX que já estão sendo comprados. Para que as pessoas não estranhem a compra desses animais aos Estados Unidos, a explicação está numa proibição brasileira da entrada de animais do Continente Africano no País, por motivos de doença que existe lá e não no Brasil. As espécies vindas dos Estados Unidos, não trazem esse risco de doença, pois, lá são imunizadas.

★★★★★

KARAKUL — Ainda da EMPARN a notícia do seu presidente de que a empresa está tentando introduzir no RN o KARAKUL, espécie de car-

neiro das zonas áridas da Argentina. São 50 fêmeas e 5 machos dessa raça de ovinos que produz leite em quantidade igual a da cabra e tem outra particularidade muito importante: a pele do KARAKUL, que é extraída logo após o nascimento, cujo processo é denominado de ASTRAKAN, tem alta aceitação na indústria peleteira dos países desenvolvidos, para o fabrico de botas, bolsas, etc.

★★★★★

PROJETO CONTRA SECA —

Na última reunião do ano, em dezembro, o Conselho Deliberativo da Sudene aprovou projeto do ex-Governador Cortez Pereira, da Fazenda Serra S/A e que visa, com sua estrutura, desenvolver medidas efetivas contra a seca no âmbito onde será implantado. Envolve reflorestamento, barramento de rios, exploração da agro-indústria e da agropecuária, industrialização e comercialização de produtos agrícolas. O investimento total compreende Cr\$ 268 milhões, sendo a participação da Sudene de Cr\$ 162 milhões.

★★★★★

EXPECTATIVA DOS EXPORTADORES —

Os exportadores do Rio Grande do Norte aguardam com expectativa as medidas que serão determinadas pelo Conselho Monetário Nacional — CMN, em relação ao comércio internacional no próximo ano. A maior preocupação dessa área, no momento, é com referência aos custos finan-

HOMENS & EMPRESAS

ceiros. O desejo é que seja conseguida uma baixa que seja moderada nas taxas de juros.

★★★★★★

NOVA FÁBRICA DE CONFECÇÕES — O industrial Marinho Herculano, dirigente da Herbus Confeções Ltda, anuncia para o início do próximo ano o funcionamento da sua nova unidade industrial — HELA MODAS FEMININA — especializada no fabrico de confeções feminina, cujas instalações já estão concluídas, no bairro da Candelária, com capacidade para 300 empregos diretos.

★★★★★★

SUCESSO DO PEGUE & LEVE DA CONSTRUÇÃO — A iniciativa pioneira do Pegue & Leve da Construção marcou impacto no mercado de construção de Natal.



Funcionando como uma espécie de supermercado da construção, o Pegue & Leve aproveitou, inclusive, a época do pique de vendas de fim de ano para funcionar com expediente noturno, tanto como qualquer outra loja da cidade. E a estratégia de marketing teve grandes resultados.

★★★★★★



★★★★★★

PROJETO DE CAPACITAÇÃO — O Projeto de Capacitação de Mão-de-Obra Rural que é executado em convênio entre EMATER e SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) pretende treinar em 5 meses, até fevereiro de 83, cerca de 800 pequenos produtores rurais em duas regiões do Seridó, Caicó e Currais Novos. Nesses municípios a EMATER mantém Núcleos Regionais abrangendo 20 municípios.

O Projeto, segundo o presidente da EMATER, Gilzenor Sátiro, visa treinar os produtores em Projetos de Capacitação de Mão-de-Obra Rural, onde são orientadas a utilização da moto-bomba, vacinação (programação dos elementos) e na aplicação correta de inseticidas.

O orçamento do Projeto é da ordem de Cr\$ 2,5 milhões, entrando a EMATER com toda a infra-estrutura de arregimentação de pessoal técnico e o SENAR como instrutor em recursos para a alimentação.

★★★★★★

EXPECTATIVA NA ÁREA DE POUPANÇA — Muita expectativa na área das Associações de Poupança com a virada de mais um trimestre. Alguns títulos de renda fixa estariam oferecendo maior atração para o médio investidor e a série de boatos sobre as incertezas da política econômica são muito desfavoráveis para as cadernetas.

★★★★★★

PRÉDIO DO BANCO SAFRA — Na crescente disputa dos bancos pela praça de Natal, o Safra está preparando um trunfo importante, com a construção do seu moderno prédio na rua João Pessoa.

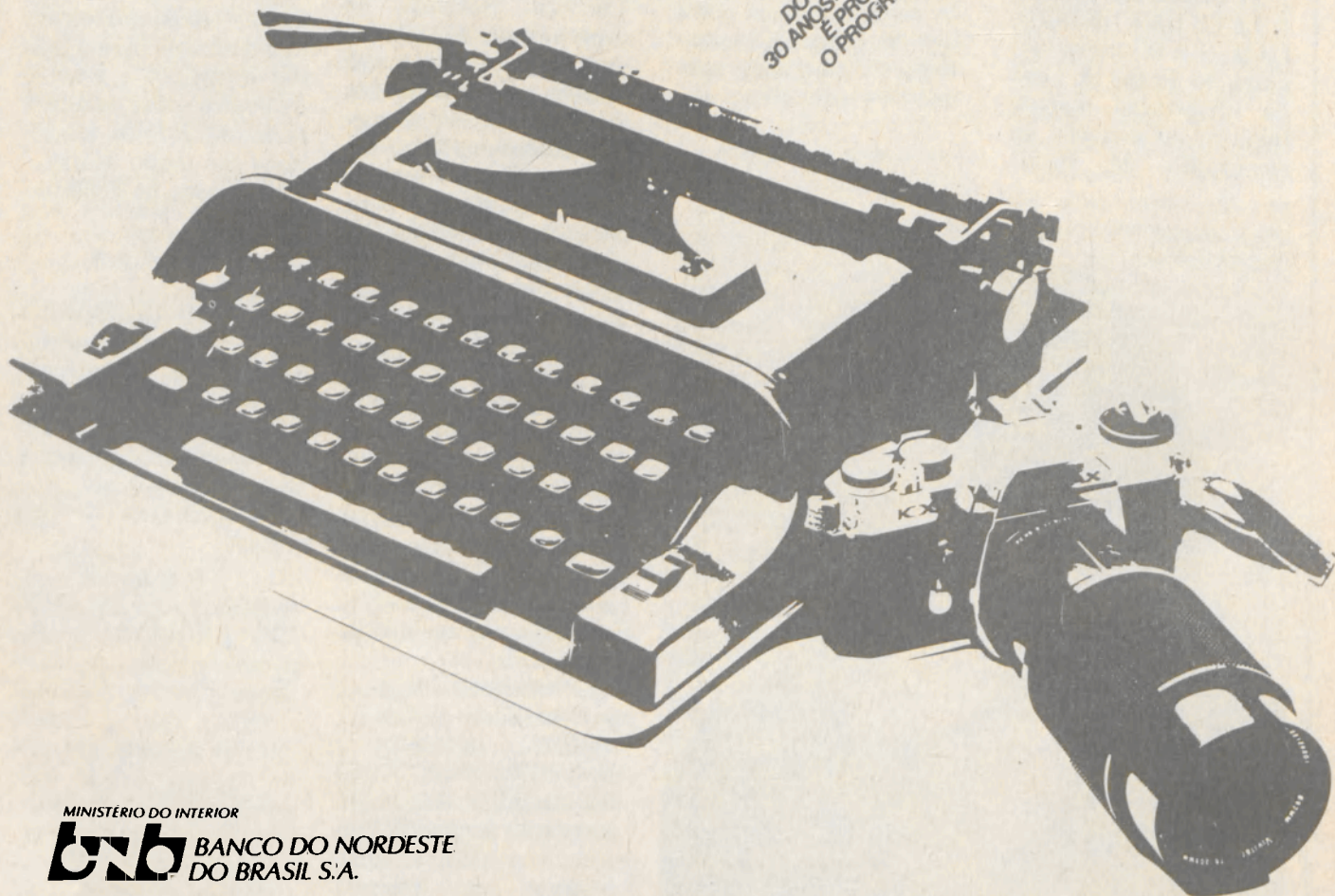
★★★★★★

DENTERN EM PRÉDIO PRÓPRIO — Em prédio próprio (Edifício Rômulo Leite, 751, Rua Princesa Isabel, Cidade Alta) a Dentern em plena expansão. São três pavimentos — sendo um térreo, um amplo salão para exposição e loja — e dois destinados a gabinetes odontológicos.

O talento que dá vida a essas máquinas está fazendo aniversário.

Hoje esta revista completa mais um ano de
circulação. Graças aos profissionais que
expressam seu talento escrevendo,
fotografando, compondo e imprimindo.
E esta é a homenagem do BNB, que,
como esta revista, coloca a serviço
das comunidades em que atua
incentivos para o
desenvolvimento econômico
e social.

BNB
BANCO DO
NORDESTE
DO BRASIL S.A.
30 ANOS: A OPORTUNIDADE
E A PROMOÇÃO
DO PROGRESSO.



COM O VOTO DIRETO

MANOEL BARBOSA

O Rio Grande do Norte vai entrar na fase do Governo eleito pelo voto direto. Isso está acontecendo depois de três administrações sucessivas. O que pode mudar? A pergunta é procedente, num Estado que parece ter-se acostumado a uma vida de expectativa. A resposta não é tão difícil: não vai mudar muita coisa. Pelo menos, não vai mudar muita coisa enquanto permanecer a atual estrutura partidária e enquanto não se configurar um processo no quadro de sucessão presidencial com base no voto direto. Por ora, o novo Governo, mesmo sendo eleito pelo voto direto, terá de seguir mais ou menos os caminhos dos anteriores: o de Brasília, o das rotas que levam ao Ministério do Planejamento e, em seguida, ao Ministério da Fazenda.

A estrutura do regime federativo não permite outra coisa. O centro de decisões — e o que é mais importante, o centro financeiro — está em Brasília. É utópico querer adotar medidas, tocar idéias ou projetos, sem a chancela de Brasília. No momento, não há a menor possibilidade de ir de encontro a essa realidade. Por mais que o governador seja capaz, ficará sempre preso à falta de recursos do Estado. E mais do que isso: à falta de autonomia.

Os limites de locomoção de um Estado brasileiro, principalmente do Nordeste, atualmente, são muito estreitos. Sem exagerar muito, poderia se dizer que eles não existem. Não é segredo para ninguém que o próprio processo da eleição direta no Rio Grande do Norte, assim como nos outros Estados, em algumas fases, dependeu muito da ingerência de Brasília, de uma ou de outra maneira. São ingerências políticas, financeiras, administrativas.

Na fase em que a economia brasileira está entrando, com as necessidades de ajustes com vistas ao equilíbrio do balanço de pagamento das contas externas, a vinculação Estados-Brasília certamente vai ser mais rígida. O controle tende a ser maior, por uma questão de necessidade de manipulação tendo em vista o objetivo final de controle de todos os custos.

Logo, o novo Governo eleito do Rio Grande do Norte vai ter de estar preparado para enfrentar a frieza de uma política contencionista, adotada num momento de desespero. É mais uma vez os Estados pobres pagando por pecados que não cometeram. Sabe-se, com minúcias, que de todos os projetos faraônicos realizados nos últimos dez anos o Nordeste — e muito menos o Rio Grande do Norte — não teve participação. O que o Governo Federal gastou com os planos de Emergên-

cia, por causa da seca, não é sequer uma mínima parcela dos investimentos realizados nos metrô de Rio de Janeiro ou São Paulo.

O programa nuclear e a construção de Itaipu dariam para resolver todos os problemas hídricos do Nordeste, caso os recursos investidos fossem deslocados para este propósito. Mas não foram. Até os 100 bilhões de cruzeiros prometidos pelo Governo Federal para a região no momento mais agudo do ciclo da seca foram esquecidos. Portanto, o Nordeste e o Rio Grande do Norte receberam apenas migalhas, através do Plano de Emergência, arrancadas à custa de muita luta. E não têm o Nordeste e o Rio Grande do Norte a mínima parcela de culpa pela crise econômica, ou dificuldade na balança de pagamento. Mesmo porque, o Nordeste exporta mais do que importa — e, inclusive, é auto-suficiente em petróleo. O paraíso do consumo, em todas as suas formas, está no Centro-Sul, Sudeste. Foram essas as regiões beneficiadas com os resultados do fugaz período de aparente abundância do tal milagre econômico, são elas que ganham com a industrialização do País — até o boom financeiro de 70/71 fez seus milionários da noite para o dia, lá.

Agora, na hora do sacrifício, o Nordeste e o Rio Grande do Norte vão ter de repartir o sacrifício nacional, embora não tenham repartido os lucros da abundância — mesmo que transitória.

E, claro, isso vai se refletir no desempenho do governador eleito com o voto popular. Influir, porque Brasília vai apertar as rédeas, por todas as maneiras. A não ser que ocorra um milagre. Um milagre do tipo perdão das dívidas do País por parte dos banqueiros internacionais. O que, convenhamos, é um milagre pesado, mesmo para o santo mais competente.

É bom não esquecer que os sintomas para 1983 só indicam dificuldades. Afirmam os técnicos que seria o pique da estiagem. Há a exaustão dos cofres nacionais com os gastos eleitorais. Há, enfim, toda uma conjuntura gritantemente desfavorável e que vai exigir não apenas criatividade, mas resignação e compreensão. É possível que muita coisa no Rio Grande do Norte, da pouca coisa que anda, tenha de ficar temporariamente paralisada.

Aí, reflui a pergunta: o que lucrará o Estado com um governante eleito pelo voto direto? Uma resposta, pelo menos, vem de pronto: substância política, vitalidade, mais capacidade para reivindicar. E isso já é muito.

Eis o que José Agripino disse a RN/Econômico sobre política, suas idéias, o possível Prefeito de Natal, sua equipe e estilo de governo



Um homem tranquilo, confiante — irradiando confiança, mesmo —, já sem vestígios de ressentimentos ou marcas aparentes dos duros combates da campanha, desembaraçado na exposição das idéias e fascinado com a tarefa que tem pela frente.

Esse o quadro psicológico do governador eleito do Rio Grande do Norte, José Agripino Maia, no dia em que ele recebeu a equipe de **RN/ECONÔMICO** para uma entrevista, no início de dezembro, dez dias após conhecidos os resultados definitivos das eleições de 15 de novembro. Interiormente, o jovem governante, naquele dia, poderia até experimentar sensações diferentes ou viver um estado de espírito bastante diverso do que dava idéia. Mas é muito difícil que um ser humano possa ter tamanha capacidade de dissimulação.

Nos mínimos gestos, nas palavras, no grau de atenção (ele teve a lembrança de desligar o gravador, após a entrevista, enquanto os próprios en-



trevistadores haviam esquecido o detalhe). E não desligou o gravador por receio de indiscrições: a saleta estava ficando vazia. Foi, realmente, detalhe indicativo de um homem que está atento, ligado e gosta de observar certas minúcias. Essa característica ficou bem marcante também no decorrer da entrevista, quando ele simplificava e reduzia colocações em frases objetivas e, em várias oportunidades, mostrou ter compreendido o sentido de palavras sutis voltando ao longo de outras exposições para bem esclarecê-las.

No ato da entrevista, José Agripino repetiu o que parece ser típico nele, desde que surgiu como homem público: enfrenta todos os seus compromissos e atividades com extrema seriedade e profissionalismo. É evidente que ele participa de corpo inteiro em cada ato, não adota a atitude de indiferença, superioridade ou enfado.

Não se deixou empolgar a ponto de ter o bom senso e a sua substância básica perturbados depois de uma vi-

tória em que, levando em conta o adversário e a sua idade como político jovem, seriam reações compreensíveis.

Com tantos compromissos e envoltimentos, marcou a entrevista às 10 horas da manhã no escritório do coordenador político da sua campanha, advogado Ney Lopes de Souza. Chegou com cinco minutos de atraso quando a mesa ainda estava sendo arrumada e o fotógrafo ainda não havia chegado. Não hesitou diante de nenhuma pergunta. Não demonstrou impaciência. E, quando a equipe de **RN/ECONÔMICO** se deu por satisfeita, ele parecia estar no mesmo rush do início: calmo, absorvido nas questões, empenhado em dissecar tudo sem deixar nenhuma dúvida.

E estava só. O coordenador da campanha ficou em outra sala. Não recorreu a nenhum assessor, nem a qualquer anotação.

De todas as características demonstradas por José Agripino, agora, depois das eleições em que saiu

vitorioso, a mais contagiante é a confiança. Ele, não há a menor dúvida, está confiante e seguro de que vai fazer um bom Governo. Também está consciente dos obstáculos — mas não os teme.

Na entrevista que se segue, as idéias principais do governador eleito José Agripino sobre o que pretende executar em seu princípio administrativo à frente dos destinos do Rio Grande do Norte.



RN/ECONÔMICO — Governador, o senhor já tem uma equipe formada, levantando as linhas básicas para o plano administrativo?

AGRIPINO — Eu vou fazer a programação do meu Governo, juntando uma equipe de pessoas que no meu julgamento têm conhecimento de causa dos problemas do Rio Grande do Norte. A partir da identificação dos problemas e dos caminhos e soluções, nós vamos traçar o perfil de cada titular das Pastas do Governo, objetivando a que esses homens sejam capazes de desempenhar as tarefas que vão ficar sob as suas responsabilidades. Resumindo: normalmente se escolhe os Secretários de Estado para desempenhar certas tarefas. Eu vou delinear o plano de Governo, dentro dos nossos critérios, atendendo a pro-

levantamento geral sobre o homem do campo — um inventário — já está começando a recolher informações e os primeiros dados para que no mês de janeiro nós possamos, com a equipe definida, elaborar o programa de Governo. Feito o programa de Governo, levando em conta as prioridades do Estado, nós passaremos à segunda etapa, que é a identificação dos homens que vão ser responsáveis pela concretização desse programa.

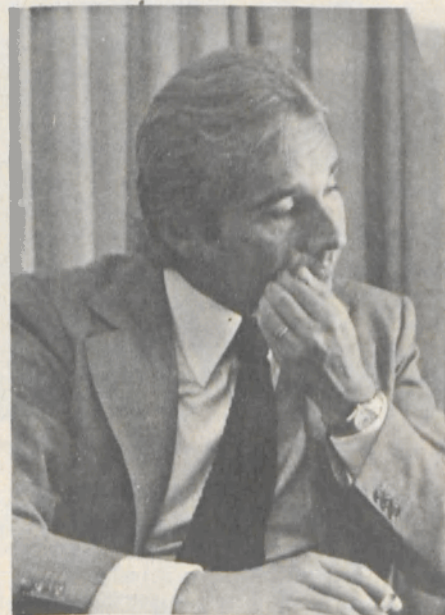
RN/ECONÔMICO — Então o senhor vai identificar os problemas e escolher os homens depois para resolvê-los?

AGRIPINO — Vamos analisar os problemas. Identificar, eles já estão identificados. Vamos dissecar estes problemas. Inclusive ouvindo nessa

ou extinguir Secretaria não é o fato mais importante. Importante é a identificação da prioridade. Por exemplo: dentro da Agricultura, eu acho que a prioridade maior vai ser o programa de geração de recursos hídricos. Não haveria necessidade de você criar uma Secretaria de Recursos Hídricos. Você pode, dentro da própria Secretaria, fortalecer o sistema que vai atuar na construção de barragens subterrâneas, de barragens, de açudes e poços sem precisar criar um novo organismo que vai ser fatalmente oneroso aos cofres do erário estadual.

RN/ECONÔMICO — O senhor considera, de princípio, a estrutura orgânica do Estado adequada?

AGRIPINO — Em princípio, adequada. Se houver necessidade de



messas e a compromissos que eu assumi com os eleitores, e a partir do plano de Governo é que nós vamos escolher as pessoas para desempenhar o papel em cada Secretaria. Desde dezembro esse trabalho já começa com a prioridade dada a identificação dos problemas do homem do campo. A minha prioridade vai ser a atenção ao trabalhador do Rio Grande do Norte. Ao longo da campanha e mesmo antes disso nós tínhamos informações do que era preciso para melhorar a vida do homem do campo.

É claro que é importante construir estradas, construir poços, construir açudes. Mas meu objetivo maior é levar melhores condições para a família, para o cidadão. Isso se consegue do apoio direito à sua atividade. Esta equipe que no mês de dezembro faz o

fase, pois pretendo fazer isso, os próprios sindicatos dos trabalhadores do campo, por exemplo, para que eles nos dêem as informações corretas das suas necessidades. Porque entende do problema quem vive o problema e quem sofre o problema. Para, a partir deste diagnóstico, da verificação dos problemas reais, nós traçamos um programa de ação e, depois deste programa de ação, encontrarmos o perfil do cidadão que vai concretizar este programa.

RN/ECONÔMICO — Dentro desse raciocínio é possível que ocorra uma mudança orgânica na estrutura administrativa do Estado? Digamos, modificações em atribuições de Secretarias?

AGRIPINO — Não necessariamente isso. Isso de você criar Secretaria

algum ajuste ele será feito.

RN/ECONÔMICO — Quais seriam as outras prioridades, além das já citadas?

AGRIPINO — Se um governador de um Estado pobre como o Rio Grande do Norte quiser largar fazendo tudo o que é preciso, ele se perde na largada. É, portanto, indispensável o equilíbrio do governante na identificação das prioridades. Evidente que é importante resolver o problema do Walfredo Gurgel, evidente que é importante melhorar as condições de segurança aqui em Natal, evidente você construir uma escola de 2.º grau em cada grande bairro de Natal. Mas eu tenho duas grandes prioridades e vou partir com elas, independente das gestões que vou fazer para arrumar programas, para continuar prover



Natal e o Estado da infra-estrutura básica de que os dois necessitam.

RN/ECONÔMICO — E quais essas prioridades?

AGRIPINO — Seriam: atenção ao trabalhador do campo com o objetivo básico de melhorar o nível da sua renda e dar a sua atividade a segurança da remuneração e, em paralelo, a geração de empregos, através da implantação de projetos industriais e, principalmente, através do apoio a micro-empresa em atividade no interior do Estado, que podem elevar o nível de renda das pessoas. Vou citar um pequeno exemplo: no Vale do Açu onde, de forma espontânea, há o cultivo de fruteiras (manga, pitanga, banana, etc), já se formaram, com o apoio da Emater, algumas cooperativas para a fabricação de doce. Então, mães de família que, antes, tinham parte do seu tempo ocioso, passam a participar de uma cooperativa onde frutas são transformadas em doce. E estas mães agregam 15 mil cruzeiros por mês à sua renda. Por que não multiplicar esse tipo de atuação por todo o Estado, onde houver esse tipo de oportunidade? A minha preocupação precípua, básica, é elevar o nível de renda e criar novas oportunidades de emprego à luz da realidade local do Rio Grande do Norte.

RN/ECONÔMICO — Criar as fronteiras de emprego?

AGRIPINO — As fronteiras de emprego sem estar vinculado umbilicalmente ao modelo tradicional da Sudene, de investir 1 bilhão de cruzeiros para gerar 300 empregos. Não é essa a minha preocupação maior. É evidente que eu vou fortalecer os Distritos Industriais de Natal, Mossoró, Currais Novos, para trazer aquilo a que nós temos direito: os empreendi-

mentos da Sudene. Mas com isto eu vou gerar o que: dois mil três mil empregos? Eu estou preocupado em gerar 50 mil, 100 mil empregos, quantos eu puder.

RN/ECONÔMICO — O senhor marcou a sua administração à frente da Prefeitura de Natal indo buscar fora os recursos que nós não tínhamos para os grandes empreendimentos. No Governo do Estado o sistema vai ser o mesmo?

AGRIPINO — Neste mês de dezembro eu já irei a Washington, ao Banco Mundial, buscar recursos. Em função de 16 programas que nós realizamos e implantamos em Natal em tempo recorde, e a custo muito baixo, nós conquistamos a confiança do Banco Mundial, que acompanhou a nossa campanha e a nossa eleição e já me dizia e já acenava com a possibilidade de um apoio maior se eu fosse governador, pela confiança que nós conseguimos conquistar pela implantação correta de 116 projetos de cunho social. E, agora, vai chegar a hora de obter esses recursos para a aplicação no meio rural. O objetivo do programa que eu vou discutir, já agora, no mês de dezembro, em Washington, no Banco Mundial, é a preparação da infra-estrutura básica de comunidades rurais. Não nas cidades do interior. Mas nos vilarejos, distritos, você pega instala água, através de poços e pequenos açudes; energia elétrica, puxando pela derivação da energia elétrica rural, estradas vicinais e recursos para financiar o agricultor, na titulação de terra, na geração de água, na técnica da irrigação sem sofisticação e no crédito subsidiado para que ele faça o investimento da sua safra e na propriedade. Isto, no meu julgamento, é o que de maior

importância eu posso fazer no Estado. Eu quero ver se retorno parte da população do Estado que hoje mora nos centros urbanos para o meio rural. Porque entendo que o agricultor que se muda para cidade ele perde, ele fica fora do seu habitat. Ele perde a sua força natural de trabalhar e de produzir. Ele não tem uma qualificação de mão-de-obra para desempenhar uma função na cidade; o lugar dele é no campo. O que é preciso é que no campo ele tenha condição de garantir a sobrevivência da sua família. É isso o que eu quero fazer. Inverter o processo de êxodo rural. Mas tenho de dar condição de habitação rural também. E, nisso, o Ministro Andrezza já tem um compromisso comigo: se eu fosse eleito, seria pioneiro também num programa de habitação rural.

RN/ECONÔMICO — Essas providências irão provocar muitas modificações nos planos que já existem?

AGRIPINO — Elas irão complementar. Porque eu julgo o seguinte: nos últimos dois Governos se deu ênfase especial à implantação da infra-estrutura básica do Estado. Construção de estradas, hospitais, escolas, telefonia. Agora chegou a hora de cuidar basicamente da questão social. Do homem, cidadão. Claro que é importante continuar com a implantação dessa infra-estrutura. Então eu vou dar um enfoque novo, diferente do enfoque dado pelos dois outros Governos.

RN/ECONÔMICO — E os grandes projetos que já existem, como o Projeto Camarão e o das Vilas Rurais?

AGRIPINO — Tdos eles terão curso normal. O Projeto Camarão, que é um programa de amplas perspectivas no Estado, terá todo o meu apoio.

Por uma razão muito simples: emprega muita gente, aproveita áreas hoje ociosas no Estado, que são as salinas extintas e abre perspectivas de exportação de um bem consumido pelas elites internacionais gerando possibilidades de exportações para o Rio Grande do Norte. O Projeto Camarão terá meu apoio integral. O Projeto da Serra do Mel da mesma forma. Eu tenho, inclusive, um compromisso com os colonos de ir lá tantas vezes quantas se faça necessário para discutir com eles das necessidades de atuação em cada setor. Eu tenho a humildade de dizer que quem ensina um governante ser bom governador é o próprio povo. E aquilo que eu fiz quando fui prefeito de Natal vou fazer quando for governador: nas Vilas Rurais, quem sabe o que é preciso fazer são os colonos. Eu irei buscar, reunindo as forças que puder reunir, os recursos para as Vilas Rurais. O Projeto Boqueirão a mesma forma. É um projeto que já está em fase de maturação, que vai ter também o meu apoio, pela mesma razão. É um programa que é desenvolvimentista para o Estado, que gera emprego. A minha grande preocupação é emprego e elevação de nível de renda. Vilas Rurais, Projeto Boqueirão, Projeto Camarão, todos são projetos desenvolvimentistas, que geram emprego, que dão ocupação e renda a pessoas que têm dificuldades de sobreviver em nosso Estado.

RN/ECONÔMICO — E a crise econômica que ronda o País e é tão falada? Isso gera preocupação da sua parte?

AGRIPINO — Evidente que gera.

O fato do País estar recorrendo mais uma vez no Fundo Monetário Internacional — não é a primeira vez — é um indicador de que a economia está debilitada, está em dificuldades. Evidente que esta crise se refletirá no Rio Grande do Norte. Agora, eu acredito muito no talento dos governantes. E em época de dificuldades é que se prova quem são os bons. Isso me preocupa, mas não me intimida. O Rio Grande do Norte tem boas perspectivas de desenvolvimento e eu irei buscar os meios para concretizar essas perspectivas.

RN/ECONÔMICO — O senhor acredita que vai ser preciso dialogar além do normal em Brasília para tentar recursos? Ou seja: o tal jogo de corpo para conseguir recursos?

AGRIPINO — Eu aprendi uma coisa quando fui prefeito de Natal: os governantes disputam recursos. Não são os Estados. São os titulares dos Governos. Leva mais quem apresenta os melhores projetos, quem for dono dos melhores argumentos, tiver o melhor nível de talento pessoal. Eu vou fazer o que tiver ao meu alcance, na minha inteligência e na minha capacidade de argumentar. Eu acredito muito na força dos argumentos que são dados pelo povo. Eu aprendi isso na Prefeitura. Quando a gente elabora um projeto, fundamentado em anseios e aspirações populares, esse projeto encontra receptividade em Brasília. Por uma razão só: porque ele é maduro, porque ele é consistente, ele tem a força do argumento vivo. Vou governar do mesmo jeito. Quando eu for às Vilas Rurais, para elaborar programas que objetivem a resol-

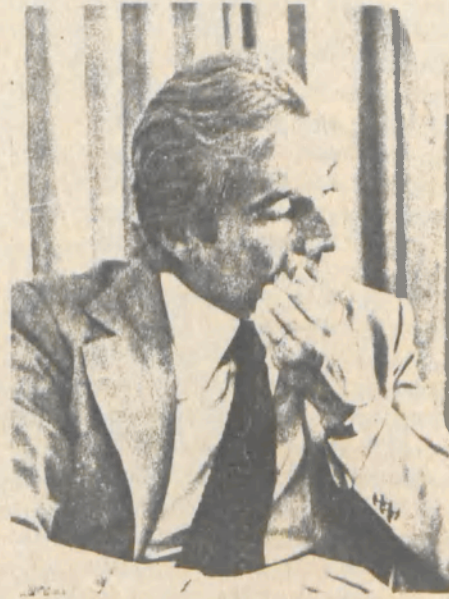
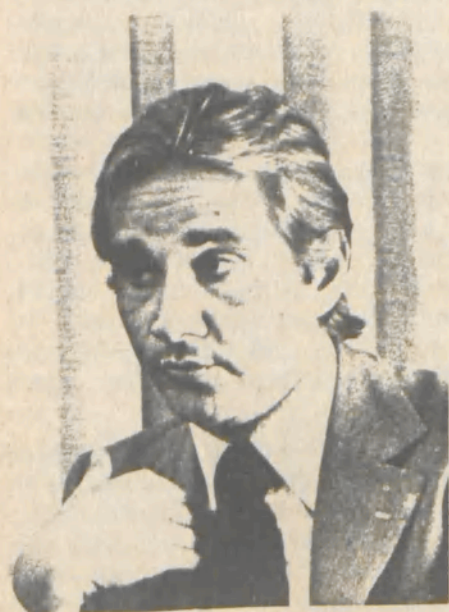
ver problemas, eu estarei recolhendo subsídios do próprio povo para constanciar no papel, levar a Brasília, ou levar ao Banco Mundial, levar a quem tenha dinheiro para me ajudar. Acredito muito na força dos indicadores do próprio povo.

RN/ECONÔMICO — E a experiência da eleição? O que ficou? A campanha foi dura, não foi?

AGRIPINO — Muito. Muito dura. Se você perguntar, como eu analiso essa eleição, vou dizer: ganhou quem teve a confiança do povo. Quem ganhou não foi propriamente José Agripino. Ganhou, sim, a mensagem de José Agripino e a força da credibilidade da mensagem de José Agripino. O outro lado perdeu a confiança do povo. Como o outro tinha sido governador e não tinha cumprido aquilo que tinha prometido, ele não caiu na preferência do povo. Então apresentamos uma proposta nova, trazíamos a renovação e trazíamos, sobretudo, a sinceridade da palavra. Então o que houve, no meu julgamento, foi isso: dessa eleição o que eu carrego é o peso de uma responsabilidade muito grande, porque eu percebi, do meio para o fim da campanha, que havia, no seio do povo, uma confiança enorme do povo na minha pessoa. Confiança essa que, por hipótese alguma, vou falhar, pois vou lutar com todas as minhas forças para corresponder.

RN/ECONÔMICO — Em termos de Nordeste, o senhor pensa no Rio Grande do Norte como um Estado individualizado ou uma unidade integrada?

AGRIPINO — O Nordeste não é uma massa homogênea. Os proble-



mas do Rio Grande do Norte não são os mesmos da Paraíba, do Ceará, do Piauí, do Maranhão, de Sergipe, das Alagoas, de Pernambuco, da Bahia. Alguns problemas são comuns. Quando estes problemas forem comuns, eu estarei me juntando a outros governadores do Nordeste e farei movimentos neste sentido, para que em bloco nós possamos defender a solução dos nossos problemas comuns. São os macroproblemas do Nordeste. Mas há muitos problemas próprios e específicos do Rio Grande do Norte. E é exatamente a estes que eu vou dedicar a maior parcela do meu tempo. É aqueles tipo cooperativa de doces, tipo apoio ao garimpeiro que, hoje, só explora a scheelita mas que pode explorar também a tantalita, a barita, a colômbita e precisa de

que venham soluções, através de projetos e programas pré-estabelecidos.

RN/ECONÔMICO — Este comportamento, que diríamos independente, poderia gerar problemas com o Governo Central?

AGRIPINO — Não, de forma alguma. Isso é uma questão de habilidade e compreensão do Governo Central. Eu não vou contestar nenhum Governo. Eu vou apresentar dificuldades e problemas. Dentro de uma realidade que eu enxergo. Eu não vou contestar nada. Eu não vou dizer que o Governo está errado. Até porque os programas que o Governo Central elabora estão corretos. Mas não são programas que cobrem um universo de dificuldades do Rio Grande do Norte. E a minha obrigação é tentar cobrir todo esse universo.

governadores eleitos pelo voto direto?

AGRIPINO — Eu posso dizer a minha postura pessoal — que aqui foi caracterizada como independente. Vou colocar no foro da Sudene — que é um foro de audiência nacional — os problemas da região e do meu Estado. Com independência. Pois eu tenho na minha consciência que eu represento e tenho compromisso com dois milhões de norte-riograndenses, parte dos quais votou em mim, mas a quem eu vou governar por igual. Na Sudene eu vou defender, em função do voto que eu recebi do povo do Rio Grande do Norte, a solução dos problemas do povo do Rio Grande do Norte. Sem agressões a ninguém. Mas com firmeza, coragem e determinação. Acho, inclusive, que o Con-



apoio para que isso possa acontecer. Este problema não existe na Paraíba — existe no Rio Grande do Norte.

Então, quando os problemas forem comuns, eu estarei atuando em bloco com os governadores e farei movimentos e reuniões para que possamos nos unir e defender as causas do Nordeste. Mas estarei muito atento é aos problemas do Rio Grande do Norte. Defender soluções próprias nossas. Acabar com essa história do modelo carimbado do Nordeste, de só se executar no Rio Grande do Norte programas preconizados pelo Governo Central. Não. Eu vou governar de baixo para cima. Eu vou ter os meus programas, eu vou ter as minhas próprias intenções e vou defender, lá fora, junto a quem tenha dinheiro, a solução destes problemas e não esperar

RN/ECONÔMICO — Mas os tecnocratas de Brasília nem sempre compreendem isso, não é?

AGRIPINO — Mas se você explicar direitinho, até com humildade, compreendem. Vou puxar o gancho para a minha experiência pessoal.

Não há nenhum programa, a nível de Governo Central, tipo Frigonorte, como esse que nós implantamos aqui em Natal. Eu tive apoio do Governo Central, para a construção de câmaras frias. Depois que eu implantei, mostrei o resultado, mostrei o sucesso, levei prá eles: está aqui, quero apoio. Me deram apoio. Como tive vários casos.

RN/ECONÔMICO — Como acha que será o comportamento da Sudene em relação ao Nordeste, agora com os

selho da Sudene vai adotar uma postura de mais independência, agora, porque os governadores foram eleitos pelo voto do povo.

RN/ECONÔMICO — Qual a sua opinião com relação à eleição direta para os prefeitos das capitais?

AGRIPINO — Eu tenho uma opinião e não vou mudar. Até haver a reforma tributária, que é preciso que ocorra o mais rápido possível para devolver aos Estados e aos municípios à condição de gerir os seus próprios negócios e resolver seus próprios problemas, o prefeito de capital eleito por um partido diferente do partido do governador estará condenado a levar a população desta capital a enormes dificuldades. Porque as capitais hoje detêm um orçamento insuficiente para a manutenção do seu quadro



de pessoal e para o custeio, investimento zero. Então como um prefeito pode governar a cidade e melhorar a qualidade de vida do povo se não dispõe de recursos? Ele tem de se apoiar no governador, ele tem de se apoiar no Governo Central. Eu, portanto, advogado e sou favorável as eleições diretas para prefeito, mas em chapas vinculadas à do governador. Para que os dois possam caminhar juntos.

Quando a reforma tributária ocorrer e as capitais — que são o maior problema deste País, a gestão das cidades sedes de capitais — aí não, o prefeito poderá ter rumo próprio, poderá gerir seus próprios negócios, poderá ter o partido que o povo entender. Mas estabeleço a coisa nessa sequência de ideias.

RN/ECONÔMICO — O senhor poderia dar um perfil do futuro prefeito de Natal?

AGRIPINO — O perfil do prefeito que eu vou nomear será exatamente refeito com a postura que eu adotei quando prefeito da cidade. Eu acho que não se muda time que está ganhando. Eu acho que pela primeira vez na história da política do Rio Grande do Norte o candidato do Governo empatou a eleição na capital. Eu sei porque eu não ganhei a eleição na capital. Não vou analisar esse fato agora. Mas eu deveria ter ganho a eleição na capital. E a intenção do povo era me dar a vitória na capital. Mas de qualquer forma quem perde por 184 votos empatou a eleição. Isto nunca aconteceu. E isso para mim dá o seguinte recado: eu trabalhei corretamente pela cidade, o povo entendeu que aquilo que José Agripino-

no-Prefeito fez foi o que a cidade estava precisando. O prefeito vai ter uma orientação semelhante a que nós tivemos em Natal, voltado para a periferia, para a ação social. Terá minha orientação nesse sentido. Terá o meu apoio. Não por presunção da minha parte. É que eu recebi o referendo das urnas. O povo falou por mim. Eu quero, portanto, que o novo prefeito adote uma postura que o povo referendou e aprovou.

RN/ECONÔMICO — A composição do seu quadro de auxiliares, que critério obedecerá? Tecnocrático ou político?

AGRIPINO — Tendo a questão social como prioritária, prioritários para ocupar as posições-chaves serão os políticos. Porque, normalmente, até pelo maior convívio com o povo, são pessoas que têm maior sensibilidade social. Nos postos de comando do Governo estarão políticos assessorados por técnicos. O técnico vai elaborar o programa, dar o retrato da solução e o político vai incrementar a solução. Haverá, portanto, um assessoramento técnico, sob o comando do político com sensibilidade social. Isso tudo dentro de um objetivo maior da minha administração, que é atacar a questão social.

RN/ECONÔMICO — Para a Prefeitura deverá ir um técnico ou um político?

AGRIPINO — Deverá ir um político. Nunca as Prefeituras das capitais são ocupadas por um técnico. Deverá ser um técnico com aptidão política. Convivência política.

RN/ECONÔMICO — O futuro prefeito de Natal poderia ser um seu con-

corrente político, numa hora de lideranças jovens, de novas lideranças?

AGRIPINO — Um governador que nomeie um prefeito receioso, que a partir do seu desempenho, ocupe uma liderança e dispute com ele uma liderança, esse governante não tem a menor condição de ser líder.

RN/ECONÔMICO — Dentro dessas prioridades que o senhor citou aí, como o Estado poderá desenvolver um programa social sem os recursos necessários?

AGRIPINO — Muito difícil, claro. A participação comunitária é muito difícil. Mas sem os recursos fica mais difícil. Eu pretendo obter esses recursos. E vou conseguir esses recursos.

RN/ECONÔMICO — Mesmo com a crise no País?

AGRIPINO — A crise que nós estamos vivendo não é muito maior do que a que ocorreu no ano passado e no ano traseado. Nós estamos vivendo um quadro de dificuldades. Não acredito que vá ocorrer nos próximos anos um quadro maior de dificuldades do que nós já passamos.

RN/ECONÔMICO — E o crescimento desordenado que Natal está passando? E a questão da segurança?

AGRIPINO — Esta é uma questão prioritária e eu pretendo atacar logo de partida. Através de um reaparelhamento do nosso mecanismo policial e de uma preparação, através de cursos de orientação, para a tropa policial. É preciso disseminar a presença física da Polícia por todos os pontos da cidade. Inovar, inclusive, com a instalação de postos de Polícia, pe-

quenos postos policiais em zonas nervosas da cidade. Para que a presença policial afaste o malfeitor e para que a população tenha no próprio bairro a segurança. Tenha a quem recorrer. Para que a pessoa ameaçada tenha condição de se comunicar rapidamente também com a Central através da rádio-comunicação. Uma série de novidades que eu pretendo trazer para a cidade. E, se necessário, também o aumento do contingente da Polícia.

RN/ECONÔMICO — E o problema do trânsito de Natal? Pretende fazer alguma reformulação no Detran?

AGRIPINO — São duas coisas. Primeiro que tudo, malha viária e sistema viário da cidade, para que você possa estabelecer um fluxo de trânsito normal; e, segundo, o aparelho policial, o guarda de trânsito. Quando eu fui prefeito pude dar um avanço muito grande com o asfaltamento de avenidas, duplicação de avenidas, implantação de linhas exclusivas de transportes coletivos. Isso vai continuar. Isso já está assegurado que vai continuar, pelo programa de Aglomerados Urbanos de Natal, que eu lutei

e consegui aprovar e que o prefeito Manoel Pereira já começa a implantar e mesmo pelo trabalho que eu vou fazer agora: complementado a malha viária da cidade e modernização da estrutura funcional do Detran.

RN/ECONÔMICO — Uma perguntazinha política. Pelas especulações políticas, o senador Carlos Alberto poderia ser uma pedra no sapato?

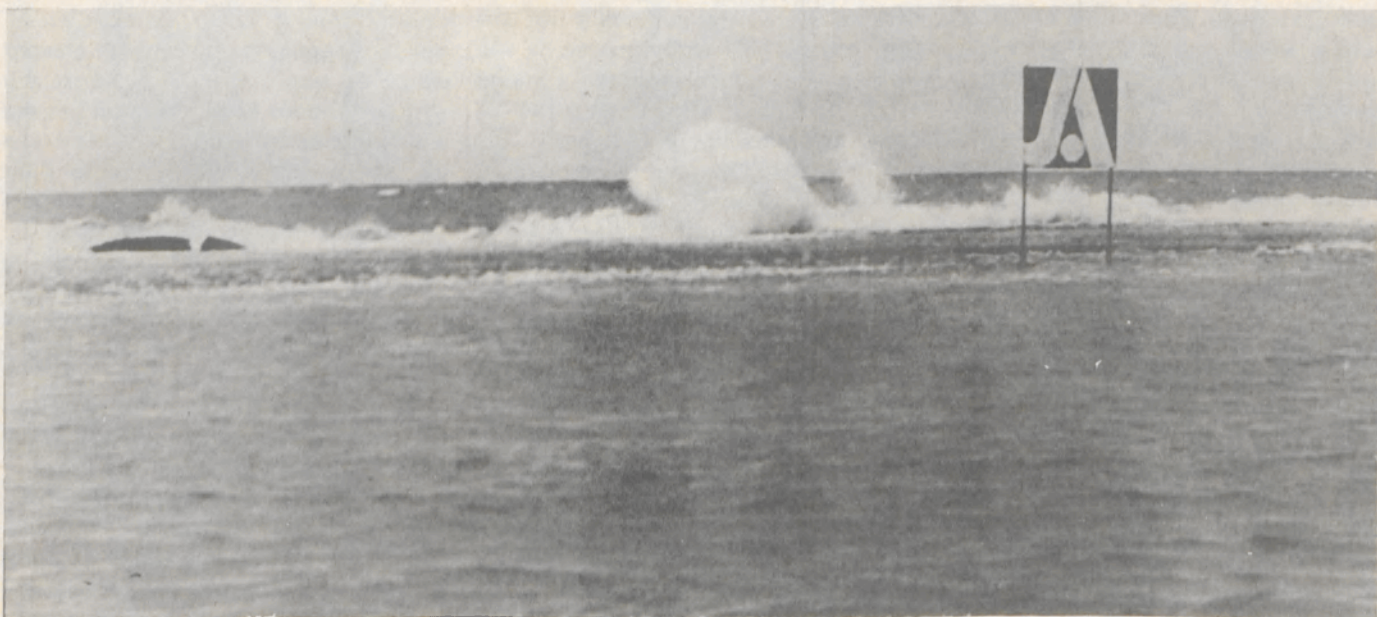
AGRIPINO — Eu fiz a campanha praticamente toda com Carlos Alberto ao meu lado. Em nenhum momento, em toda a campanha, eu tive qualquer rusga com Carlos Alberto. Me entendi muito bem com ele. E mesmo durante a campanha ele já manifestava a preocupação íntima dele de que, após nossa eleição, os nossos adversários virem a fomentar desentendimentos que não existem entre nós. Mas o básico disso tudo é o seguinte: nós pertencemos ao mesmo partido, nós fomos eleitos com uma margem de votos muito grande e temos consciência de que trabalhando pelo povo e continuando a merecer a confiança desse povo nós poderemos trabalhar por esse Estado muitos anos mais.

Então vai presidir o bom senso e o entendimento. Então, percam as esperanças aqueles que pregam a esperança de que amanhã vai haver desentendimento entre a minha pessoa e a de Carlos Alberto. Tanto ele como eu temos equilíbrio suficiente para nos entendermos, para nos comportarmos, em benefício do interesse do povo do Rio Grande do Norte. O que há é um trabalho permanente de fomento por parte de nossos adversários de rusga, de divergências, etc. Divergências que não existem.

RN/ECONÔMICO — Na composição política para o Secretariado, qual o critério predominante?

AGRIPINO — O líder tem de sintetizar o pensamento dos liderados. Lidera quem tem capacidade de aglutinação. Aglutinação e composição. O meu Governo terá representantes de lideranças do nosso partido, que haverão de ter oportunidade de apresentar sugestões, não imposições. Sugestão de nomes que serão analisadas pelo meu Governo dentro do critério normal do regime democrático. □





Na campanha, tudo para levar a mensagem do candidato

POLÍTICA

Acaba o processo eleitoral; é o começo de novo quadro político

O encerramento da campanha eleitoral, para a realização das eleições diretas ao Governo e Senado, marcou não apenas o reingresso do Estado nos ainda estreitos caminhos da redemocratização, mas também a volta das grandes conflagrações políticas, no Rio Grande do Norte, quando PDS e PMDB, ignorando completamente os minguados e quase homônimos PT e PTB, lançaram-se às ruas com vigor incomum, à busca do voto para a eleição dos seus candidatos, especialmente Aluizio Alves, pela Oposição, e Agripino Maia, pelo lado do Governo, na disputa o Executivo Estadual. Claro, também, com relevo especial para os disputantes ao Senado: Roberto Furtado, Odilon Ribeiro Coutinho e Olavo Montenegro, PMDB, e Carlos Alberto e Ulisses Potiguar, na área do PDS, além do suplente do primeiro, Nei Lopes de Sousa.

O representante do PT, Rubens Lemos, e Vicente Cabral de Brito, pelo PTB, obtiveram votações tão insignificantes, que o primeiro somente conseguiria eleger-se a vereador em Natal, e o outro talvez nem a isso chegou. Tal disparidade de situações, demonstra bem em que clima registrou-se a campanha no Rio Grande do Norte: de um lado, PMDB e PDS mo-

bilizando multidões num confronto poderoso, e do outro, dois minúsculos Partidos, incapazes de um apelo mais vigoroso em torno de suas bandeiras programáticas.

No embate travado entre as duas mais fortes siglas, o debate pessoal e político assumiu literalmente o fragor de uma batalha, com a campanha ora tomando o rumo do confronto de idéias, ora descendo para a ravina das retaliações. No mais, foram as grandes marchas que o PMDB realizou de Natal a Macaíba, São Gonçalo do Amarante e Eduardo Gomes, além de vigílias monumentais. O PDS, por sua vez, mesmo sem aventurar-se a tão grandes percursos, promoveu grandes concentrações em Natal, seguidas de passeatas de uma ponta à outra da cidade, num verdadeiro carnaval, como não se vê nem mesmo em festivos e bacantes dias de fevereiro.

VOTOS AQUI E ALI — Durante a campanha, tanto PDS como PMDB funcionaram como duas máquinas gigantescas. O primeiro, efetivamente dotado de uma invejável estrutura material e humana, além de muito dinheiro, enquanto os opositoristas, mesmo sem dispor do mesmo apar-

to, mobilizavam-se a partir do carisma pessoal do seu candidato, Aluizio Alves, levando adiante a sua proposta. Perdendo o confronto em termos de carros de som, o PMDB, cujas Kombis não conseguiam competir com os gigantescos trios elétricos do PDS, tinha a seu dispor o jornal *Tribuna do Norte* e a *Rádio Cabugi*, con-



Os comícios/passeatas: momentos altos da

seguindo de alguma forma enfrentar o poderio da máquina governamental.

Trunfo importante para a vitória do PDS, o voto vinculado também funcionou a contento, atirando à contabilidade eleitoral de Agripino as carradas de votos, que asseguraram a sua vitória. Nessa área, teve também capital importância a figura do cabo eleitoral, conseguindo votos aqui e ali, negociando favores futuros e colaborando na solução paliativa dos problemas de algum eleitor. Foi todo um monumental esquema montado e acionado em todo o Rio Grande do Norte, com notáveis resultados em Natal, onde o PDS conseguiu neutralizar completamente a presença oposicionista, que esperava sair com uma margem de 30 mil votos para compensar a expressiva votação que viria do interior.

A mobilização política do Estado serviu também para marcar o desempenho de cada candidato, especialmente Aluízio e Agripino, cada um com uma linha pessoal de ação bem diversa. O primeiro, apoiado no reconhecido carisma, no discurso emocionado, no improviso emocionante, tinha pela frente um adversário que utilizava-se da imagem de administrador, justificando sua candidatura a partir da colocação de que queria um julgamento do povo pelo seu trabalho à frente da Prefeitura de Natal.

ARREBATA VIOLENTAMENTE

— A campanha, como se vê, teve seus grandes momentos com a realização das passeatas que praticamen-

te dividiam Natal, cujas paredes foram recobertas por retratos e pichações dos candidatos, cujo asfalto foi também tomado de assalto pela mensagem e pela propaganda, buscando a todo custo o voto de quem passasse. Era como se, todo sábado, Natal passasse para um grande carnaval, onde havia carros de som na rua e alegria nas multidões, apesar do custo de vida, apesar do preço da carne e do leite, apesar do BNH.

Nessa movimentação toda, a guerra da propaganda teve um papel importante. Tanto de um lado como de outro, houve um entrecchoque de propostas, uma conflagração de ataques pessoais. O Rio Grande do Norte, inequivocamente, voltou a palmilhar os caminhos das grandes campanhas, caracterizando-se outra vez, senão como um Estado politizado, pelo menos como um Estado onde a luta política absorve e arrebata violentamente todas as correntes de opinião.

Entretanto, ao mesmo tempo em que PMDB e PDS prosseguiram com suas campanhas, jactando-se ambos de uma vitória iminente, passavam-se os dias, as semanas e os meses. Da parte governista, era apregoada a convocação para que todos votassem no Partido do João, o Partido da abertura e da redemocratização, enquanto da parte oposicionista era feito o chamamento para que o povo repelisse o sistema que permite contínua a alta do custo de vida e o crescimento da dívida externa.

E todo o período eleitoral transcorreu num clima de radical confrontação. Nenhum dos candidatos limitou



Lavoisier: grande vencedor

seu discurso para repudiar o Partido alheio, ou comediou sua linguagem para agredir a figura pessoal do oponente. Nos últimos dias, o ritmo intensificou-se a tal ponto, que nem Aluízio Alves, com andanças por todo o interior do Estado, percorrendo mais de 75 cidades, no total de três mil quilômetros, nem Agripino, martelando os eleitorados de Natal e Mossoró, conseguiram descansar, numa disputa que suplantou até mesmo o aspecto político imediato, chegando ao patamar da competição física.

SALTITANTE MUSIQUINHA —

No último dia da campanha, após praticamente seis meses de mobilização de todo o Estado, Aluízio e Agripino dividiam mais uma vez Natal, cada um puxando quilométricas passeatas, que começaram a formar-se a



partir das 20 horas da sexta-feira, dia 12 de março. Era mais uma vez o povo na rua, dançando, cantando, ouvindo uma saltitante musiquinha intitulada Lambada do Tibúrcio. E todos foram nessa pisada, até às 8 horas do dia 13, com o PMDB encerrando a campanha com uma monumental concentração popular no bairro das Rocas. Um comício que juntou tanta gente, que o grande pátio da Feira do bairro foi insuficiente para conter a multidão, que espalhou-se ladeira acima, até chegar à imponente e despojada Igreja das Rocas.

Agripino Maia, por sua vez, seguiu com sua marcha por toda a cidade, acabando sua movimentação na Praia do Meio, como vinha tradicionalmente fazendo, durante toda a campanha. Ali também foi reunida uma multidão formidável, estirando-se acima e abaixo da Avenida Café Filho, subindo a Ladeira do Sol e chegando aos desvãos da Getúlio Vargas.

Dia 15 de novembro, uma segunda-feira, Natal inteira caminhou para as urnas. Nas quatro Zonas Eleitorais da cidade, em todas as urnas, foi então desenvolvido um trabalho intenso, com representantes do PMDB e PDS distribuindo chapas e buscando, à última hora, conseguir votos para a sua legenda. Houve incidentes: apesar da proibição do Tribunal Regional Eleitoral, jovens representantes do PDS compareceram às seções com camisas identificativas do Partido, portando no peito listras azuis e vermelhas, as cores governistas. Como o TRE somente permitia nas seções a presença de fiscais e ainda assim identificados apenas por crachás, a Oposição pediu a presença da tropa federal de sobreaviso para garantir o pleito, enquanto o PDS dizia que a rádio do PMDB, a Cabugi, estaria fazendo propaganda dos seus candidatos, mesmo após terminado o prazo para tanto.

A votação, transcorreu entretanto, num clima de tranquilidade, encerrando-se às 17 horas. Dia 16, logo aos primeiros resultados já se antevia a vitória agripinista, percebendo-se claramente que os votos de Natal estavam divididos, ao mesmo tempo em que o interior começava a despejar uma sólida votação no candidato governista, que afinal começava a amealhar os resultados vindos da sua bem azeitada máquina eleitoral. □

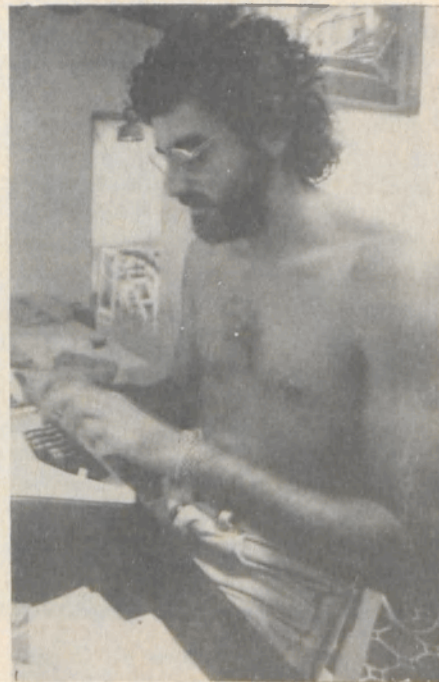
A paixão do povo

Jornalísticas políticos que militam na imprensa do Estado, têm as seguintes opiniões sobre o último processo eleitoral:

1982 devolveu aos riograndenses do norte algo que os apaixonou; as campanhas para escolha do governador. Líderes de um passado presente, e outros de um tempo que querem novo, mobilizaram o povo e provocaram cenas de epopéia: multidões infindas, marchas (quase) heróicas, vigílias incansáveis, caminhadas de devoção. Bandeiras, símbolos, cores, fantasias, cartazes, faixas, braços levantados, gestos variados... Tudo, enfim, espontâneo ou programado, resultou em espetáculos delirantes, inesquecíveis, reforçando nosso amor pelas aparências e pela visualização do grandioso, embora muitas vezes com o recheio exato de um bambu. Ora, ... o Rio Grande do Norte continua no Nordeste da América Latina.

As palavras, os discursos: denúncias de que continuam as mazelas do passado, promessas de que o admirável tempo novo virá; a mudança para melhor está na exata proporção da união do povo, ou está no talento individual do candidato. Propostas novas passadas despercebidas, discursos mortos não conseguem ressuscitar. O povo ouve e faz o gesto que identifica o autor. Mas chega de lero-lero! É preciso que a passeata siga porque há muitas ruas a percorrer e o povo gosta é de ver lá em cima, cercado das luzes vibrantes e dos sons elétricos, os líderes que o conduzem pelos caminhos da esperança.

Mas, parem! O sonho acabou. Passou-se a eleição. Há agora os vencedores. Por elegância, diga-se que não há vencidos, pois todos deram a contribuição esperada à democracia. Foi-se o tempo dos sonhos, chegou a estação da expectativa. Daqui a quatro anos terão se cumprido as promessas? Terá o Estado mudado (para melhor)? Ou tudo terá ficado como está agora?



Torçamos pela melhoria. Torçamos para que daqui a quatro anos a qualidade de vida dos potiguares tenha melhorado tanto que, como eleitores, já não corram apenas à traseira de carros luminosos e só dêem ouvidos a sons de frevos elétricos. Torçamos pela concretização dos novos (e bons) tempos prometidos. Torçamos para que nos sobre, se tudo faltar, a oportunidade nova de fazermos outra campanha, até que uma delas nos leve a integrar, efetivamente, um País chamado Brasil. (Osair Vasconcelos).

O grande vencedor

O resultado das eleições de 15 de novembro no Rio Grande do Norte não foi diferente dos demais Estados nordestinos: ganhou o PDS, ficando para o PMDB a conquista de alguns bons resultados isolados. O PDS fez o governador, o senador, manteve a maioria da bancada federal, da Assembléia Legislativa, fez a maioria dos prefeitos e sustentou a maioria também, nas Câmaras Municipais.

O PMDB cresceu como partido. Sai da disputa eleitoral com a certeza de que comanda um contingente de mais de 200 mil eleitores;

de que apesar da pequena diferença, consegue vencer as eleições em importantes redutos do Estado; de que pulou de 6 minguadas Prefeituras para mais de 30, o que significa dizer que multiplicou por 5 o número de prefeitos oposicionistas.

Mas o grande vencedor das eleições não foi PDS nem PMDB. Foi o povo. Como se tivesse havido uma explosão; como se um grito contido de repente ecoasse por todos os quadrantes do Rio Grande do Norte, o povo foi à praça pública, aplaudiu os seus candidatos, caminhou quilômetros e quilômetros, se sentiu livre, entrou pela noite, varou madrugadas e muitas vezes viu o sol nascer na orla marítima como se fossem repetidas manhãs de quarta-feira de cinzas de um carnaval que se renovava a cada final de semana. Durante os meses de campanha, a democracia esteve presente em cada município, em cada rua, em cada casa. No final da festa, a vitória do PDS.

Para ganhar a eleição, o PDS beneficiou-se da vinculação de votos, do apoio financeiro dos Governos Federal e Estadual que possibilitou a manipulação de votos em alguns redutos tidos como oposicionistas, além de assegurar a fidelidade dos seus próprios redutos, usando para isto a política de favores bem própria das épocas de eleição no Nordeste.

O PMDB perdeu porque, além de enfrentar a vinculação de votos e o poderio econômico/financeiro que possibilitou a montagem de uma perfeita estrutura partidária na capital e no interior, teve que enfrentar também o inegável crescimento de José Agripino Maia na capital. Trazido do Maranhão especialmente para ser prefeito de Natal e para dar continuidade ao projeto político do seu pai, Tarcísio Maia, Agripino durante o período que esteve à frente da chefia do Executivo Municipal, preocupou-se em beneficiar, de preferência, as populações residentes em bairros periféricos com obras que apesar de serem de fachada, conquistaram grande parcela do eleitorado pobre, antes fiel a Aluizio Alves.

O PMDB também não conseguiu inverter a campanha feita pelo PDS na base da "funalização".

Para o partido do Governo era importante, como foi, fazer a campanha na base do fulano contra beltrano, ou seja, Aluizio contra Agripino, aproveitando a imagem do jovem administrador bem sucedido contra um outro candidato possuidor de um passado político, com várias disputas, nas quais sofreu tantos sucessos como arranhões profundos e de difícil cicatrização. Além do mais, Aluizio Alves preferiu enfrentar a juventude do PDS com uma mensagem já do conhecimento do eleitor do Rio Grande do Norte, um discurso que para os mais jovens pareceu cansado pela repetição da mensagem e dos símbolos. Para o PMDB, seria mais interessante a luta entre Governo e Oposição, contando com o apoio da direção nacional do partido através dos seus líderes maiores.

Mas, foi uma bonita campanha política, apesar de algumas vezes ter faltado sensibilidade das assessorias para manter a disputa no nível elevado, caindo muitas vezes em ofensas morais que em nada contribuíram para o sucesso eleitoral deste ou daquele candidato. Vitorioso, o PDS deverá partir agora para consolidar as posições conquistadas e avançar na direção de outros territórios que não puderam ser conquistados nessa batalha. Para o PMDB, como disse Aluizio Alves, a luta deve continuar na tentativa de manter acesa a chama oposicionista nos municípios conquistados nesse pleito e, após uma análise detida dos erros e acertos, partir para uma nova estratégia que possa levar este partido de Oposição, já que os outros — PT e PTB — foram verdadeiros fiascos, ao poder no pleito de 86. (Luciano Herbert).



PEÇAS PARA FIAT E VOLKS



CASA DO VOLKS

Problemas do seu carro deixam de existir, quando você faz uma boa opção, e, essa é a Casa do Volks. Dispondo de um excelente estoque de peças, tintas automotivas, acessórios, escapamento e volantes esportivos; capas para bancos e sistema de som completo. Todos com instalação grátis, além de um amplo estacionamento. Sem compromisso, faça-nos uma visita.



Gurgel & Oliveira
Comércio e
Representações Ltda.

Av. Prudente de Moraes, 1804
Tel.: 223-2488

Melo: mensagem do PDS não perdeu a tradição

Em sua atribulada, candente e inicial passagem pela cena política nor-riograndense, onde surgiu como vice do governador Lavoisier Maia, lançou-se na ansiada e fugaz luta para sair candidato o candidato ao Governo pelo PDS, insurgiu-se contra o grupo Maia, formou o Pacto de Solidão e acabou por romper completamente com o esquema que domina o Palácio Potengi, o vice-governador Geraldo José de Melo acabou por esculpir de modo vigoroso e definitivo o capital de uma coluna que vinha erigindo cuidadosamente: dia 24 último, no modesto gabinete que a oficialidade lhe destinara no Departamento Estadual de Estradas de Rodagem, ele renunciou ao mandato, num pronunciamento de cerca de 50 minutos, que, se teve a marca da ponderação, incluiu também registros mais fortes, quando advertiu aos Maia para que o tratem com respeito, a fim de que tenham, todos, ao menos, a possibilidade de convivência pacífica.

Mas rompendo com os Maia, que detêm indiscutivelmente o poder político e pedesista no Rio Grande do Norte, chegando até a ameaçá-lo de expulsão do PDS, qual o futuro político de Melo, que mesmo na sigla governista ajudou a dar uma esfuziante votação ao deputado estadual peemedebista Garibaldi Filho, elegendo também o opositor Antônio Câmara como deputado federal, além de vários prefeitos pelo interior do Estado? Durante a entrevista que concedeu logo após a renúncia, proclamada às 12h15m do dia 24 de novembro, ele garante que continua no Partido, ainda seduzido pelos conceitos programáticos da legenda. Mas nada garante que, ao longo do tempo, fatos e circunstâncias não o encaminhem ao afastamento total da sigla primitiva, passando a formar ao lado da frente oposicionista, já que o próprio Melo alertou ao governador eleito, Agripino Maia, que, mesmo no PDS estará atendo e vigilante à sua administração.

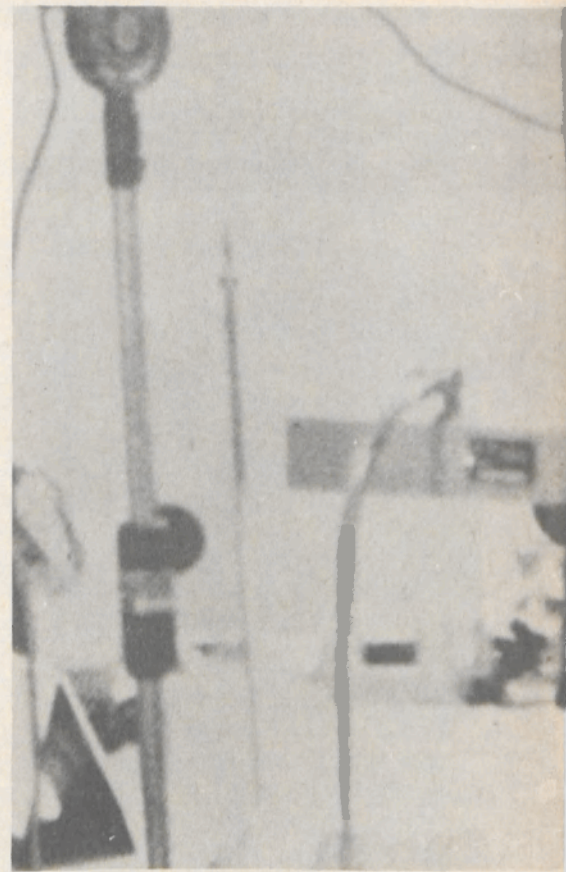
ATRAÇÃO PELA MENSAGEM — Na entrevista, questionado a respeito

de uma supostamente improvável permanência no PDS, declarou pausadamente: “O que me trouxe ao PDS foi a atração pela mensagem democrática do Presidente João Figueiredo e eu disse inclusive que achava, que, como a política é a arte do possível, até mesmo as concessões que ele tenha sido obrigado a fazer (permitindo os cauísmos eleitorais), elas talvez tenham sido necessárias, para tornar possível aquilo que de outro modo não teria sido realizado, que foram as eleições diretas para governador”.

Delineando, se não projeções futuras mais aprofundadas, mas pelo menos uma realidade mais imediata, afirmou, com relação à sua insistida permanência no PDS: “As razões que eu tinha (para ficar na legenda), continuam as mesmas. Não é numa hora como esta, que uma decisão de filiação partidária pode ser considerada, pois uma decisão de filiação partidária é uma decisão que se toma para perdurar. E há de ser num momento adequado em que esses assuntos estejam sendo examinados, que a minha posição, com relação a filiação partidária, poderá ser revista. Mas, no momento, eu não vejo nenhuma razão para discutir o problema de ficar ou não ficar no PDS, onde estou, desde a fundação do Partido, e onde pretendo continuar”.

A resposta, muito ampla, deixa, entretanto, a nítida impressão de que Melo, cerceado em seus movimentos políticos dentro da sigla governista, desvinculado dos círculos do poder, ojerizado até à agressão pelos tarcisistas, literalmente um mudo numa assembléia de falasões como é o PDS, fatalmente saltará para a planície ampla do PMDB, onde certamente teria mais espaços para falar, influir e encaminhar questões, além, é claro, de revigorar sua carreira em direção a um cargo eletivo.

AI É UMA OUTRA COISA — O ex-vice-governador, entretanto, que já fora alvo das explosões da vitória de Agripino Maia, sabe, além de tudo, que estará sempre na alça de mira do



Geraldo Melo formalizou o seu ato de renúncia

tarcisismo, chegando o guru maior, Tarcísio Maia, a chamá-lo de “traidor” — quando sentiu o apoio declarado de Melo ao candidato Aluísio Alves, do PMDB —, sendo secundado por Agripino, que brandiu uma advertência: ou Melo pedia desligamento do Partido, ou o próprio Agripino iria comandar o processo de expulsão. Nem Melo desfilou-se, nem o governador eleito fez qualquer investida nesse sentido, mas durante a entrevista coletiva foi o então renunciante quem atçou:

“Se me expulsarem do Partido, aí é uma outra coisa...”, para continuar, dizendo: “Com relação à volta às atividades políticas, o que eu tenho a dizer é que tendo na nossa região, tido vitórias marcantes, contando com mais de dez Prefeituras Municipais, e com lideranças fortes em pelo menos outro tanto, com um deputado federal, deputados estaduais, nós participaremos, porque teremos junto a essas autoridades, e junto a esses líderes, voz e direito portanto de dar a nossa opinião. Em que papel ficarei? Não sei. As circunstâncias dirão. Eu disse apenas que, embora sendo um homem do PDS, em relação ao Governo do Estado, eu tenho que continuar na posição em que me encontro. Em relação



vice-governança, que já era esperado

ao Governo do Estado, eu estou na Oposição”.

Uma posição desagradável, certamente. Sem dúvida, apenas uma cortina de fumaça produzida pelo retórica fluente de Geraldo Melo, um homem aparentemente imperturbável, que em suas confabulações com os peemedebistas que ajudou a eleger já deve estar analisando o momento apropriado para saltar do trem pedessista, ingressando com todas as bagagens na composição oposicionista. É claro. Não é à toa que este usineiro saiu da condição de amigo dileto dos Maia, para hoje defrontar-se com os dominantes do poder advertindo-os para que não reconduzam o Rio Grande do Norte ao irrespirável ar dos duelos de família.

PUNIDO, NÃO — Reportando-se à época em que Melo ainda pensava em sair candidato ao Governo, um tempo em que o ex-governador Tarcísio Maia garantia que o filho não disputaria o cargo, um jornalista lembrou a Melo uma de suas frases de efeito, quando o então vice-governador, buscando a existência de um clima de desinteresse pessoal e familiar no PDS, chegara a dizer que se Agripino não deveria ser punido pelo fato de ser um Maia (setores resistiam

ao continuismo familiar), ele próprio também não deveria ser punido (pelos Maia), pelo fato de não ser membro do clã. Admitindo que fizera a afirmativa, foi então indagado se teria sido punido pelos Maia, em decorrência de não portar o sobrenome. Rebateu da seguinte forma:

“Não. Eu acho que não. Eu acho apenas que eu não tive o apoio do grupo liderado pelo presidente do Partido, para ser candidato a governador, porque ele tinha outros planos. Isso não foi uma punição, porque afinal de contas muitos outros disputaram e também não foram. O Partido só poderia ter um candidato (ele esqueceu que a lei permita três sublegendas). Lamentavelmente, foi um candidato que apesar de ter sempre tido a minha amizade pessoal, foi um candidato em relação a quem eu tinha razões de ordem política para não poder apoiar. Mas eu não me considero punido, absolutamente, pelo fato de não ter sido candidato a governador”.

“Então, quem sabe, traído?”, insistiu o jornalista.

“É uma hipótese”, admitiu Melo, com um leve sorriso, enquanto ajeitava o paletó.

Após criticar a sustentação da família Maia no poder por mais quatro

anos, afirmar que os liderados do ex-governador Tarcísio Maia não têm qualquer vínculo com a ação programática do PDS e enfatizar que o sistema palaciano não encontra-se ligado às pretensões democráticas do Presidente Figueiredo, Melo garantiu que não há qualquer incoerência da sua parte em ficar na sigla, mas colaborando com o PMDB. Segundo garante, como os Maia representam tão somente um núcleo familiar, e não o PDS, ajudando a Oposição não está contra sua legenda, mas apenas enfrentando aqueles que buscam manter-se indefinidamente na berlinda política.

Lembrando então de que nos ambientes políticos comenta-se já que ele seria o candidato do PMDB para as próximas eleições para o Governo, saiu-se assim:

“Bom, eu não sei se tem alguma eleição para o Governo do Estado, já...”.

“Em 86”, insistiu o repórter, obtendo a seguinte colocação:

“Ah! Sim. Eu acho que qualquer especulação em torno desses assuntos, tanto na Oposição, quanto no Governo, não pode passar de brincadeira, a essas alturas dos acontecimentos”.

IDEC IMPULSIONA PARQUE DAS DUNAS

Os desafios que representavam a implantação das fases iniciais do complexo turístico Parque das Dunas — Via Costeira foram vencidos. A Fundação IDEC, que aceitou os desafios e os executou em boa parte através de convênios com a Secretaria de Planejamento do Governo do Estado, aplainou os caminhos para que, cumpridas mais algumas etapas, possam outros órgãos manter, preservar e administrar o que foi executado. A tarefa da Fundação IDEC, como acentuam seus técnicos, foi a de implantar e viabilizar as ações propostas, dentro da sua missão específica, no Sistema Estadual de Planejamento, de providenciar os suportes técnicos e científicos.

ETAPAS REALIZADAS — Dentro dessa esquematização, a partir de agosto de 1980, num rush de atividades que compreendeu 20 meses, a Fundação IDEC realizou um amplo levantamento sobre a área do parque, com a coleta e início da identificação das espécies vegetais nativas. Nas primeiras fases, foram selecionadas as espécies fixadoras de Dunas, bem como aquelas que seriam usadas no paisagismo. Foram coletadas e preparadas 359 espécies, das quais 190 identificadas e classificadas. Resultado desse trabalho: em fevereiro de 1981 foi implantado um viveiro na sede do IBDF que, hoje, dispõe de 10 mil mudas de diversas espécies. Em junho desse mesmo ano surgia o Horto Experimental, numa área de 20 hectares bastante devastados no Parque das Dunas e onde são realizados testes com espécies nativas, experimento este pioneiro. O segundo viveiro foi implantado em fevereiro de 1982, na área do Horto Experimental, estando com seis mil mudas.

Providência suplementar que se tornou necessária no decorrer dos trabalhos foi a da contenção dos taludes próximos ao calçadão da Via Costeira, executada com apoio da EMPARN.

Foi realizada a revegetação das seguintes áreas críticas: área do Horto Experimental, com 20 hectares; área do Farol de Mãe Luíza, com 27 hectares; área do Centro de Convenções, com 36 hectares.



Todas as áreas do Horto e do Farol foram também revegetadas e os trabalhos na área do Centro de Convenção estão em andamento.

MAIS PROVIDÊNCIAS — O trabalho de preservação das áreas tem sido amplo e sistemático. Desapropriações, assim como indenizações, foram realizadas com vistas à preservação do ecossistema das Dunas.

A partir de julho de 1982, a Fundação IDEC firmou convênio com a SEPLAN para a realização de novos serviços. Compreendendo: a) — conclusão dos trabalhos de revegetação nas áreas do Horto, do Farol e do Centro de Convenções; b) — realização das atividades de paisagismo na Via Costeira (canteiros e retornos), de acordo com o projeto elaborado pelo escritório de Burle Marx; c) — continuação do levantamento florístico e a organização do herbário, com apoio do Museu Nacional; d) — recrutar, treinar e fazer operar um corpo de Guarda Florestal, que deverá policiar a área de propriedade do Estado e que será o Futuro Parque das Dunas.

Até março de 1983 essa etapa estará concluída.

O QUE ESTÁ SURGINDO — E

uma nova paisagem está surgindo. Da área prevista para revegetação, compreendendo o espaço mais crítico, que é de 48 hectares, no total, o IDEC já trabalhou 38 ha, correspondendo a 80% do global. Já foi completado um total de 40% de trabalhos de paisagismo e, em termos de levantamento florístico, os trabalhos realizados compreendem 90% das metas previstas. Sete elementos já foram treinados para a Guarda Florestal e um convênio está sendo ultimado com o IBDF para sua operação.

O IDEC, no entanto, ainda realizou outras ações. Como: a) — Projeto de Paisagismo para a área do Centro de Convenções (em elaboração); b) — apoio técnico à Prefeitura do Natal e à COHAB no projeto das casas populares para as famílias que invadiram a área de propriedade do Estado e que serão de lá remanejadas; c) — elaboração de uma programação de pesquisas a ser desenvolvida com o objetivo de aprofundar conhecimentos sobre o Ecossistema das Dunas Costeiras e d) elaboração de normas para a ocupação das áreas litorâneas, com base na experiência obtida com o projeto e que alimentará a regulamentação da Lei Estadual do Meio-Ambiente.

ÁGUAS-MÃES RIQUEZA APROVEITADA

As águas residuais da produção do sal — até hoje desperdiçadas — vão se constituir numa das alternativas econômicas para o Rio Grande do Norte. E uma alternativa concreta. O projeto, elaborado por técnicos da Secretaria de Planejamento, dentro dos objetivos do Governo Lavoisier Maia, deixa claro o perfil para sua implantação que, na fase industrial, será dividida em duas etapas. Todas as fases já estão devidamente delineadas, incluindo o levantamento do potencial de mercado para os produtos resultantes, entre os quais sulfato de sódio, sulfato de potássio, bromo, magnésio e cloro.

O projeto prevê, também, a elaboração e execução de um Plano de Ação que deverá ser responsável por sua continuidade, estabelecendo seus níveis de atividades: 1) — contratação pelo Estado do RN do projeto físico da Piloto de Sulfato; 2) — definição do Grupo Empresarial que vai liderar o projeto já a partir da fase piloto; 3) — entrar no FINEP com solicitação definitiva de apoio financeiro; 4) — construção e operação da unidade piloto e negociação de segmentos de tecnologia; 5) — atualização dos estudos de viabilidade; 6) — Projeto Industrial — Detalhamento da engenharia e implantação.

COMO SERÁ — O objetivo básico do Projeto Águas-Mães — segundo definem os técnicos responsáveis pela sua elaboração — "é implantar na Região Salineira do Rio Grande do Norte um complexo industrial baseado no processamento das águas-mães residuais da produção de sal". Ponderam que, "face aos investimentos e alguns aspectos de mercado", o projeto está dividido em duas etapas. Que são: Projetos Sulfatos — englobando a produção dos sulfatos de sódio e de potássio; Projeto Magnésio — aproveitamento da salmoura residual da produção dos sulfatos visando outros produtos.

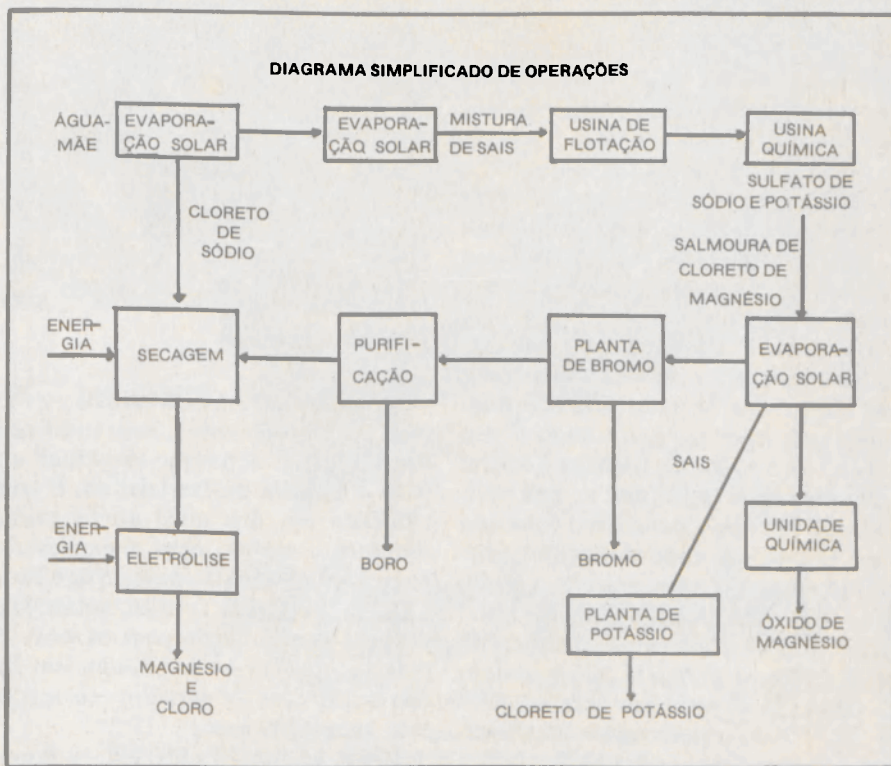
Para o projeto de sulfatos, segundo os técnicos, a tecnologia necessária já foi desenvolvida em laboratório por empresa de engenharia mineral nacional. A fase atual é de testes numa planta piloto com capacidade para produzir 200 toneladas anuais de sulfato de sódio e 400 toneladas anuais de sulfato de potássio. O FINEP dá apoio a essa etapa do projeto, que tem a duração prevista de dois anos e um custo de dois milhões de dólares. Já o Projeto Magnésio teve suas etapas de evaporação solar e purificação testadas pelo CTA. Para as etapas restantes — basicamente secagem e eletrólise — há necessidade de importação de "know how" e equipamentos. O FINEP também assegura apoio para construção de uma pequena unidade piloto para demonstrar o processo integrado que permitirá o fluxo de informações necessárias ao projeto industrial.

COMO VENDER — Os dados obtidos sobre o mercado para os

produtos resultantes do Projeto Águas-Mães são bem substanciais. O sulfato de sódio tem largo emprego na manufatura de detergentes, papel kraft e vidros, sendo a produção nacional insuficiente para atender as necessidades, com um déficit de 90 mil toneladas anuais, ao preço atual de 381 dólares por tonelada. Já o sulfato de potássio — usado na produção de frutas cítricas e do fumo — não é produzido no Brasil, que importa 60 mil toneladas a cada ano.

A produção de peças fundidas para a indústria automobilística e a de ligas de alumínio empregam, por sua vez, o magnésio metálico. Só a Volkswagen consome 85% das importações.

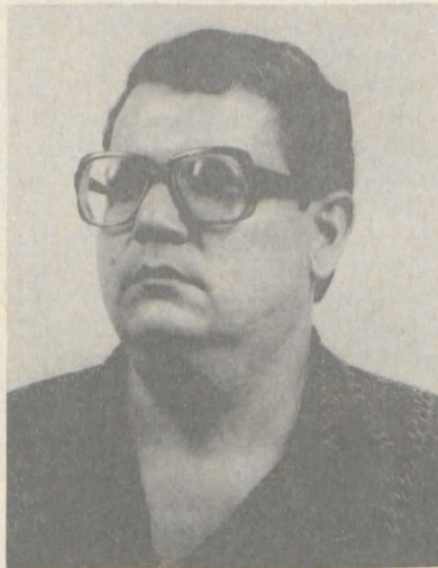
Os passos dados em função do aproveitamento de uma riqueza até então totalmente desperdiçada são consideradas de fundamental importância para um Estado que busca, ansiosamente, alternativas que lhe permitam escapar da vinculação aos produtos primários.



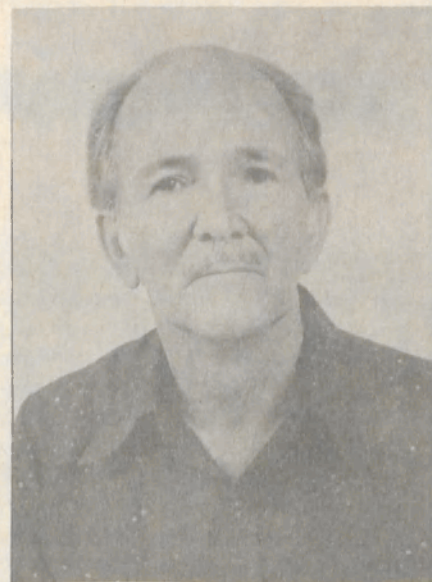
Peneira das urnas molda o novo Poder Legislativo



Garibaldi



Paulo de Tarso



Manoel Torres



Antônio Vidal

O ano político de 1983 encontrará uma Assembléia Legislativa com o plenário radicalmente renovado, tanto na bancada do PMDB, que mingou de 10 para 9 deputados, quanto ao lado do PDS, que pulou de 14 para 15 representantes. Os governistas, ao mesmo tempo em que viam antigos companheiros serem destroçados ao longo da última e acidentada campanha, assistiam ao surgimento de novos aliados, ampliando-se a bancada em mais um parlamentar, enquanto o PMDB, mesmo observando idêntico fenômeno quanto à renovação, não experimentava crescimento da força oposicionista, agora desfalcada em um deputado.

Do PMDB deixaram de reeleger-se os deputados Roberto Furtado, que disputou o Senado pela legenda, Eustáquio Lucena, que tentou e não obteve uma vaga na Câmara Federal e Montenegro Neto, que se nas eleições de 78 fora o penúltimo colocado em votação em todo o Estado, perdendo somente para o então arenista e hoje peemedebista Gilberto Lins, também derrotado, agora sequer logrou ganhar o último lugar, guardando desde já esperanças para o pleito de 86. Total de derrotados da Oposição, quatro. Abaixo, um perfil da bancada peemedebista.



Leônidas Ferreira

GARIBALDI ALVES FILHO — Obteve 63 mil 860 votos, sagrando-se o mais votado deputado estadual em toda a história do Legislativo. É considerado um dos mais ativos parlamentares, motivo para a expressiva votação, suficiente para elegê-lo à Câmara Federal. Tem-se notabilizado pela preocupação com os problemas agropecuários do Estado. Em 78, Garibaldi fora o terceiro colocado, com 16 mil 297 votos.

JOSÉ ALDO BELMONT — Popular locutor da Rádio Difusora de Mos-

soró, Jota Belmont, como é mais conhecido, ganha agora o seu primeiro mandato como deputado estadual, após lograr uma boa colocação na Câmara Municipal daquela cidade. Vem afirmando que manterá suas preocupações voltadas para a Região Oeste, que lhe deu o mandato. Belmont obteve 20 mil 297 votos, sendo o segundo colocado no PMDB.

LUIZ ANTÔNIO VIDAL — Foi o mais votado deputado estadual da última legislatura, com 20 mil 968 votos, quando então estava na Arena e contava com os benefícios da máquina oficial, da qual desligou-se para firmar posição ao lado do PMDB. Luiz Antônio tem bases eleitorais na Região Agreste e sustenta um discurso que atinge especialmente o governador Lavoisier Maia, a quem apelidou, num inflamado pronunciamento

Riachuelo



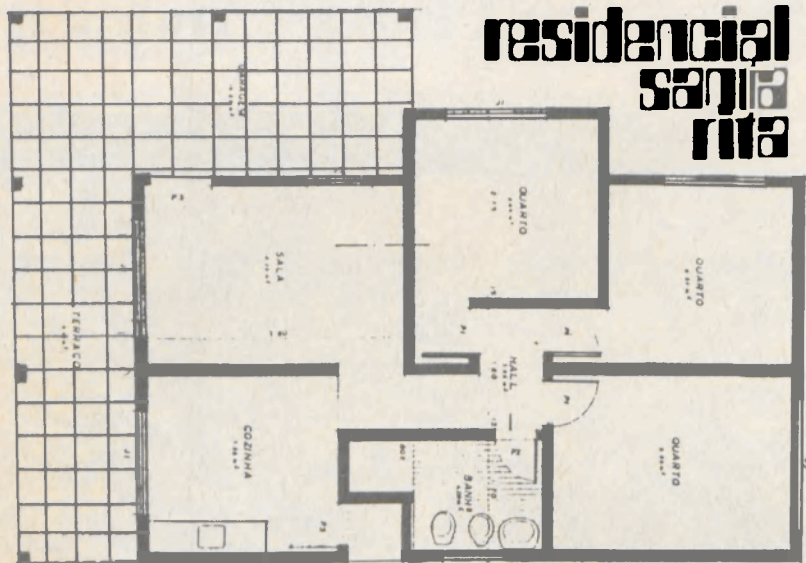
Agora é a nossa mensagem de festas com as roupas incríveis da moda Pool — jeans, camisas, roupas de banho, collants. E artigos de cama e mesa com os incomparáveis preços fixos da Riachuelo. Em tempo de festas a alegria das compras na maior loja de Natal.

Riachuelo

A moda mais perto de você

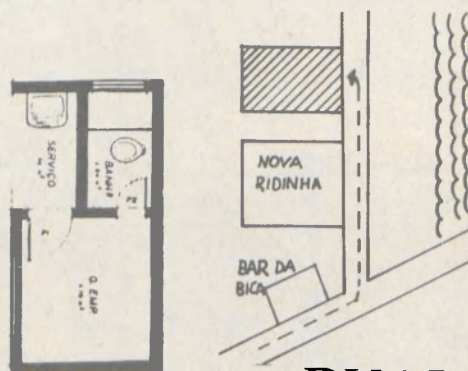
Lojas Riachuelo — Rua João Pessoa, 254 — Centro —
Telefones: 222-8848/222-3068 — Natal-RN

Fim de semana em casa.



**residencial
santa
rita**

É isso mesmo, adquirindo uma casa no Residencial onde desfrutar as belezas do mar e o contato com a natureza, lhe deixa totalmente descontraído. Você só pode passar o fim de semana em casa na sua própria casa. São apenas 15 unidades.



Poupança a vista _____ Cr\$ 200.000,
 Poupança financiada sinal de _____ Cr\$ 100.000,
 Mais 5 de _____ Cr\$ 30.000,
 Financiamento _____ 1376 UPCs
 Prestação mensal _____ Cr\$ 36.000,

Construção **DUAL**
EMPREENDEIMENTOS
IMOBILIÁRIOS



Vendas exclusivas. Plantão na Imobiliária e no local
Imobiliária e Empreendimentos S/C

KAZANOVA

AVENIDA RODRIGUES ALVES, 742 · FONE: (084) 222.9094 · TIROL · NATAL/RN

KAZANOVA: NOVO CONCEITO EM IMÓVEL

Com cerca de seis meses de atividades no mercado imobiliário de Natal, a Kazanova já está ocupando um espaço proporcional ao nível dos serviços profissionais que vem prestando. Serviços que se baseiam em critério e formas avançadas de administração imobiliária, como a modalidade de assegurar ao cliente que aluga um imóvel por seu inter-

médio o recebimento em dia do aluguel mesmo que o inquilino não pague no prazo previsto no contrato. Um dos seus lançamentos foi o Núcleo Residencial Praia de Santa Rita, na Nova Redinha, que obteve absoluto sucesso. Dos seus planos, constam outros lançamentos do mesmo nível.

A Kazanova tem como diretor administrativo Luiz

de França, com bastante experiência na área executiva, tendo administrado várias empresas e como diretor comercial Luiz Antônio Gadelha, que já atuou em importantes corretores do Rio de Janeiro.

A Kazanova está funcionando na rua Rodrigues Alves, esquina com Apodi, em frente à Igreja Santa Terezinha.

to, de Carrasco do Agreste. Foi reeleito com 19 mil 75 votos.

PATRÍCIO JR. — Originário da Região Oeste, onde detém suas bases eleitorais, Patrício vai para o seu segundo mandato. Oriundo da antiga Arena, acompanhou o pai, ex-deputado Patrício Neto, quando este abandonou a sigla governista para abrigar-se à sombra do hoje extinto PP, passando depois ao PMDB, por força da incorporação. Preocupa-se com a problemática agrícola, que analisa com sua fraca oratória. Voltou à Assembléia com 17 mil 465 votos.

PADRE CORTEZ — Trocando o púlpito pelos palanques e pela tribuna legislativa, o Padre José Dantas Cortez vai para o segundo mandato, sempre pela Oposição. Iniciou-se no MDB e manteve-se com o PMDB. Foi aliado político do então oposicionista Radir Pereira, a quem não acompanhou quando o futuro Vice-Governador do Estado bandeou-se para os lados do PDS. Cortez é ligado ao Seridó e região do Trairi e é conhecido por sua grande capacidade de comunicação. Volta à Casa com 14 mil 555 votos.



Patrício Júnior

MANOEL TORRES — É um ex-deputado que retorna. Detentor de base eleitoral no Seridó, pode ser considerado como o principal fator para que o PMDB tivesse boas chances de fazer o prefeito na cidade de Caió, apesar da vitória do PDS, Manoel Torres é um antigo seguidor do aluizismo e tem-se mantido fiel à sua tradição, acompanhando o ex-Governador tanto no PP quanto agora no PMDB. Eleito com 13 mil 347 votos.

MÔNICA DANTAS — Segue o mesmo caminho de Manoel Torres. É uma ex-deputada que volta à vida pública. Apresentando-se como a voz da mulher potiguar, Mônica integrou-se à movimentação oposicionis-

ta e reingressa no plenário após muitos anos de recesso pessoal. Casada com o industrial Francisco Seráfico Dantas, ex-cassado, Mônica foi eleita com 12 mil 976 votos.

PAULO DE TARSO FERNANDES — É o líder da bancada oposicionista, cargo que assumiu em substituição ao deputado Roberto Furtado, após a incorporação do PP pelo PMDB. É certamente o melhor orador da Assembléia e destaca-se por um discurso vigoroso, que não se cansa de aguilhoar o Governo, criticando duramente o modo como a Nação e especialmente o Rio Grande do Norte vêm sendo governados. Reeleito com 11 mil 857 votos.

HERMANO PAIVA — Cumprirá o seu primeiro mandato. Médico, tem suas bases na cidade de Macau, de onde retirou a maior parte de sua votação. Hermano é ligado ao deputado não reeleito Roberto Furtado e vem militando há anos no PMDB. Diz-se comprometido com as reivindicações da classe a que pertence, preocupando-se ainda com o problema da saúde em geral. Recebeu o mandato com o apoio de 11 mil 441 eleitores.

EMPARN AMPLIA ÁREA DE PESQUISAS

A Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte além de executar pesquisas com plantas e animais tradicionais da região, vem se propondo a fazer pesquisas com diversos outros produtos não usualmente estudados pelas instituições de pesquisa no Nordeste.

Essa nova abordagem visa oferecer novas opções ao setor agro-industrial do Estado, numa tentativa de proporcionar subsídios visando à produção de alimentos, fibras, óleos, forragens etc, como fontes alternativas de aproveitamento do potencial agro-ecológico do Rio Grande do Norte.

Assim, entre outras, a EMPARN está contemplando linhas de pesquisa especiais referentes a: Introdução de Plantas Xerófilas Exóticas, Preservação e Seleção da Raça Caprina Nambi, Introdução da Raça Ovina Karakul, Cultivo de Camarão, Criação do Bicho da Seda e Criação de Antílopes e da Ema.

A introdução de plantas xerófilas exóticas provenientes de países tais como: Estados Unidos, México, Chile, Peru, Austrália e Israel. É vista como uma opção de pesquisa das mais promissoras para o Nordeste semi-árido brasileiro, pois as mesmas são oriundas de regiões ecológicas muito semelhante às nossas. A EMPARN, sensível a essa situação, está introduzindo no Rio Grande do Norte mais de 30 espécies xerófilas, todas de alto valor econômico, como plantas alimentícias ou industriais.

A raça ovina Karakul é originária da

Ásia e já é adaptada e explorada com sucesso em várias partes do mundo, principalmente nos Trópicos. É uma raça dotada de alta rusticidade, mantendo o seu nível de produtividade mesmo diante de condições adversas de altas temperaturas, alimentação pobre, instalações precárias e topografia acidentada. A sua aptidão econômica principal é a produção de pele obtida de cordeiros, a qual possui um elevado preço nos grandes centros industrializados, em razão de suas características de brilho, finura e suavidade, além da produção de leite semelhante a caprinos (1 litro), carne muito saborosa e bom rendimento de carcaça.

A raça caprina NAMBI é nativa do Nordeste brasileiro e embora tenha sido pouco estudada até o presente momento, existem evidências que a qualificam como rústica e produtiva, quando lhes são dadas as mínimas condições de alimentação e manejo em geral. Baseado nessa premissa, a EMPARN está tentando conseguir os recursos necessários para a criação no Rio Grande do Norte de um Núcleo de Preservação e Seleção da aludida raça.

Além dos Projetos Especiais já citados, já são amplamente conhecidos pela classe agrônoma e o público em geral os projetos pioneiros da EMPARN referentes a cultivo de camarão, sericultura e criação de antílopes Elande e Orix e da Ema.

A criação de camarões em viveiros, nos moldes preconizados pela EMPARN,

surge como uma das grandes conquistas tecnológicas, possibilitando o aproveitamento de áreas, tidas antes como sem importância econômica, mas que hoje podem ser consideradas como recursos naturais abundantes, como as áreas de salinas e de mangues.

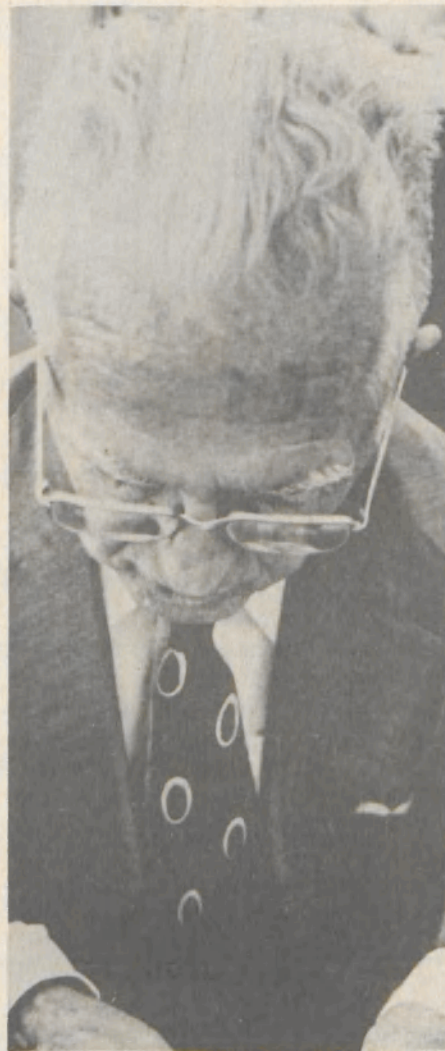
Com relação à Sericultura, a EMPARN vem conduzindo trabalhos de pesquisa, cujos resultados já obtidos, mostram a viabilidade da exploração serícola no Estado.

No que se refere aos Antílopes e a Ema, o estudo e adaptação dos mesmos ao Semi-Árido nordestino surgem como alternativas promissoras visando equilibrar a escassez de proteínas da região com a utilização de áreas marginais de baixa capacidade de uso para explorações mais exigentes, haja vista a resistência extraordinária desses animais, bem como as múltiplas utilizações de seus produtos comestíveis.

É para coroar de pleno êxito a sua filosofia voltada para o Semi-Árido, a EMPARN promoverá durante o ano de 1983, dois significativos Simpósios sobre: a) Tecnologias Alternativas para o Semi-Árido durante 07 a 09 de junho de 1983; e b) I Simpósio Brasileiro Sobre Plantas Xerófilas Exóticas, no período de 08 a 10 de novembro do mesmo ano. Em tais conchaves deverão ser debatidos os mais interessantes assuntos e trabalhos sobre a problemática e potencialidades do Trópico Semi-Árido e seus produtos.



Kléber Bezerra



Theodorico Bezerra

Na área do PDS, nada menos que oito deputados foram tragados pela voragem da derrota, cedendo a cadeira a novos representantes. Eis a lista: **Oswaldo Garcia**, seguidor do senador eleito Carlos Alberto, por este abandonado durante o período eleitoral; **Jeová Alves**, também carlista, apesar de municiado pelo parlamentar, veio a experimentar o fracasso; **Rui Pereira**, um usineiro de Ceará Mirim, dragado pela força oposicionista naquela cidade; **Theodorico Bezerra**, o velho Majó, que preferiu ceder o lugar ao filho Kléber Bezerra; **Paulo Gonçalves**, optou pela tranquilidade de uma vaga no Tribunal de Contas do Estado; **Alcimar Torquato**, que seguiu para o sacrifício, candidando-se a vice-Prefeito de Mossoró, certamente espera alguma recompensa, como a Secretaria da Saúde; **Dary Dantas**, líder do Governo, que não recebeu a atenção que certamente esperaria; **Onézimo Mala**, membro da família que domina o poder no Estado, tentou sem sorte a Prefeitura de Caraubas e agora, certamente, pre-

para-se para deixar a vida pública. Abaixo, a nova bancada do PDS:

LEÔNIDAS FERREIRA — Ex-Secretário da Saúde do Governo Lavoisier Maia, confirma a força da máquina oficial. Foi o mais votado deputado do PDS, preparando-se agora para o seu primeiro mandato. E disposição não lhe falta para semear no campo fértil do Legislativo: mesmo sem qualquer experiência parlamentar, já está querendo disputar a presidência da Casa. Recebe o mandato com o aval de 24 mil 40 eleitores.

VIVALDO COSTA — Conhecido na Casa pelo vozerio e poderosa risada, ex-liderado do senador Dinarte Mariz, Vivaldo cumpre mais um mandato com o apoio do voto seridoense. Médico, tem manifestado atenção aos problemas da área da saúde, além de questões ligadas à agricultura. Contou com 20 mil 909 votos.

MANOEL DO CARMO — Volta ao plenário, após algum afastamento. Foi o terceiro mais votado da sigla governista, devendo pautar seus pronunciamentos pela abordagem de

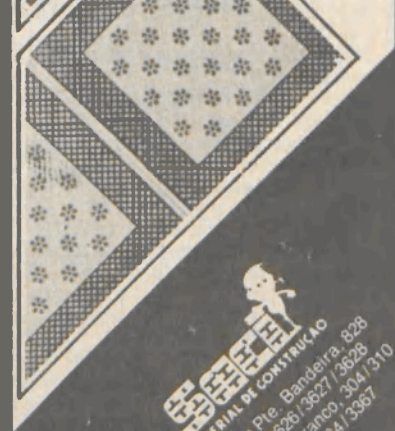
AQUI ESTÁ O MATERIAL QUE VOCÊ PRECISA



Louças e metais sanitários; Pisos, revestimentos; Tintas, tubos e conexões, além de outros produtos para sua construção.



Procure a Saci, onde Natal compra.



MATERIAL DE CONSTRUÇÃO
Matriz: Rua Pte. Bandeira, 828
Tels.: 223-3926 / 3927 / 3928
Filial: Av. Rio Branco, 304 / 310
Tels.: 222-2284 / 3987

questões ligadas ao setor primário. Teve 20 mil 324 votos.

NELSON QUEIROZ — Deputado do Alto Oeste, cumpre mais um mandato. Formado em Direito, mesmo sendo pedessista não tem negado críticas ao Governador Lavoisier Maia, especialmente quando o Palácio Potengi falha diante dos problemas agrícolas, lamentando também o desprestígio que diz sofrer a bancada por parte do Executivo. Volta com 19 mil 846 votos.

CARLOS AUGUSTO ROSADO — Atual presidente do Legislativo. Há quem fale em sua reeleição para o cargo. Nos ambientes políticos, diz-se que teria rompido com a liderança do deputado Vingt Rosado, dissidente do PDS, que postou-se contra a ação do grupo Maia. Deputado muito discreto, não gosta de conceder entrevistas, embora mantenha um excelente relacionamento com os jornalistas que cobrem o Legislativo. Reeleito com 19 mil 678 votos.

RUI BARBOSA — Um ilustre desconhecido no mundo da política, apesar de bastante afamado na área esportiva. Até então nada mais era do que diretor de uma entidade parami-



Nelson Queiroz



Carlos Rosado

litar, a Emserv, uma empresa de vigilância. Seu discurso e suas preocupações com problemas sociais são inteiramente desconhecidos. Vigia seu primeiro mandato com 17 mil 488 votos.

RAIMUNDO PESSOA FERNANDES — Une-se aos 15 representantes pedessistas para dar respaldo à ação do Governo na próxima legislatura. Eleito com 16 mil 505 votos.

KLÉBER BEZERRA — Recebe o

UM, SABOR. OUTRO, DELEITE AMBOS, QUALIDADE

1982 marcou para Sidney C. Dore — Indústria de Refrigerantes Ltda, 30 anos de Rio Grande do Norte e 71 de Nordeste, fabricando os já consagrados produtos, Dore-Cola, Dore-Guaraná, Dore-Laranja, Dore-Soda Limonada e o Grapette. 1982 marca também o aniversário de 13 anos da Revista RN/Econômico, veículo que ac

longo dessa data trilhou seu caminho levando a mensagem de confiança e desenvolvimento no futuro desse Estado. Os produtos Dore e a Revista RN/Econômico são "coisas nossas", consagradas e aceitas pelo povo norte-riograndense. Um, traduz sabor, paladar. O outro, representa deleite. Ambos, de inconfundível qualidade.



SIDNEY DORE IND. DE REFRIGERANTES LTDA

Rua Sílvio Péllico, 233 - Tels.: 222-1594 e 222-3472

mandato de presente do pai, o deputado Theodorico Bezerra, detentor de respeitável curral eleitoral na região do Trairi. Até então empresário algodoeiro, certamente terá suas atenções voltadas para o setor primário. Kléber ganhou do pai 15 mil 774 votos para ingressar no plenário da Assembléia Legislativa.

MÁRCIO MARINHO — Orador brilhante, filho do falecido deputado Djalma Marinho, Márcio é o líder do PDS na Assembléia, com grandes chances de chegar à presidência, em substituição ao deputado Carlos Augusto Rosado. É o único deputado do PDS que consegue a retórica incandescente do deputado Paulo de Tarso, líder do PMDB: Márcio volta para mais um mandato com o respaldo de 15 mil 760 votos, quando muitos pensavam que não conseguiria reeleição.

GETÚLIO REGO — Médico, voltará, quem sabe, suas preocupações para seu setor de atividade, esperan-

MARCÍLIO FURTADO — Ligado à área empresarial, bom orador, disputou a presidência do Legislativo, mas perdeu para Carlos Augusto. Retorna para mais um mandato, esperando agora, certamente, chegar ao gabinete presidencial. No atual Governo ocupou a Secretaria da Indústria e Comércio, cujos problemas tem abordado com insistência. Teve 15 mil 176 votos.

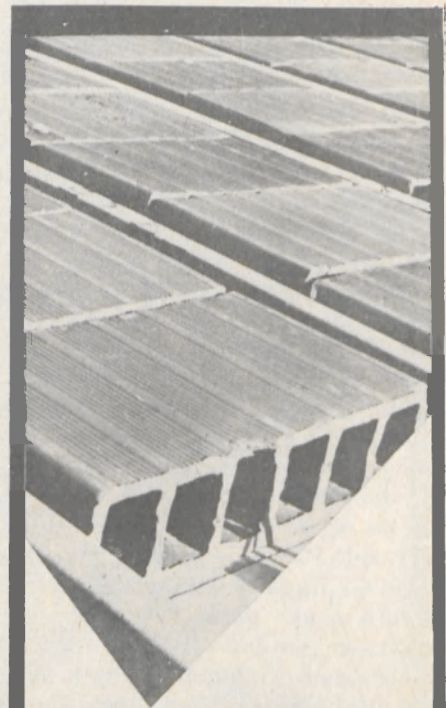
do-se que tenha idéias suficientes para irrigar o campo, que é vasto. Cumpra o primeiro mandato com a garantia dos 15 mil 377 votos que recebeu.

WILLY SALDANHA — É um deputado que tem marcado toda a sua atuação pela análise dos problemas do campo. Durante o período de vigência da Emergência, postou-se sempre em favor da mão-de-obra rural. Willy deverá concluir o curso de Direito e tem mais um mandato com a votação proporcionada por 13 mil 630 votos.

JOSÉ FERNANDES DE QUEIROZ — Também participará da movimentação da bancada pedessista, garantindo apoio ao Governador eleito, José Agripino Maia. Obteve 13 mil 446 votos.

LEONARDO ARRUDA CÂMARA — Outro ilustre desconhecido. Até o momento não se sabe o que fez para merecer o mandato. É advogado. Desconhece-se inteiramente quais as suas prioridades e suas qualidades oratórias. Mesmo assim, ganhou 11 mil 327 votos, e está eleito.

AMARO MARINHO — Ex-desembargador, advogado, professor universitário, vai para o seu primeiro mandato. Não há maiores informações a respeito de qual a sua proposta político-social. Eleito com 11 mil 269 votos. □



O PERFIL DE UM GRANDE CONJUNTO

São nervuras e blocos, formando a conhecida laje Volterrana. Mais economia de tempo e dinheiro, mais simplicidade na instalação, menos peso e muita qualidade é o que você terá quando colocar na sua obra lajes Volterrana. Lajes Volterrana é uma qualidade nacionalmente reconhecida. E quem a fabrica em Natal é a Saci — Material de Construção. A Saci mantém um estoque permanente de lajes Volterrana e pré-moldados de cimento para pronta entrega. Procure a Saci. O Departamento Técnico da loja lhe ensinará tudo sobre lajes Volterrana.

SACI
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Rua Pte. Bandeira, 828
Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

CONQUISTE SEU SPAZIO.



A SAVEL. TEM O PLANO PERFEITO

- câmbio de 5 marchas, motores 1050 e 1300 cc
- tanque de 52 litros, cerca de 800 km de autonomia
- novo painel em desenho arrojado e funcional
- nova dimensão do vidro traseiro
- lanternas e pára-choques envelopantes

O melhor do Spazio é o Fiat que tem dentro dele.



SAVEL. SALUSTINO VEÍCULOS LTDA.

Spazio

Av. Saigado Filho, 3540
Tel.: 231-3848 — Natal-RN

Crescer é a nossa meta



MEDEIROS & PAIVA LTDA.
Inaugura novo prédio na Rua dos Caicós cruzamento com a Bernardo Vieira. Com uma área de 2 mil m², para servir melhor sua clientela. Medeiros & Paiva especializada em secos e molhados, atua no mercado varejista e atacadista na capital e no interior com um completo sortimento em cereais. Abastece clientes do Estado do Rio Grande do Norte com os produtos da mais alta qualidade. Contando com uma Filial no Recife,

Medeiros & Paiva procura expandir em todo o Nordeste. Quatro anos de existência no RN. É através da expansão, que nossa administração espera abrir outros projetos do mesmo ramo para o futuro de nossa Organização. O progresso é a nossa meta para o futuro de nossa instituição e do RN. Queremos saudar a nossa clientela em todo o Estado do RN e do Nordeste com um Feliz Natal e Próspero Ano Novo.



MEDEIROS & PAIVA LTDA

Rua dos Caicós, 1837 — Fones: 223-1505 e 223-1674 — Telex: 494

COSERN: 20 ANOS DE SERVI

A Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte (COSERN), responsável pela distribuição de energia elétrica em todo o Estado, dispõe de um Departamento de Operações encarregado de manter os serviços de manutenção em linhas de distribuição e transmissão, para que o público consumidor possa contar com a garantia de energia permanente e em tensão satisfatória.

Rotineiramente, a empresa anuncia que vai interromper o fornecimento de energia elétrica para proceder a serviços de substituição de isoladores, chaves, fusíveis e outros componentes defeituosos. Esses desligamentos são programados com antecipação e são escolhidos os dias de pouca atividade profissional de comércio, indústrias, hospitais, etc, justamente para que esses setores não sofram paralisação de seus serviços, que redundam em prejuízo financeiro. Para isso são escolhidos os sábados, domingos e feriados.

EQUIPE DE CAMPO — Especialmente treinadas para trabalhar em situações adversas de clima e ou em mata fechada, a COSERN, mantém uma equipe de pessoas preparadas para abrir faixas de acesso por onde passam as posteações da Companhia. Esses serviços consistem em deixar livres faixas de até 10 metros de cada lado das linhas de transmissão e distribuição e 20 metros nas linhas de transmissão para inspeções periódicas, ou, improvisadas, quando ocorrem defeitos inesperados. Nesses casos eletricitas, encarregados de turma, motoristas e engenheiros penetram, às vezes entrando pela noite, enfrentando toda sorte de dificuldades até encontrar o defeito que ocasionou a falta de energia.

MANUTENÇÃO EM LINHA VIVA — Consiste esse sistema de operação, em serviços de equipes especializadas, que trabalham nas redes de alta tensão, linhas de distribuição e transmissão, sem desligar a energia.

A COSERN, vem atuando em linha energizada desde 1978 e segundo o diretor-presidente, Francisco Medeiros, "esse é um método adotado pelas companhias distribuidoras de todo o Brasil e, por estranho que pareça, não oferece o menor risco de vida, pois, esses eletricitas que trabalham no setor, operam com bastões — isoladores e são pessoas especialmente treinadas para isso".

A empresa mantém três turmas de eletricitas que são devidamente instruídos e capacitados para serem os melhores eletricitas da Companhia. Para isso os candidatos ao ingresso nos cursos de Manutenção de Linha Viva, mantido pela COSERN, são submetidos a rigorosos exames de psicosteste e só são aprovados aqueles que revelam um excelente nível de equilíbrio e aptidão para a função que postula.

A COSERN mantém ainda três equipes de Linha Viva sediadas em Natal e Mossoró, sendo duas para operar em linha de 69 mil volts e uma outra para operar em 13.800 V. nas áreas de Natal e cidades litorâneas.

Informa o engenheiro Juarez Bilro de Andrade, diretor de Operações que é mais seguro se trabalhar com o sistema energizado, devido os equipamentos utilizados serem previamente testados e os condutores elétricos devidamente isolados. "Como prova disso", afirma Juarez, "em 4 anos de operação em Linha Viva não se registrou um acidente sequer".

COMANDO E OPERAÇÃO DO SISTEMA — Com um acervo de 30 Linhas de Transmissão e 25 subestações em todo o Estado, sendo 4 em Natal, implantadas na avenida Prudente de Moraes, Neópolis, Igapó e Bom Pastor, a COSERN mantém um serviço de comando e operação de todo seu sistema elétrico, pela utilização de sistema de rádio, operado por pes-

soal técnico capacitado, com curso de especialização em Despacho de Carga pelas Centrais Elétricas Brasileiras S. A. (ELETROBRÁS). Através de rádio-frequência é possível falar com todas as subestações da COSERN, enquanto a comunicação com as subestações da CHESF é feita por telex ou telefone.

Trabalhando em regime de prontidão, 24 horas por dia, o pessoal do despacho de carga, como é chamado o setor encarregado da comunicação com as subestações, vive sempre em observação do equilíbrio do sistema, estando sempre pronto a ordenar o acionamento de equipamentos em qualquer subestação da COSERN quando, por exemplo, se verifica queda de tensão em alimentador. O despacho de carga, no entanto, só resolve assuntos relacionados com as tensões de 13.800 e 69 mil Volts e com autorização da



ÇO. NA CIDADE E NO CAMPO

CHESF.

Na área de Natal, as irregularidades ocorridas na tensão 13.800/380 Volts são corrigidas pelo setor de Prontidão de Luz, que mantém uma central de operação equipada com 4 telefones correspondentes às centrais da TELERN, além de um telefone para atendimento a consumidores especiais e uma linha privada para comunicação com o Despacho de Carga da COSERN. Para atendimento às reclamações de iluminação pública, o consumidor poderá discar para o telefone 222-2010 ou mesmo para o 196.

Também trabalhando 24 horas por dia, o Centro de Operação de Distribuição (COD) recebe as reclamações e transmite para as viaturas localizadas em pontos estratégicos da cidade, através de 2 estações de rádio fixas e 06 móveis, utilizando frequência VHF. Para

acelerar o atendimento às reclamações, deslocando as equipes aos locais de chamada, o Centro de Operação de Distribuição possui um quadro sinótico de todo o sistema elétrico de Natal, com as respectivas subestações, o que facilita a identificação do local para onde deve se dirigir a equipe de plantão.

As telefonistas do Prontidão de Luz são treinadas e orientadas para manter contatos com o público, anotando suas reclamações e, quando necessário, orientando o usuário em verificar, por exemplo, se a falta de energia não foi ocasionada pela queima do fusível, que pode ser substituído por qualquer pessoa adulta. Em cada 26 minutos um consumidor é atendido pelas turmas de plantão.

Atuando no horário de 00:00 às 24:00 horas, ficam de plantão no mínimo 2 turmas, no horário de 00:00 às 06:00 horas, quando ocorre o menor número de reclamações, e no máximo 5 turmas, para atenderem às reclamações no horário de 18:00 às 24:00 horas.

Conforme levantamento procedido pela empresa, a cada 28 horas um poste é quebrado por abaloamento, quando também é necessária a presença das equipes de plantão para restabelecer o sistema. A iluminação pública da cidade é cuidada por setor ligado ao prontidão de luz, cuja tarefa é substituir as lâmpadas queimadas ou quebradas, quando comunicado pelos usuários ou mediante as inspeções efetuadas pelas empreiteiras contratadas ou equipes da própria empresa. Diariamente são substituídas 200 lâmpadas de iluminação pública em todo o Estado.

LABORATÓRIO DE MEDIDORES — Todos os medidores instalados nos locais de consumo passam pelo Laboratório de Aferição de Medidores, quer seja novo ou velho. O laboratório é equipado com 4 mesas de aferição, que asseguram quando o medidor está em condições de ser instalado.

Mesmo assim, com o tempo de uso o medidor pode apresentar defeito e haver alteração no consumo de energia, o que deverá ser comunicado à empresa para que seja substituído o medidor defeituoso por um em perfeito funcionamento. Os medidores substituídos por defeito são aferidos no laboratório e reinstalados em outros locais de consumo. Além de aferir, o laboratório também recupera medidores danificados, deixando-os em condições de serem reinstalados.

Sendo de propriedade da COSERN, o medidor não pode ser violado, sob pena do infrator ser punido e ter suspenso o fornecimento de energia. Assegurou Juares Bilro que nenhum consumidor deixará de ser ligado por falta de medidor na empresa, o que dificilmente acontece, embora as residências ligadas pelo Programa de Popularização da Energia (PROPRE), também conhecido por "pau amarelo", não possuam medidor, por se tratarem de consumidores cujo consumo é sempre inferior a 30 Kilowatts mensal.

ELETRIFICAÇÃO RURAL CRESCEU CERCA DE 300 POR CENTO — A Eletrificação Rural do RN, principal fator de desenvolvimento das atividades agrícolas, no atual período de Governo foi acionada com mais ênfase, pela COSERN e obteve o maior impulso já registrado no Estado. O resultado, foi um crescimento da ordem de 3.893 propriedades rurais eletrificadas, representando 298 por cento do total de propriedades rurais eletrificadas até 1978.

Nesses últimos 4 anos foram construídas 2.513,98 quilômetros de linhas de alta tensão e instalados 46.713 KVA, cobrindo mais da metade das áreas rurais do Estado.

Com o GEER — Grupo Executivo de Eletrificação Rural por Cooperativas — órgão do Ministério da Agricultura, a COSERN, segundo afirma o seu diretor-presidente, Francisco Medeiros, fir-



mou contratos de financiamentos que possibilitarão a construção já em 1983 de Sistemas Eletro-Rurais, beneficiando a cerca de 1.800 propriedades rurais em áreas de Cooperativas de Eletrificação Rural.

125 VILAS E POVOADOS ELETRIFICADOS — A eletrificação de Vilas e Povoados, é um outro plano perseguido pela COSERN, podendo se registrar até novembro de 82, o atendimento de 125 localidades com um crescimento de 189,4 por cento em relação a todos os Governos anteriores que juntos atenderam à necessidade de eletrificação de apenas 66 comunidades.

Prova de atuação dinâmica e séria, é o levantamento das realizações da Empresa projetos de eletrificação rural de 1974 para cá e que resultou nos números desse quadro.

QUADRO 1

a) Sistemas de Vilas e Povoados

Eletrificadas até 1978	— 66
Em 1979	— 25
Em 1980	— 17
Em 1981	— 28
Em 1982	— 55

b) Propriedades Rurais Eletrificadas

Até 1974	— 528
Em 1975	— 86
Em 1976	— 92
Em 1977	— 104
Em 1978	— 352
Total até 1978	— 1.162
Em 1979	— 440
Em 1980	— 1.043
Em 1981	— 1.055
Em 1982	— 1.355
No atual Governo	— 3.893

PROJETO DE DISTRIBUIÇÃO, BIRD/ELETOBRÁS E COSERN — Desenvolvido pela COSERN em conjunto com a ELETROBRÁS, o plano de Distribuição 1, para o período de 1983 a 1985, engloba recursos externos da ordem de US\$ 16,4 milhões oriundos do BIRD, que serão geridos pela COSERN.

Esses recursos destinam-se ao

custeio da aquisição de equipamentos para novas subestações, materiais e equipamentos para Redes e Linhas de Distribuição, em todo o Estado, possibilitando, inclusive, a extensão das redes de distribuição de energia rural.

188,58 para a ligação tipo "A" e Cr\$ 167,90, para o tipo "B", pois esse programa não tem fim lucrativo.

Os números de domicílios atendidos de 1977 para cá dos tipos "A" e "B" estão neste quadro.

ANOS	N.º DE DOMICÍLIOS ATENDIDOS		
	TIPO "A"	TIPO "B"	TOTAL
1977*	635	287	922
1978	6.511	2.702	9.213
1979	6.633	3.367	10.000
1980	6.476	2.540	9.016
1981	6.204	2.591	9.155
1982**	6.589	3.700	10.289
TOTAL	33.048	15.547	48.595

* O programa foi iniciado em setembro/77.

Domicílios Tipo "A": c/3 pontos de luz e 1 tomada

Domicílios Tipo "B": c/2 pontos de luz e 1 tomada

A COSERN ainda prevê até 1985 a construção de 14 subestações em todo o Estado, sendo 3 em Natal, nos bairros de Igapó, Jiquí e Ribeira. As demais serão implantadas em Santa Cruz, Almino Afonso, João Câmara, Currais Novos, Caraúbas, Extremoz, Gov. Dix-Sept Rosado, Guamaré, Macau e duas em Mossoró. As novas subestações representam um acréscimo de 211 mil KVA e 129 quilômetros de linhas em 69 mil Volts.

ENERGIA PARA FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA — O Programa Residencial de Popularização da Energia, iniciado em 1977 tem um cunho social muito importante, que é o de melhorar a condição de vida de famílias de baixa renda, com dois tipos de benefícios: um para Domicílios, com 3 pontos e luz, e uma tomada; e o outro, com 2 pontos de luz e uma tomada.

Esse programa recebeu integral apoio no Governo Lavoisier Maia com a efetuação de instalações elétricas em residências de famílias de baixa renda em todos os Municípios do Estado. O número de residências beneficiadas é de 38.460, todas instaladas pelo programa Residencial de Popularização. Neste programa o retorno financeiro é feito a longo prazo (60 meses), enfatizando o presidente Francisco Medeiros que o beneficiário paga uma prestação irrisória de Cr\$...

5) A ELETRIFICAÇÃO DO MUNICÍPIO DE GALINHOS — O Município de Galinhos era o único do Estado que não estava interligado ao sistema elétrico da COSERN. O suprimento de sua sede era realizado precariamente a partir de dois geradores a carvão vegetal (gaseificadores) ali instalados, que acionavam reversadamente um alternador para fornecimento de energia elétrica aos consumidores da sede do município somente num período de 16 horas diárias. No local existia também um motor diesel para dar continuidade à operação do sistema, quando se executava manutenção na parte que operava a carvão.

Em novembro/82 foi concluída uma nova linha de transmissão de energia elétrica, na tensão de 13.800 Volts, com 18,7 Km de extensão. Essa nova linha permitiu um atendimento aos consumidores da Cidade de Galinhos com fornecimento de energia elétrica 24 horas por dia, além de possibilitar a eletrificação de Salinas existentes na área do município.

A antiga linha, construída em 1975, ficou inoperante logo após sua energização. Somente agora, com a implantação da nova linha, foi solucionado satisfatoriamente o problema existente no fornecimento de energia elétrica no município de Galinhos.

NEY: AS IDÉIAS PARA O SENADO

O advogado, jornalista e suplente de senador pelo PDS, Ney Lopes de Souza, já ocupou uma cadeira na Câmara Federal, onde teve uma atuação de grande destaque. Cassado, não pôde dar prosseguimento a sua vocação política. Agora, ao exercitá-la de novo nos tempos da abertura democrática, expõe as seguintes idéias:

Chega ao final no Rio Grande do Norte, talvez uma das mais disputadas campanhas eleitorais. Dela participei ativamente. Antes da Convenção do PDS, iniciei-me como candidato ao Senado da República. Posteriormente, para não criar dificuldades ao Partido e à candidatura de José Agripino, aceitei a suplência única, sendo eleito.

Pela lei eleitoral brasileira (art. 178, do Código Eleitoral e art. 29, da Resolução n.º 11.457/82, do STE) fui votado igualmente aos titulares em disputa. Devo, por isto, explicações à opinião pública, vez que a investidura parlamentar, na suplência de senador, não exige o dever do eleito refletir e sugerir temas do interesse coletivo.

No Brasil de hoje, a ação do legislador é de transcendental importância. Estão sendo moldados gradativamente padrões institucionais, cuja eficácia dependerá basicamente da lei e da norma jurídica.

Quando candidato ao Senado e posteriormente à suplência, defini claramente proposta política, através de um Plano de Ação Legislativa. Isto por pensar que o eleitor não iria escolher pessoas, mas sim idéias.

De que consta esse Plano de Ação Legislativa? Em resumo, defendendo na ação legislativa federal o seguinte: federalismo regional, cheque do agricultor, crédito móvel nos campos, criação do Instituto Nacional do Algodão, estímulo à agro-indústria no Nordeste, unidades volantes de abastecimento, alíquota especial para filiação do estudante à Previdência Social, refinaria de petróleo para o RN, reforma no Crédito Educativo (projeto de lei de minha autoria



quando deputado federal em 1975), estágio remunerado do universitário brasileiro, novos critérios de rateio do salário-educação, criação da escola comunitária, complementação do salário dos professores rurais, leasing habitacional no SFH, aposentadoria aos 25 anos para os motoristas de táxi, e enfermeiros, Fundo Nacional de Proteção o Desempregado, novo estatuto para o funcionalismo público, extensão do salário-família do empregado CLT aos filhos até 21 anos e a esposa, salário único no Brasil em duas faixas (especializados e não-especializados), tickets gratuitos para o transporte coletivo de operários, inclusão da Previdência Social no cálculo do salário-mínimo, compensação de crédito para as empresas nacio-

nais, Código do Empresário Brasileiro, IPI diferenciado, Justiça Agrária.

Embora nada possa executar, por não ter mandato popular direto, lembro as sugestões alinhadas para aprimoramento dos eleitos, através do debate sério.

O Federalismo Regional que prego, envolve uma ampla reforma constitucional. Não é fácil, por ser trabalho complexo e de muito conteúdo. Todavia, parece-me a salvação do Nordeste. Deixaríamos de ser os mendigos da Federação. A exemplo do mezzogiorno italiano o Brasil adotaria norma legal diferenciada, em razão do potencial econômico e social das regiões. Eliminar-se-iam os subsídios, os fundos, as isenções, a proteção estatal. Em seu lugar, surgiria uma legislação de largo alcance social e econômico, privilegiando a iniciativa privada nos seus investimentos em áreas consideradas carentes. Essa diferenciação, fôr-se-ia por meio dos impostos, das taxas, da infra-estrutura oferecida pelo Estado, do crédito direto. O Nordeste andaria com os seus próprios pés e deixaria de ser o pedinte, sempre batendo às portas da União.

Para recolher sugestões e idéias, torna-se indispensável ao legislador, que defenda o federalismo regional reunir-se com vários segmentos da sociedade (sindicatos, associações, Igreja, clubes de serviço, imprensa...), ouvindo-os atentamente. É um trabalho de criação legislativa, saindo, portanto, da rotina de projetos de lei feitos em cima da perna.

Infelizmente, a falta de mandato impede-me de trabalhar nesse sentido. Porém, se um dia voltar a representar o RN no Congresso Nacional, será a pedra de toque das minhas preocupações como nordestino.

O cheque especial do agricultor consiste na abertura automática de um crédito, no início do período de custeio, a partir da poda do algodão raiz (ou decotagem). Isto permitirá ao agricultor sacar o dinheiro com rapidez, evitando a buro-

cracia dos projetos prévios. A fiscalização feita pelo Banco Oficial respectivo, manterá ou reduzirá os limites do crédito para o ano seguinte, em razão da aplicação correta. O cheque especial do agricultor, nada mais é do que o cheque ouro do Banco do Brasil, ampliado para os campos.

A refinaria de petróleo para o RN é luta que iniciei, pioneiramente, na Câmara Federal em 1975, inclusive com livros publicados sobre o assunto. Sendo o RN o ponto de intercessão entre o Norte e o Sul e a possibilidade de construção do oleoduto (semelhante à Carmópolis) até o Porto-Ilha, não há local mais indicado. Mesmo sem mandato, tenho frequentemente falado à imprensa sobre esse tema, cuja importância justifica o "olho aberto" permanentemente dos nossos legisladores federais, para que os Estados vizinhos não cheguem primeiro nessa corrida.

Criei o Crédito Educativo como deputado federal. Antes dos meus discursos e projetos de lei, existiam na Câmara Federal propostas de Banco de Educação, bolsas de estudo rotativas e assemelhados. O Crédito Educativo, sem fins paternalistas, foi obra desse representante do RN, em 1975.

A minha idéia, porém, está distorcida. O estudante que usa o Crédito Educativo atualmente não pode pagar, por falta de mercado de trabalho e está sendo executado. Urgem alterações nesse sistema, ampliando o crédito para a pós-graduação e somente exigindo a liquidação, após a oferta de emprego.

Para o universitário brasileiro, imagino também legislação que crie o estágio remunerado nas empresas, beneficiando os que cursam o último ano. O salário pago aos estudantes será abatido pelas empresas no Imposto de Renda ou IPI.

Novos critérios de rateio do salário-educação, beneficiando o Nordeste, constitui medida vinculada a escola comunitária, cuja característica maior será a conservação dos prédios e equipamentos pela comunidade e não os órgãos públicos. Tenho um projeto especificando todo esse mecanismo, infelizmente guardado numa gaveta do meu escritório, por não poder defendê-lo. Nessa estratégia legislativa prevêem-se, inclusive, recursos para complementações dos salários dos professores, tudo em ra-

zão da maior ou menor eficiência da comunidade na conservação do prédio e equipamentos.

O Código do Empresariado Brasileiro e a compensação de crédito entre o Estado e o particular, são temas da maior profundidade.

Certamente não há mais tempo para esperar e algum legislador nessa legislatura dará o primeiro passo. Quando fui deputado federal em 1975, apresentei projetos nesse sentido, que não sendo aprovados pela minha ausência, estão no arquivo da Câmara e poderão orientar nossa representação federal. O fundamental é proteger a empresa brasileira, pois sem ela não há desenvolvimento pleno.

Estas as linhas gerais do Plano de Ação Legislativa, que elaborei quando candidato ao Senado da República. Hoje, como suplente, continuo com a mesma disposição de colaborar, humildemente, no surgimento de mentalidade legislativa voltada para os interesses populares, sem demagogia, mas com muita criatividade e ação. O legislador atual deve pecar por excesso de trabalho e teses levantadas, nunca por omissão.



**TURISMO
LTDA**

EMBRATUR 00137-00-41-0
MEMBRO S.I.A.V.

A MANEIRA ELEGANTE DE
INICIAR SUA VIAGEM

Passagens Aéreas, Marítimas e Rodoviárias - City Tour -
Reservas de Hotéis - Traslados - Excursões: Fernando de
Noronha - Salvador - Manaus.

EXCURSÕES AÉREAS, MARITIMAS E RODOVIÁRIAS
AGENTE GERAL BRITISH CALEDONIAN AIRWAYS

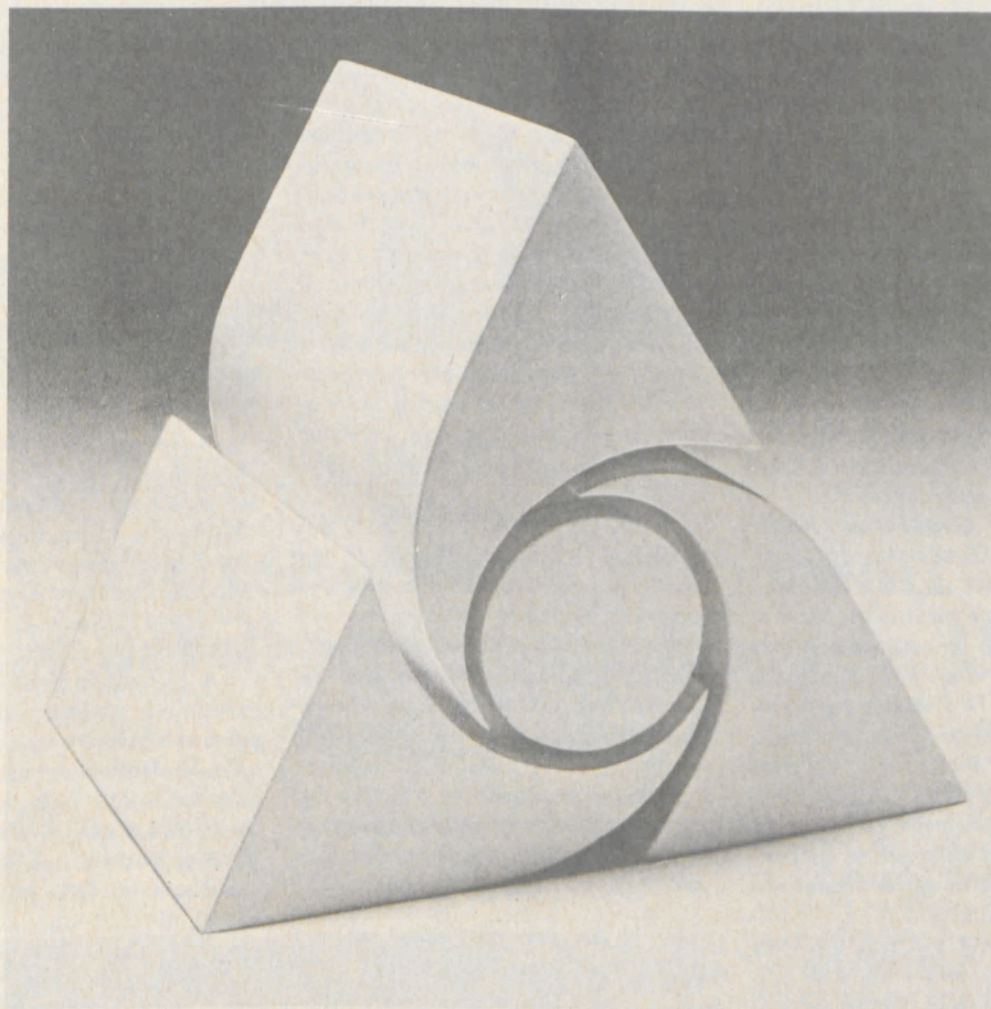
Av. Deodoro, 755 - Tel: 222.2128
End. Teleg. SOLISTUR - NATAL - RN
Telex: (084) 2268 - SOTU - BR



**EM 83
RN/ECONOMICO
SEMPRE
MELHOR**



A MARCA DA LIDERANÇA.



Por trás dela existe uma empresa de capital nacional que lidera a fabricação de manufaturados têxteis, calçados, camisas e artigos esportivos. Quem afirma essa liderança não somos nós. Mas os milhões de consumidores que compram diariamente os nossos produtos. É também uma marca de compromisso. Somos atualmente uma comunidade de mais de 28.000 pessoas, distribuídas nas nossas 20 fábricas, localizadas de Norte a Sul do Brasil.

Uma obrigação social das mais relevantes para com os funcionários e suas famílias.

Tudo isso nos dá a consciência da nossa participação ativa na economia do país.

Em desenvolvimento de tecnologia, na geração de divisas através do aumento crescente das nossas exportações e no aprimoramento cada vez maior do resultado do nosso trabalho.



SÃO PAULO ALPARGATAS S.A.

Rua Urussuí, 300 - Tel.: 252-7322 - Telex: 011 - 22313 - São Paulo - Brasil

DNOCS ASSEGURA DIAS MELHORES PARA A POPULAÇÃO

A preocupação com a estiagem, visando o aproveitamento dos recursos hídricos no Nordeste, constituiu-se no principal objetivo do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas — DNOCS.

Entre o múltiplo aproveitamento dos recursos hídricos, a açudagem inclui-se como a principal finalidade. Esta importância foi berço para a tão polêmica construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, no Vale do Açu. A escolha deste Vale foi feita após um estudo profundo realizado em todo o Estado, através da Hidroservice.

O DNOCS, através do Engenheiro Clóvis Gonçalves dos Santos, atual diretor da COMIRGA — órgão que funciona como unidade do DNOCS — assegura que dias melhores virão para a população do RN: "O Estado desfrutará de uma certa independência com relação a importação de produtos agrícolas, uma vez que existem grandes projetos paralelos à implantação da Barragem, que visam um melhor aproveitamento solo com a agricultura".

Dentre os 40.000 ha que o rio vai cobrir, encontra-se a cidade de São Rafael, com aproximadamente 3.500 habitantes. Este fato gerou uma série de implicações psicossociais, que com um trabalho árduo de motivação e conscientização explicando a finalidade, importância e significado da obra, o DNOCS vem conseguindo solucioná-los. "Não mais existe resistência na área por parte da população, pois com esta campanha de esclarecimento, mostramos que nosso trabalho é aberto, limpo e, além disto, com dinheiro público". Quem afirma é Dr. Clóvis.

A realocização desta população, vem sendo feita respeitando os laços de aproximação existentes en-

tre as famílias, através da aceitação de suas decisões com relação às suas novas moradas. Cento e cinquenta delas foram transferidas para a Serra do Mel, onde ocuparam trezentos lotes disponíveis; uma pequena faixa considerada inativa, pois é constituída de famílias idosas, já ocupa as primeiras residências construídas na Nova São Rafael; a população rural da área — formada por agricultores — habitará as regiões mais altas próximas do açude, aproveitando as vazantes.

A NOVA CIDADE DE SÃO RAFAEL — *A sua localização foi encontrada após um levantamento de opinião realizado pela Hidroservice com a população, onde 86% dos chefes de família optaram pela fazenda Bela Vista situada a, aproximadamente, 4 Kms da Velha Cidade.*

A sua construção vem sendo feita dentro dos mais rigorosos critérios de conforto e urbanismo. Como reforço a esta afirmação, o

Engenheiro Clóvis Gonçalves assegura que "será o único município do RN que vai ficar totalmente saneado".

A cidade contará com 878 prédios residenciais, 84 prédios comerciais, 01 indústria, 12 equipamentos públicos. Sendo estes, a Prefeitura e Câmara Municipal, Mercado Público, Delegacia, COSERN, CAERN, TELERN, Correios, Hospital, Igreja e Escola.

O remanejamento da população vem sendo feito obedecendo aos vínculos pessoais existentes entre as famílias. "Se João é vizinho de Manoel e mora defronte à Igreja na Velha Cidade, permanecerá seu vizinho e morará defronte à Igreja, na Nova Cidade de São Rafael", assegura Dr. Clóvis.

A Barragem será inaugurada no princípio do próximo ano — primeiro trimestre — concretizando o sonho maior de toda a população do baixo Vale e de toda a indústria salineira da foz do Rio Açu.

E a Nova São Rafael significará melhoria de vida, vida nova.



Clóvis Gonçalves de Lima, diretor da COMIRGA



Pedro Simões (à esquerda): bem cotado

UNIVERSIDADE

Os reitoráveis estão em plena batalha diplomática pela UFRN

A despeito da greve dos docentes e funcionários das Universidades Federais Autárquicas que paralisou as atividades acadêmicas na UFRN, ainda fervilham na comunidade, impulsionadas pelas especulações, os debates acerca da sucessão do atual Reitor Diógenes da Cunha Lima.

É um momento que se repetiu a cada quatro anos e que, por seu aspecto sigiloso, provoca ansiedade e expectativas.

A atual escolha se dá a partir da elaboração pelo Colégio Eleitoral de uma lista que contém seis nomes — a chamada Lista Sêxtupla — retirados, por sua vez, de inúmeros nomes recolhidos e citados por representantes da comunidade universitária nos seus Conselhos Superiores: CONSUNI — Conselho Universitário; CONSEPE — Conselho de Ensino e Pesquisa; e o Conselho de Curadores. A divulgação desta Lista Sêxtupla, permite-nos conhecer os nomes que nela estão apresentados: Lúcio Teixeira (diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes), Ezequias Pegado Cortez (vice-Reitor), Pedro Simões (pró-Reitor de Pesquisa e Extensão), Dalton Melo (pró-Reitor de Planejamento), Lauro Bezerra (pró-Reitor de

ANNAMARIA JATOBÁ

Pesquisa e Pós-Graduação) e Genivaldo Barros (atual Conselheiro do Tribunal de Contas).

QUESTÕES POLÊMICAS — A legitimidade do processo constitui-se numa delas. É considerado um sistema legal e é consagrado pelo estatuto da UFRN. “É um processo legal e re-



Sebastião: processo injusto

presentativo; o que não invalida outras alternativas em termos de escolha, desde que sejam amparadas pela lei, isto é, que faça parte do processo legítimo da Universidade”, diz Ezequias Pegado. Este outro sistema ao qual ele se refere, cai sobre uma proposta levantada pelas três entidades — ADURN, DCE e AFURN — para eleger o Reitor de forma direta. “Esse atual processo não foi definido por nós — estudantes, professores e funcionários. Ele vem de cima para baixo desde a Reforma Universitária. Portanto, não corresponde às aspirações da sua comunidade. É um processo no qual o Reitor tem plenos poderes para interferir”, afirmou Sebastião Carneiro, atual presidente da ADURN — Associação dos Docentes da UFRN.

Esta nova proposta para escolha do Reitor foi tida como uma conquista, sob o ponto de vista das entidades que a elaboraram, e uma tentativa de mudança com a intenção de uma participação mais autêntica da comunidade universitária em suas decisões.

Porém, por outro lado, representantes da administração da Universidade alegam que o momento não permite uma mudança assim, de forma tão

brusca. “Requer amadurecimento, elaboração mais formal e participação também da comunidade externa na escolha”, admite Ezequias Pegado.

Passando-se pela opinião do pró-Reitor de Extensão — Pedro Simões — este processo é legal e democrático, uma vez que conta com a participação dos representantes dos três segmentos da comunidade universitária, através dos seus Conselhos Superiores. “No caso da eleição por via direta, como propõem as entidades, o Reitor escolhido representaria apenas os estudantes, uma vez que eles são, numericamente, a maior parcela da Universidade. São 14 mil, das 18 mil pessoas que a compõem”, afirmou taxativamente o pró-Reitor.

No ponto de vista de Lauro Bezerra existem aspectos relevantes no tocante à representatividade, que possibilitam uma diferenciação das outras opiniões emitidas por seus companheiros que também compõem a Lista. “Se eu for Reitor, ouvirei todos os estudantes, professores e funcionários para um levantamento de nomes e, a partir daí, proporei ao Colégio Eleitoral a elaboração da Lista Sêxtupla, pela ordem dos mais votados. Nós não temos representatividade para esta atual escolha, pois, numa instituição formada por, aproximadamente, 18 mil pessoas, nós temos 46 escolhendo a Lista. Seria necessário a participação de pelo menos 1/3 de



Jales: também na luta

cada categoria; como se dá nas Universidades européias” — é a sua opinião.

IMPORTÂNCIA DO CARGO — Em decorrência da postura assumida pela Universidade como uma instituição que mantém vínculos diretos com a população, uma vez que presta serviços a ela, e representa, no Estado, uma parcela ponderável de recursos públicos, o cargo de Reitor, por ser um cargo público de comando, é um

cargo político. “Político, na melhor acepção da palavra”, afirma seguramente Ezequias Pegado. No entanto, correndo-se às outras opiniões, chegamos à constatação que, para se alcançar cargos como este, as influências políticas — e até partidárias — são determinantes. Reforçariam esta afirmação, as palavras do pró-Reitor Pedro Simões: “Fato político existe em todas as instituições públicas no País”. Já o estudante Alípio de Sousa Filho, que responde pela vice-Presidência do DCE, acredita que “as influências políticas existem e vão sempre existir à medida que a Universidade reflete a própria sociedade brasileira. Porém, o que discordamos, é que estas decisões sejam tomadas lá fora, com a interferência dos políticos dominantes”. Seguindo-se nesta mesma linha de pensamento, encontra-se a colocação de Sebastião Carneiro, quando afirma que “esta interferência de grupos políticos locais não significa a participação da comunidade externa, no caso, a população. A sua interferência seria bem mais autêntica se fosse feita através de suas entidades representativas: sindicatos, associações, etc.”.

NECESSÁRIO — Já na opinião de Lúcio Teixeira, “este apoio político é necessário e perfeitamente admissível, uma vez que auxiliaria na resolução de problemas da Universidade e na conseqüente resolução de problemas da própria comunidade na qual se encontra inserida”.

COMIDA TÍPICA ESPANHOLA

Em Natal, somente no Restaurante Nemésio você encontra os pratos típicos da cozinha espanhola. No Centro da Cidade, Nemésio oferece também:

- Cozinha Internacional.
- Ar condicionado
- Música ambiente
- Bebidas finas

26 anos a serviço da boa culinária.

TODOS OS DIAS BACALHOADA.

NEMÉSIO RESTAURANTE!

Av. Rio Branco, 728 tel.: 222-4658

NOS ESTAMOS PRESENTES



Alunos encaminhados para estágio em empresas do Rio Grande do Norte no ano de 1982:



CURSO	QUANT.
1 — ESTRADAS	08
2 — EDIFICAÇÕES	117
3 — SANEAMENTO	23
4 — MECANICA	26
5 — ELETROTÉCNICA	41
6 — MINERAÇÃO	11
7 — GEOLOGIA	08
TOTAL	234

Fonte: C. I. E. E./ETFRN



Nos associamos a você por mais um ano de lutas e sucessos.

Nós, a ETFRN, sabemos bem o que é isso. Também somos pioneiros, participamos por várias décadas com trabalho intenso e constante para formação de capital humano, registrando efetivamente e definitivamente a nossa presença no desenvolvimento regional.

Em cada empresa, nos vários ramos de atividades, nós estamos presentes num esforço conjunto "homem-escola-empresa". Parabéns, RN / Econômico, parabéns, Rio Grande do Norte.



ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Av. Salgado Filho, 1559 — Tel.: 231-1300 — Telex: 0842 386 — Natal-RN.

COMÉRCIO & SERVIÇO

MUSTACHE
Cabeleiros
Cortes • Massagens
Alisamento • Limpeza de
Pele • Trat. Anti-Caspa
Manicure • Engraxate



**MUSTACHE
CABELEIREIROS**

Galeria do Edif. Barão do Rio Branco,
Loja 4 • Fone: 222-6571 • Natal-RN.

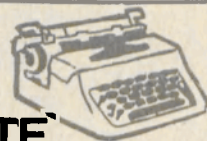
**TURISMO
AEROTUR** TURISMO
AEROTUR
Natal-RN

Viagens personalizadas, nacionais
e internacionais
Agência especializada em serviços
internacionais
• Carga aérea internacional
• Filiada à EMBRATUR e I.A.T.A.

Rua Apodi, 563 - Tels.: 222-8128/3589/2974

**ASSISTÊNCIA
TÉCNICA**

IBM
OLIVETTE
PROLOGICA
MAQVETTI



Rua General Osório, 222 — Tel.: 222-5343
Natal-RN



**Distribuidor
dos famosos
chocolates**

Copenhagen

Matriz: Rua Prudente de Moraes, 619
Tel.: 222-3318
Filial: CCAB — Loja 6 — Fone: 222-483
Natal-RN

FOTOGRAFIAS
Revelação a cores

Reproduções *Reportagens*
Slides *sociais*
Publicidade *Stúdio*
Modas *Fotografia aérea*
Convites *3 x 4 em 1 minuto*

Photos

Av. Prudente de Moraes, 1107 — Tirol
Tel.: 222-1340 — Natal-RN
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO

**LAVE O CARRO
EM 8 MINUTOS**

POSTO 1003
Av. Bernardo Vieira, 1455 — Tel.: 231-2562

- Esquadrias de alumínio;
- Box para banheiro em alumínio fosco ou brilhante;
- Assistência técnica permanente.

**METALÚRGICA
UNIAO LTDA.**
R. Alexandrino de Alencar, 660 — Tel.: 223-3404
Av. Hermes da Fonseca, 614 — Tel.: 222-7470

**1983
10 ANOS
DE:**

GOEL MÁXIMO EM PROTEÇÃO

Rua Sampaio Correia, 4000 — Bom Pastor — Tels.: 223-2400/3557 — Natal-RN

**AUTO
LOCADORA**

D U D U

Alugue um carro novo
com ou sem motorista

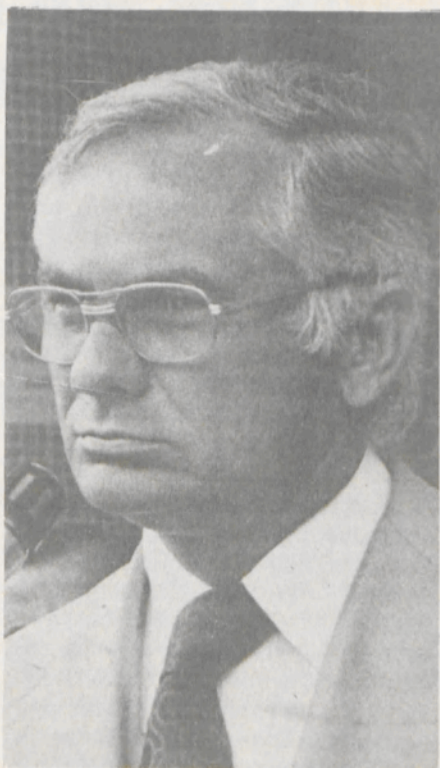
• Av. Rio Branco - 420 - Centro
• Box Aeroporto Internacional
Augusto Severo
Fones: 222-4144/222-0501
223-1106/272-2446 - Natal-RN

E, enquanto se questiona a validade deste apoio, a imprensa aponta como favorito Genivaldo Barros, a partir de manifestações de respaldo a ele dirigidas, advindas da família Maia.

As cogitações que reinam em torno do nome do professor Genivaldo são inegáveis. O apoio claro e explícito do grupo que constitui o poder político local impulsiona a idéia de sua indicação para o cargo, muito embora ainda não tenham sido tomadas medidas necessárias à concretização deste resultado. "Não me considero o candidato favorito. Admito estas insinuações em torno do meu nome pelo fato de ter exercido cargos públicos no Estado e ser bem conhecido.

Entretanto, este dado de aferição de valores para chegar à Reitoria não é definitivo". São palavras de Genivaldo Barros, procurando explicar a divulgação de sua indicação. "Além do mais, os políticos dificilmente se sentiriam encorajados em levar como candidato a Reitor um nome que sofresse rejeição da comunidade universitária e da própria sociedade", complementou.

Em igual pensamento Lauro Bezerra considera que ninguém está escolhido. "Todos estão em pé de igualdade; eu tenho um Curriculum que ainda vai ser examinado pelo MEC e pela alta cúpula administrativa do País, responsáveis pela escolha final", lembra ele.



Genivaldo: favorito?

O professor Genivaldo Barros exerce, atualmente, a função de Conselheiro do Tribunal de Contas, somente estando apto, constitucionalmente, para exercer atividades ligadas ao magistério. Necessitaria renunciar ao cargo vitalício que exerce, no caso de ser nomeado Reitor.

O seu afastamento há, aproximadamente, oito anos das salas de aula,

uma vez que se encontra desenvolvendo trabalhos na vida pública, provocou determinadas apreciações desfavoráveis por parte de vários segmentos da comunidade universitária, representados por suas entidades. "É preferível se ter como Reitor alguém que já se encontra aqui dentro, do que alguém estranho a ela. Não nos arriscaríamos a citar nomes porque esta postura foge aos nossos princípios de democratização, nos quais todas as decisões deveriam ser tomadas com a participação direta de todos. A nossa proposta é de que no processo sucessório existissem discussões e debates onde se traçaria um perfil do Reitor para a Universidade que queremos. Uma Universidade com uma estrutura voltada para a comunidade", afirmou o vice-presidente do DCE.

O professor Marcos Torres — atual vice-presidente da AFURN — foi categórico ao afirmar que "a maioria da Universidade gostaria de ter um Reitor, senão como o sr. Domingos Gomes, um parecido com ele".

Domingos Gomes é um dos mais cotados na comunidade universitária.

EXPECTATIVAS — Diante dos pensamentos manifestados, conclui-se que todos reitoráveis têm esperança.

"Todo candidato é como um noivo, é sempre um otimista", foi o que disse animadamente Genivaldo Barros exaltando a célebre e feliz frase do falecido deputado Djalma Marinho.

Até o próximo 25 de abril a Universidade poderá conviver com esta situação. Os desejos de mudança, a conquista de novos espaços que se contrapõem às normais legais que norteiam as decisões internas.

Diante de sua importância como instituição, a repercussão bradou forte, despertou interesses e curiosidade. São antecedentes de mudança, ou sinais de cabeças pensando diferente e se manifestando? □



GRUPO JOSSAN PARABENIZA RN/ECONOMICO

Desenvolvendo, de forma pioneira, a metalurgia no Rio Grande do Norte desde 1954, na fabricação de arame farpado e galvanizado, pregos e ferro para construção civil, as Indústrias Jossan S/A parabenzam a Revista RN/Econômico pelos 13 anos de existência, degrau que somente essa Revista galgou em toda história do jornalismo especializado deste Estado.



INDÚSTRIAS JOSSAN S.A.

Rua Capitão-Mor Gouveia, 1214 — Tels.: 231-1336/1309 — Natal-RN

GOVERNO

LAVOISIER MAIA:

CAERN APLICA Cr\$ 8 BILHÕES MAIS 450 MIL PESSOAS EM

O Rio Grande do Norte conta atualmente com 1 milhão 116 mil 407 habitantes beneficiados com sistema de abastecimento de água — 90 por cento da população urbana do Estado —, dos quais, 456 mil 325 foram atendidos pela atual administração da Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte — CAERN, com a implantação de 52 e ampliação de 19 sistemas, que proporcionaram um incremento da ordem de 70 por cento, levando-se em consideração que em março de 1979 a população beneficiada era de 660 mil habitantes. Entre as ações de maior importância, destacam-se o Sistema Integrado de Abastecimento de Água de João Câmara,

Taipu e Poço Branco (a maior obra do Governo Lavoisier Maia), Sistema de Macau e o Integrado do Agreste, que beneficiou os municípios de Santo Antônio, Espírito Santo, Várzea, Serrinha e Passagem.

Para implantar 52 sistemas e ampliar 19, a CAERN investiu Cr\$ 8 bilhões, com recursos oriundos do Banco Nacional da Habitação, Governo do Estado/Fundo de Águas e Esgotos e dotações próprias. Foram realizadas 91.275 novas ligações prediais, que somando-se às 120.014 efetuadas pelas administrações anteriores, totaliza 211.289, registrando um aumento da ordem de 75 por cento.



Josemá Azevedo

Ao assumir o Governo a 15 de março de 1979, Lavoisier Maia encontrou o Estado com 59 cidades abastecidas, assumindo o compromisso com o povo de levar o benefício ao maior número possível de municípios. Convocada, a Administração da CAERN, tendo à frente o engenheiro Josemá de Azevedo, não mediu esforços e implantou mais 52 sistemas em sedes de município, totalizando 111, sendo

QUADRO 01

PERÍODOS	HABITANTES ABASTECIDOS		NÚMERO DE LIGAÇÕES	
	NO PERÍODO	ACUMULADOS	NO PERÍODO	ACUMULADOS
ANTES DE 1960	97.021	97.021	17.640	17.640
1960-1965	42.955	139.976	7.810	25.450
1965-1970	41.525	181.501	7.550	33.000
1970-1975	205.232	386.733	37.315	70.315
1975-1979	273.349	660.082	49.709	120.014
1979-1983	456.325	1.116.407	91.275	211.289

ESGOTO — Com relação a esgotamento sanitário, o Estado conta com os sistemas de Natal e Mossoró, somando 21.336 ligações e uma população beneficiada de 106.980, sendo que esta administração executou 5.700 ligações, atendendo a 28.500 habitantes, o que representa um índice de 35 por cento.

Nesse setor a CAERN vem realizando pioneiramente pesquisas sobre sistemas alternativos de esgotos sanitários, programa que visa encontrar soluções à baixo custo — haja vista os altos investimentos para implantação dos sistemas convencionais utilizados atualmente — que vêm interessando a vários organismos do Governo Federal, sendo inclusive, motivo para a realização, em Na-

tal, de um seminário nacional que reuniu mais de 100 técnicos de vários Estados da Federação.

QUADRO 02

PERÍODOS	HABITANTES ATENDIDOS		NÚMEROS DE LIGAÇÕES	
	NO PERÍODO	ACUMULADOS	NO PERÍODO	ACUMULADOS
ANTES DE 1960	27.270	27.270	5.454	5.454
1960-1965	910	28.180	182	5.636
1965-1970	2.725	30.905	545	6.181
1970-1975	10.000	40.905	2.000	8.181
1975-1979	7.275	48.180	1.455	9.636
1979-1983	28.500	76.680	5.700	15.336

S E BENEFICIA TODO O ESTADO

que dez estão em fase de conclusão, com inauguração até março próximo, além de ampliar outros 19 sistemas.

JOÃO CÂMARA — O Sistema Integrado de João Câmara, Taipu e Poço Branco, alimentando-se da fonte de Pureza, a 36 quilômetros, trouxe benefícios imediatos a mais de 25 mil habitantes, dos quais 75 por cento estão concentrados em João Câmara, centro de desenvolvimento da região do Mato Grande. O Sistema foi projetado para atender uma população final de 50 mil habitantes e o investimento foi da ordem de Cr\$ 1 bilhão e 600 milhões.

Conta com um conjunto de adutoras que soma 50 quilômetros de extensão, com diâmetro variando entre 150 e 400 milímetros; três estações elevatórias, uma com vazão de 260 metros cúbicos por hora, outra com 204 m³/h e a terceira com vazão de 43 m³/h, equipadas com seis conjuntos eletrobombas. O Sistema conta ainda com quatro reservatórios, sendo dois

em João Câmara — uma com capacidade para 3.200 e outro para 150 m³ — Poço Branco 350 m³ e Taipu, 400 m³. A rede de distribuição tem 37 mil 998 metros de extensão, sendo 28.640 em João Câmara; 5.858, em Taipu e 3.500 metros em Poço Branco.

MACAU — Em conjunto com a ALCANORTE, o Sistema de Abastecimento de Água de Macau custou Cr\$ 2,5 bilhões e foi projetado para atender a uma população de 42 mil habitantes. A captação foi instalada no Rio Açú, município de Pendências, de onde parte uma adutora com 23 quilômetros de extensão, construída em butos de ferro dúctil e aço, com 700 milímetros de diâmetro. Após tratamento, a água é aduzida para o reservatório apoiado (1.700 m³), de onde segue para a cidade, através de distribuidor-tronco com 6.200 metros de comprimento e diâmetro de 400 milímetros, em tubos de PVC reforçados com fibra de vidro, material também utilizado na rede de distribuição, que tem 35 quilômetros de extensão e diâmetro variando de 50 a 400 milímetros.

INTEGRADO DO AGRESTE — Com captação no Riacho do Salto, através de barragem de regularização, adutora com 34 quilômetros e estação de tratamento equipada com filtros sob pressão, além de três estações elevatórias de água bruta e uma de água tratada. Foram construídos cinco reservatórios, em Várzea (300 m³), Santo Antônio (200 m³), Espírito Santo (160 m³), Serrinha (50 m³) e Passagem, com capacidade também para 50 metros cúbicos. O Sistema conta com uma rede de distribuição com 26 quilômetros de extensão e já atende a uma população de cerca de 20 mil habitantes nas cinco cidades. O investimento foi, a preço de hoje, superior aos Cr\$ 300 milhões.

Além do desempenho no setor de expansão e melhorias, a CAERN também se preocupou com a parte operacional, tendo executado várias obras, em diversos setores, desde a instalação do Parque de Manutenção, amplia-

ção da rede de laboratórios, modernização do atendimento ao público e instalação do serviço de comunicação fixo-móvel, até a ampliação de prédios, com investimentos atingindo a casa de Cr\$ 1 bilhão.

Foram construídos: Parque de Manutenção, inclusive equipamentos; unidades complementares na área da captação de Lagoa Nova II; Almojarifados de Natal, Mossoró, Caicó e Pau dos Ferros; Sedes dos Distritos Serrano, em Pau dos Ferros, e Litoral, em Natal; Instalações da Gerência de Recursos Humanos, inclusive Centro de Treinamento; Escritórios de Parelhas, Eduardo Gomes, Macaíba, Canguaretama, São José de Mipibu, Nova Cruz, Poço Branco, Carnaúbas, Acari, Florânea, Areia Branca e Açú.

Ampliadas as instalações dos Laboratórios Central, em Natal, do Distrito Serrano, em Pau dos Ferros e da Estação de Tratamento do Jiquí. Reformadas as sedes dos Distritos do Oeste (Mossoró) e Seridó (Caicó) e equipadas as oficinas mecânica e de hidrômetro, bem como as oficinas simplificadas dos Distritos Litoral, Seridó e Serrano e a estrutura móvel de manutenção. Foram ainda reformados os prédios da Administração Central e do Distrito Metropolitano, ambos em Natal.

Foram também implantadas nove centrais telefônicas PABX e KS na Administração Central, Diretoria de Operações, Atendimento ao Público, Gerência de Recursos Humanos e sede dos Distritos Metropolitano, Oeste, Litoral e Serrano.

Implantados ainda o Sistema de Comunicação Fixo-Móvel — em VHF, UHF e AF/SSB, em toda a área operacional da CAERN —, interligando pontos estratégicos com unidades de manutenção — bem como o Sistema de Processamento de Dados, que simplificou o atendimento ao público e cadastro de consumidores em cidades com mais de 1 mil ligações. Estas são algumas das ações da atual diretoria da CAERN no plano de melhorias operacionais.

QUADRO 03

P E R Í O D O S	
ANTES DE 1960	
1960-1965	
1965-1970	
1970-1975	
1975-1979	
1979-1983	
A G U A	
NO PERÍODO	ACUMULADOS
03	03
02	05
07	12
14	26
33	59
52	111

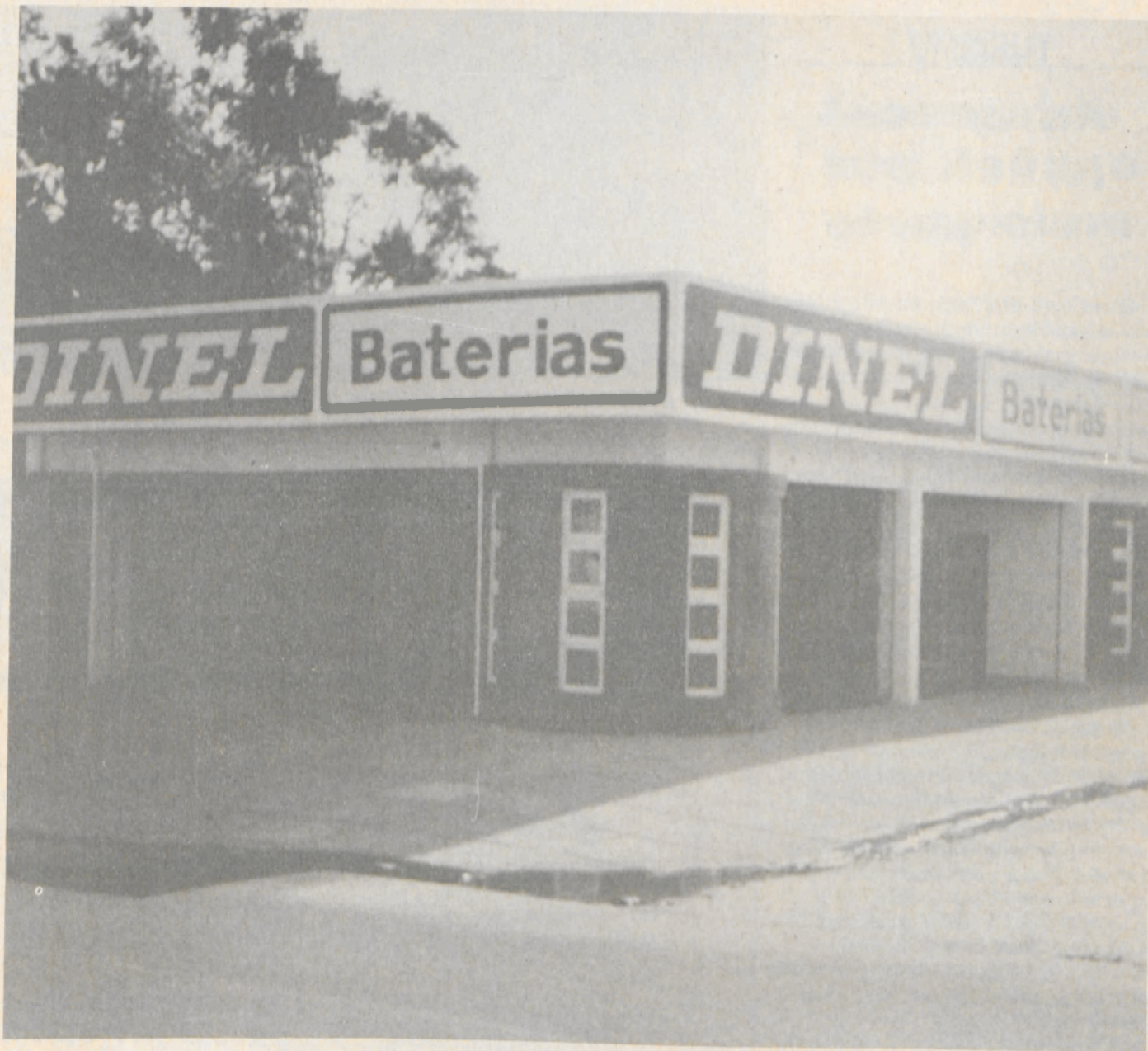
ESTAMOS HONRADOS EM PARTICIPAR DA CONSTRUÇÃO DO RN



**Master Incosa
Engenharia S.A.**

Construindo para humanizar.

A MASTER INCOSA ENGENHARIA S. A. no final de mais um ano de trabalho, reafirma sua confiança no futuro do Rio Grande do Norte. Com o mesmo espírito de luta de quando começou. Há mais de duas décadas, executando projetos de obras de engenharia para o desenvolvimento da região. Nossa presença no Rio Grande do Norte tem a marca perfeita da identificação de objetivos da nossa empresa com o futuro deste Estado. Nesta edição especial da revista RN/ECONOMICO, quando este veículo assinala a importância dos seus 13 anos de comunicação especializada, alegra-nos saudar a inteligência potiguar com a nossa mensagem de apoio e solidariedade.



A MAIOR REDE DO ESTADO

BATERIAS PARA AUTOMÓVEIS, CAMINHÕES, ÔNIBUS, TRATORES, ETC.

Dinel — Distribuidora Natalense de Acumuladores Elétricos Ltda. Agente depositária da Cia. distribuindo a maior linha de baterias automotivas e estacionárias do Brasil das marcas Prestolite e Eletricas. Dinel — Baterias participa também do desenvolvimento do RN, junto com a maior rede de revendedores do Estado. Estamos vencendo mais um ano que passa e esperamos que o ano de 83 seja de grande progresso para nossa instituição. Queremos saudar com um Feliz Natal e Próspero Ano Novo todos os nossos revendedores distribuidores em todo o Estado do Rio Grande do Norte. Meiado de 1982 inauguramos um novo prédio na Av. Prudente de Moraes para servir melhor a nossa clientela. Organização e progresso. Queremos parabenizar a revista RN/Econômico pelo seu sucesso alcançado nesse período de 13 anos, abordando assuntos econômicos, administrativos e políticos do RN.

DINEL BATERIAS
Distribuidora Natalense de Acumuladores Elétricos Ltda
Av. Prudente de Moraes, 1461 — Tel.: 223-2777
Lagoa Seca — Natal-RN

TURISMO

As novas opções são mais perto

O turismo está sofrendo um deslocamento em seu eixo de atração. A Aerotur, segundo informa o seu diretor, Hipérides Lamartine, volta-se para excursões não mais basicamente na Europa e Estados Unidos, como nos bons tempos do turismo internacional e dos dólares mais acessíveis. Agora, com a adaptação aos novos tempos, os programas turísticos voltam-se para a América do Sul e, com especialidade, para dois países: Argentina e Chile.

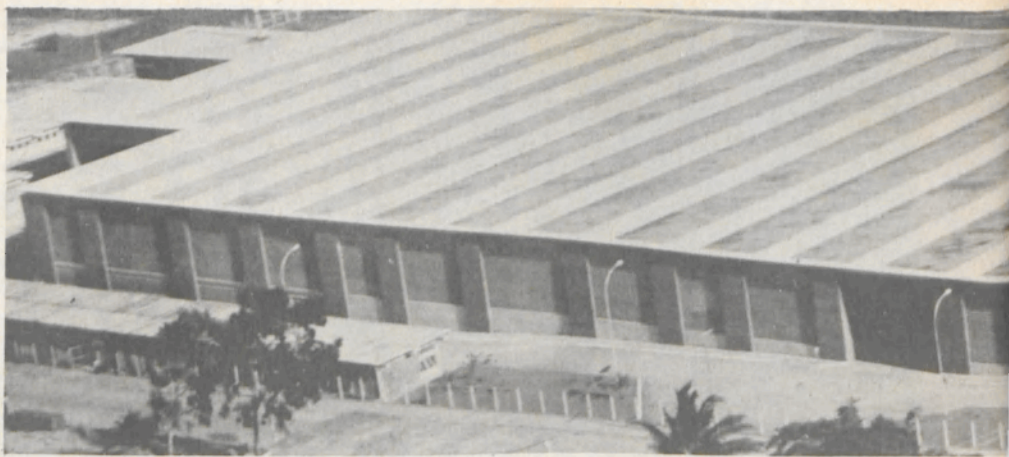
Peri Lamartine tem explicações precisas para a colocação desses dois países no centro dos atuais programas turísticos: no caso da Argentina, é porque o peso está muito desvalorizado em relação ao combalido cruzeiro, o que dá grande vantagem à nossa moeda e, conseqüentemente, aos nossos viajantes; no caso do Chile, trata-se de uma certa semelhança com a civilização européia pois, como se sabe, os chilenos ficaram do lado de lá do Tratado de Tordesilhas e, portanto, mais expostos à civilização européia. Os chilenos ainda têm uma atração de quebra: a excelente qualidade dos seus vinhos.

BONS VIAJANTES — Com crise, ou sem crise, o natalense é um bom viajante, segundo Peri Lamartine, um homem que fala sobre o assunto com conhecimento e a experiência de pioneiro em agência de viagens no Estado. Com uma expressão comum, ele define a situação assim:

— O natalense é um pobre metido à besta.

As excursões à América do Sul, de qualquer forma, são mais acessíveis do que os roteiros turísticos tradicionais. Os planos vão de Cr\$ 100 mil a Cr\$ 250 mil por pessoa.

Quanto ao turismo interno, Nova Iguaçu está substituindo aos poucos, Manaus, como atração. A Zona Franca está perdendo os seus encantos, porque não é mais tão franca como já foi nos bons tempos. E a Bahia aparece como a grande atração, vendida promocionalmente nas canções, pelos seus artistas, pelo seu carnaval, pelos seus poetas e escritores. □



O complexo da Alpargatas em Natal: muito planejamento

REVENDEMOS AS GRANDES

FILTROS
INPECA

A BOSCODIESEL e a BROPEL — Comércio de Rolamentos e Peças Ltda, são duas empresas que em Natal revendem e prestam assistência técnica às grandes marcas e seus produtos.

A BOSCODIESEL, recentemente criada, detém a assistência técnica autorizada dos motores MWM, bombas injetoras CAV, BOSCH e faz reparos de motores em geral. Serviços de tornos, freza e plaina

também são executados em BOSCODIESEL. Já a BROPEL é revendedora exclusiva dos motores MWM, bombas CAV, dos filtros INPECA, dos produtos LOCTITE e acoplamentos FALK. Rolamentos, retentores SABO, VEDABRÁS, correias industriais e peças para



BOSCODIESEL

Av. Prudente de Moraes, 2006 — Lagoa Nova — Tel.: 231-7079 — Natal-RN.

Alpargatas explica o sucesso

O índice de expansão da Alpargatas Confecções do Nordeste ainda está dando margem a muitas interpretações. O crescimento da sua receita no ano passado — 11,8%, inferior apenas ao da Levi Strauss e Staroup — é mais significativo porque vem no bojo de uma política iniciada sem muito estardalhaço com a aquisição, em 1973, pela São Paulo Alpargatas, do projeto da Sucar Confecções. O objetivo inicial era investir na produção e lançar um produto de qualidade e preço acessíveis. O crescimento nos oito anos que se seguiram, contudo, foi além da expectativa. A rentabilidade no ano passado teve também um índice muito acima do da média: 40,8%.

Explicando uma parte do sucesso desse desempenho, Howard Mallek, diretor e um dos responsáveis pela implantação da Alpargatas Confecções disse, em entrevista à imprensa:

— Desde o início das nossas atividades procuramos desenvolver um rígido planejamento a médio e longo prazos, manter uma flexibilidade para acompanhar as grandes tendências da moda e oferecer aos lojistas e consumidores a melhor opção possível.

AS TENDÊNCIAS — A empresa tem tido o cuidado de acompanhar atentamente as tendências do mercado, o que significa dizer a minúcia do atendimento às preferências do cliente. “Nossos vendedores” — diz Mallek — “são treinados para vender apenas o que podemos produzir e entregar no prazo prometido”.

A logística de operação adotada engloba desde a compra de matérias-primas até a entrega dos pedidos dos clientes. Mas tudo isso precedido, conforme as explicações de Howard Mallek, do necessário planejamento de marketing — a identificação das tendências da moda e a tarefa de detectar o que o mercado brasileiro pode absorver. Depois disso é realizado todo plano operacional, incluindo a compra de matérias-primas (tecidos e aviamento), preparação da modelagem e das coleções. □

E ASSISTIMOS ES MARCAS

tores em geral são comercializadas pela ROPEL. Nós prestamos assistência técnica às grandes marcas, e também vendemos seus

MWM
DIESEL

produtos. Nós somos a OSCODIESEL e a ROPEL para servir com eficiência e qualidade.

TITE®

ROPEL

COMÉRCIO DE ROLAMENTOS
E PEÇAS LTDA.

Duque de Caxias, 212 — Ribeira — Tels.: 222-2158/7079 — Natal-RN.

O QUE FEZ A SIC EM 1982

Trazer a Sudene a Mossoró, um esforço da Secretaria de Indústria e Comércio.



AÇÕES MAIS IMPORTANTES DO SISTEMA DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO E TURISMO/RN, NO ANO DE 1982, GOVERNO LA VOISIER MAIA:

1. Coordenação da 268.ª reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, realizada pela 1.ª vez no interior do Rio Grande do Norte, na cidade de Mossoró, oportunidade em que foram aprovados importantes projetos do nosso Estado, no montante aproximado de 30 bilhões de cruzeiros.
2. Fortalecimento da Cia. de Desenvolvimento Industrial — CDI, visando oferecer flexibilidade e dinamicidade às ações do Governo do Estado, relacionados com o setor industrial.
3. Assistência e apoio a empresas do Estado, com vistas à participação em eventos como Feiras e Exposições de âmbito nacional.
4. Incentivo à expansão de empresas já existentes no Estado e à implantação de novos empreendimentos industriais, comerciais e turísticos, através de participação acionária e/ou financiamento, a juros subsidiados, com recursos do FDCI.

RECURSOS VINCULADOS AO FDCI EM:

1981	1982
Cr\$ 120.000.000,00	Cr\$ 526.000.000,00

N.º de empresas beneficiadas com incentivos financeiros do FDCI em 1982: 15

5. Coordenação dos trabalhos relacionados com a implantação de unidades industriais para beneficiamento de castanha e suco de caju nas Vilas Rurais da Serra do Mel, o que veio contribuir para que se alcance a viabilização agro-industrial do Projeto.
6. Criação do Pólo Cerâmico do Rio Grande do Norte por Decreto do Governo do Estado, objetivando implantar o segmento de cerâmica branca, oferecer todo o apoio necessário à consolidação do setor de cerâmica vermelha e

promover a implantação de um parque vidreiro no Estado. Já estão em implantação no Núcleo Industrial Cerâmica de Macaíba (Cerâmica branca), 02 unidades industriais, 04 com seus projetos em fase de elaboração e 06 em negociações avançadas.

7. Compra da área do Distrito Industrial de Mossoró, com 136 ha.
8. Compra da área do Núcleo Industrial Cerâmico de Macaíba, com 103 ha.
9. Início da execução das obras de infra-estrutura — DISI Natal
— Núcleo Industrial Cerâmico de Macaíba.
10. Construção e instalação de hotéis, nos principais centros turísticos do Estado, através da NORTEL, a EMPROTURN lançou dois vitoriosos programas turísticos: "Caminhos do Elefante" e "Natal Está na Moda".
11. Perfuração de 1.400 poços pela CDM, registra-se, também, a instalação do Centro de Lapidação do Seridó.
12. A CERN prosseguiu na missão de publicar o Diário Oficial do Estado e A República, mas editou, também, vários títulos de autores potiguares, contribuindo em favor da cultura.
13. Na área da Junta Comercial do Rio Grande do Norte, a partir de 1982 a JUCERN passou a ter a responsabilidade pelo registro do Comércio do Território Federal de Fernando de Noronha.

SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Jorge Ivan Cascudo Rodrigues
secretário

Técnico confia mas suas previsões são moderadas

O Rio Grande do Norte está a menos de três meses do seu novo Governo, que vem com uma proposta audaciosa de desenvolvimento: o combate à seca, e a geração de empregos. Nos inúmeros pronunciamentos que o candidato eleito José Agripino vem trazendo à opinião pública (ver matéria na página 9), sua tônica tem sido a de lutar com todas as forças para conseguir alocar o maior número de recursos financeiros, tendo em vista a consolidação de projetos que se arrastam ao longo dos Governos e, principalmente, a implantação de novos programas que venham a promover a vida econômico-social do povo norte-riograndense.

Para conhecer o quadro atual dos projetos do Rio Grande do Norte, **RN/ECONÔMICO** procurou um contato com o Secretário do Planejamento do Estado, Humberto de Freitas, oportunidade em que, após frisar não ter procuração do futuro governador para falar sobre seus planos, reconheceu que José Agripino irá se deparar com inúmeras dificuldades. Porém foi otimista ao antever boas perspectivas de desenvolvimento para o Estado, sobretudo por considerar a disposição com a qual o governador eleito se prepara para dirigir os rumos do Rio Grande do Norte.

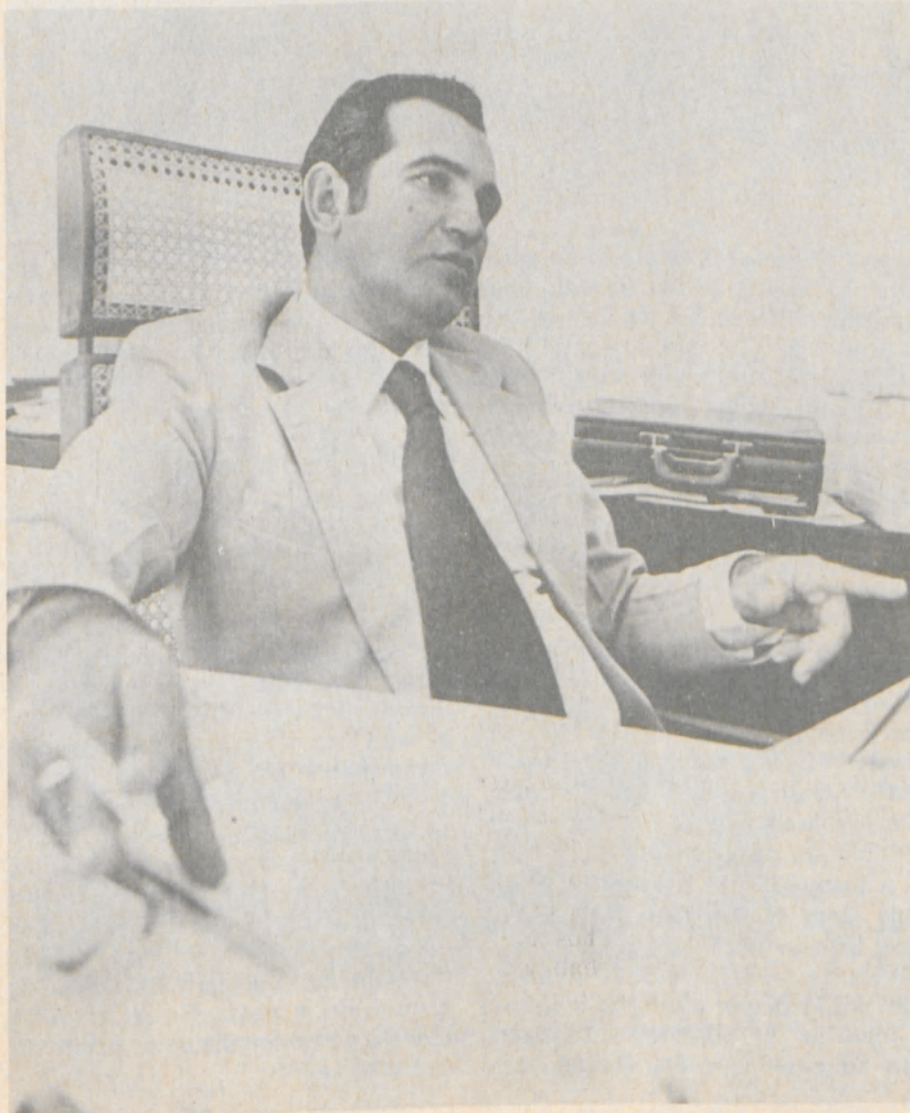
OS PROJETOS — Naturalmente,

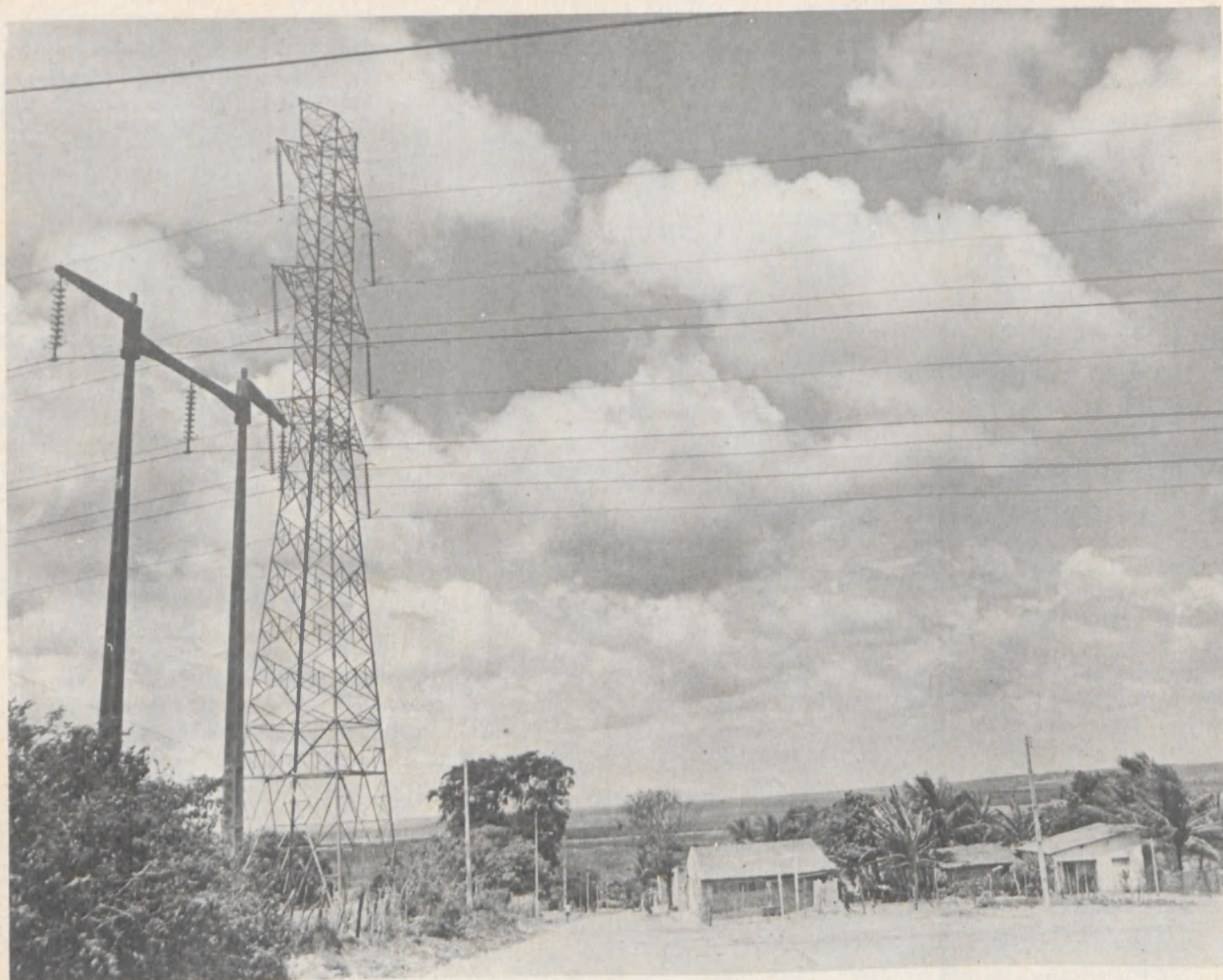
são incontáveis os projetos que envolvem o desenvolvimento de qualquer Estado ou região. No caso do Rio Grande do Norte, salienta o Secretário Humberto de Freitas que, graças às ações de Governos anteriores, incluindo já nesse rol o Governo Lavoisier Maia (já que ele tem pela frente apenas mais três meses de gestão), o futuro governador do Estado irá encontrar um quadro alvissareiro, na medida em que muitos dos projetos encontram-se em considerável estágio de implantação e desenvolvimento, enquanto outros, se não ainda implantados, já estão no papel, com viabilidade aprovada, aguardando apenas a alocação de recursos, afóra outros já idealizados dentro das reais potencialidades do Estado.

Dos que estão em franco desenvolvimento, Humberto de Freitas cita, a começar pelo setor primário, o Rural-Norte, do qual ele participou da implantação. Esse projeto, que tem 40 por cento de recursos financiados pelo Banco Mundial, já garantidos através de contrato firmado entre os Governos Federal e Estadual e o agente financeiro, está incluído nas áreas especiais do Polonordeste, e sua execução se dá através dos Programas de Desenvolvimento Rural Integrado (PDRIs). Trata-se de um projeto de largo alcance social e econômico, na medida em que não somente aperfeiçoa a mão-de-obra rural, como oferece linha de financiamento, criando novas oportunidades de progresso para o homem do campo.

Dentro dessas áreas do Polonordeste, o secretário cita os programas com os quais o novo Governo terá que conviver e encontrar formas de consolidá-los, como por exemplo, o Lagoa do Boqueirão (que tem no coco a atividade fundamental), Serra do Mel (produção, industrialização e comercialização do caju), Serra do Martins (onde se faz experiência principalmente com o café) e o Litoral Agreste, cujo projeto encontra-se em fase final de elaboração. Observa Humberto de Freitas ser o Polonordeste um programa permanente, e para o qual, o novo governador deverá dar uma atenção especial, como também ao Projeto Sertanejo, que vem propiciando ao homem do campo condições de melhoria de vida.

RECURSOS HÍDRICOS — Essa, ao lado da geração de empregos, foi eleita pelo futuro governador como a prioridade número um. O Programa de Recursos Hídricos, de apoio ao se-





tor rural, inclui ações do Governo do Estado e Governo Federal, através do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e exigirá uma permanente vigilância, sem qual o futuro Governo não irá executar mais uma de suas prioridades — o combate à seca.

Nesse programa estão incluídos dois grandes projetos, quais sejam, o de perenização do Rio Açu, que já começou com a construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, e de perenização do Rio Potengi, de iniciativa do Governo Lavoisier Maia.

Esses, no entender de Humberto de Freitas, são os projetos de maior destaque e que, desenvolvidos a contento, sem dúvida darão ao Rio Grande do Norte condições de conviver com seu clima, construído, em quase cem por cento, de semi-árido.

PERSPECTIVAS — Ainda no setor de recursos hídricos, Humberto de Freitas destaca três grandes projetos, para os quais José Agripino terá que

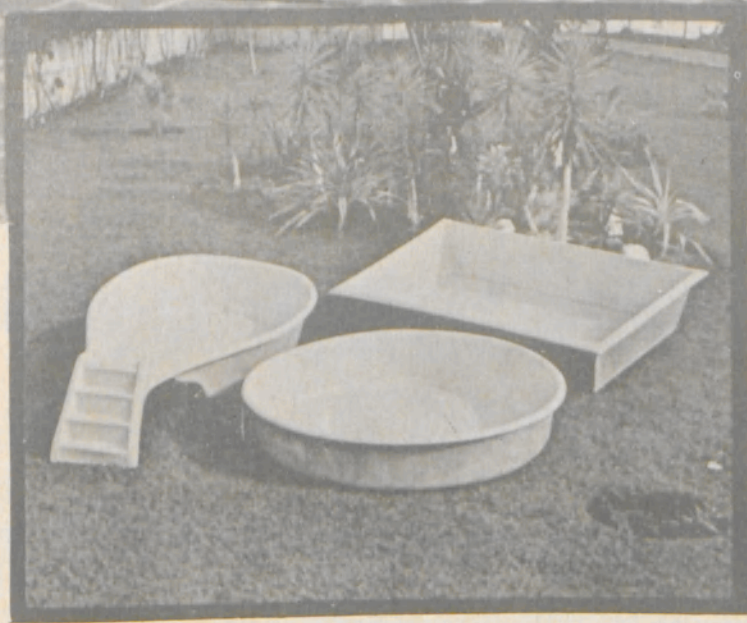
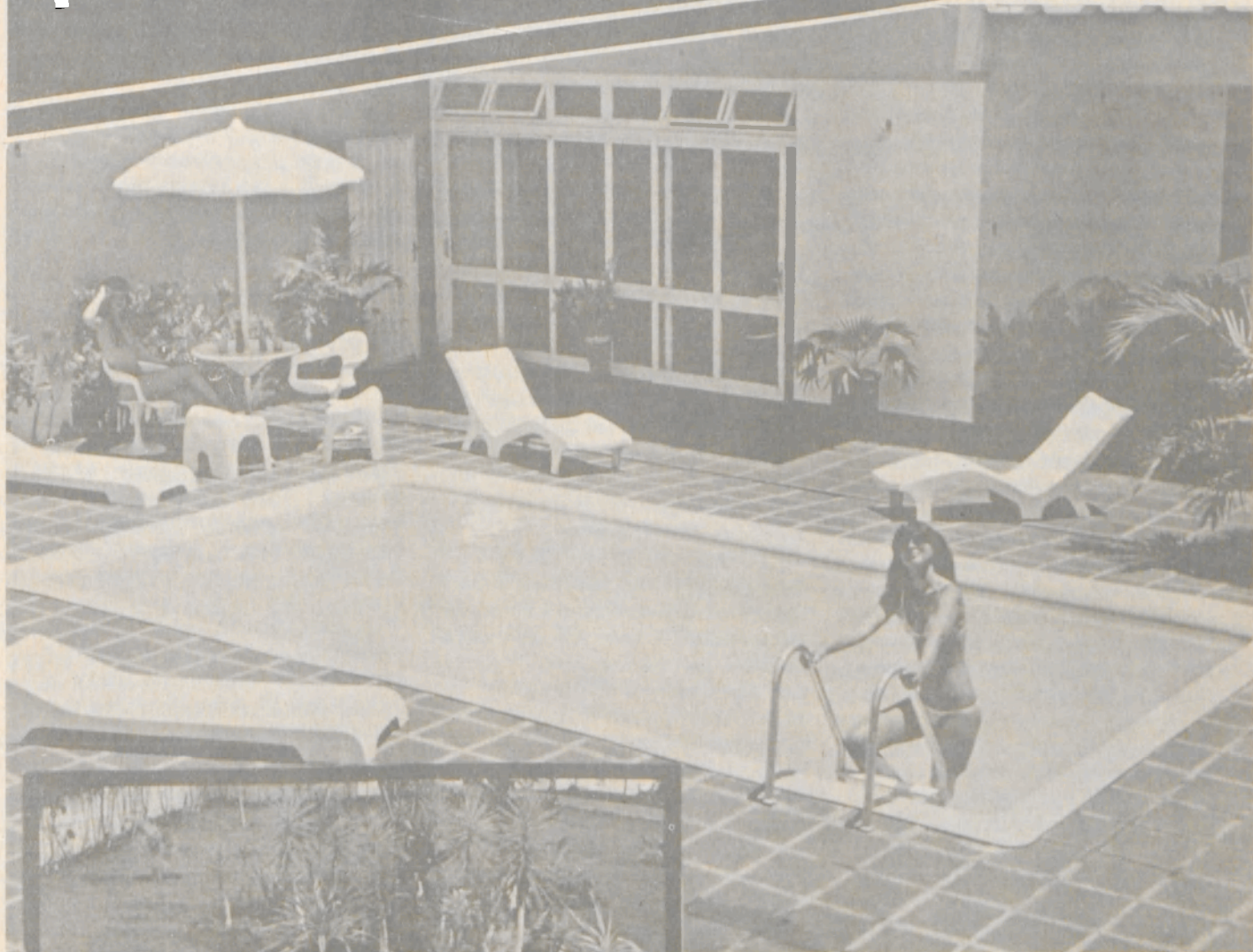
buscar os recursos. Trata-se da perenização do Rio Seridó (pronto, mas dependente de dinheiro para sua execução), o da Chapada do Apodi e da região do Mato Grande, consideradas áreas com grande potencial de água no seu subsolo, mas que exigirão uma política arrojada na captação de recursos. Para o secretário, são projetos que devem logo ser elaborados e negociados, pois já há provas de sua viabilidade.

Como perspectiva de um bom Governo para o homem do campo, além do Programa de Recursos Hídricos, Humberto de Freitas lembra um outro projeto, iniciado no Governo Lavoisier Maia e que não deve parar, pelos resultados que vem produzindo, com mais de 60 povoados já usufruindo da infra-estrutura montada. É o Programa de Integração Rural, cuja meta é levar benefícios (água, luz, saneamento, escola, hospitais, títulos de terra, melhoria habitacional, atividades de produção e outros) a mais de 400 distritos e povoados que até então não vêm gozando des-

sas melhorias. São aglomerados rurais que, se não produzem, é porque não lhes são dadas condições. A filosofia desse Programa é, não somente fixar o homem do campo em seu habitat, mas, e principalmente, oferecer atividades que lhe permita melhoria do nível de renda.

Ainda dentro do setor primário, o Secretário do Planejamento lembra o cuidado que o futuro governador terá que tomar quanto à instalação de processos específicos de produção de gêneros alimentícios, incluindo aí o Projeto Cidade Hortigranjeira, o desenvolvimento da caprino-ovino-cultura e os projetos de apoio às culturas industriais como o caju, coco, algodão, cana-de-açúcar e outros que são o sustentáculo da economia do Estado. Fria Humberto de Freitas, no entanto, que para esses e outros projetos serem viáveis, necessário se faz que em todos haja a preocupação fundamental de fortalecer a região do semi-árido, e dessa forma, ajudar o homem do campo potiguar a conviver com o seu clima.

ESTAS PISCINAS SÃO FABRICADAS EM NATAL



O material é fibra de vidro. Vários são os formatos e as dimensões como a Poolglass está fabricando, com exclusividade, as práticas e bonitas piscinas desse sofisticado material. A piscina em fibra de vidro é "só cavar o buraco" e instalá-la. E se você um dia se mudar, é só levá-la. Além de piscinas, a Poolglass fabrica espriguiçadeiras, centros e guardas-sol em fibra de vidro. Uma coisa é certa: piscina em fibra de vidro não dá vazamento e sua instalação final fica bem mais barata.

POOLGLASS

Av. Alexandrino de Alencar, 1086 — Tel.: 223-4777 — Natal-RN

DATANORTE: O PROGRESSO RÁPIDO

A DATANORTE é hoje uma das poucas empresas superavitárias do Estado e em termos de crescimento é um fenômeno que pode ser analisado pelos dados dos seus últimos balanços com resultados positivos que surpreenderia a qualquer bom "expert" em análise de balanço, dada imagem de descrédito criada contra as empresas mistas de um modo geral.

Por outro lado sabe-se que segundo estatísticas, o tempo de maturação de uma empresa estadual de processamento de dados é de pelos menos 7 anos, a partir do seu início. Essa é uma afirmativa real que ocorreu com a maioria das companhias congêneres. Porém com a DATANORTE, esse tempo foi abreviado de quase a metade, graças ao esforço conjunto de uma equipe disposta a trabalhar e liderada por um presidente, jovem e idealista, Murilo Diniz, que soube implantar na sua empresa uma linha de conduta e produção pouco comparável.

Entre essas razões que contribuíram para o atual sucesso, outros aspectos poderão ser levantados. Em primeiro lugar, diz Murilo Diniz: "Devemos muito a firme decisão do Governo Lavoisier Maia em dotar o Estado de uma empresa que fosse instrumento de racionalização das informações básicas para a tomada de decisões, atendendo aos nossos reclamos e respeitando a posição das nossas suções".

Em segundo lugar, cita Diniz, a consciência da equipe que é altamente qualificada e voltada para o sucesso da empresa.

JUVENTUDE EXPERIENTE — Um jovem de 29 anos, quando iniciou na empresa em 1977, trazendo consigo uma experiência em processamento de dados de mais de 10 anos, conseguiu transferir para toda a equipe, também jovem, a magnitude dos problemas a serem enfrentados e as alternativas de solução a serem adotadas.

Murilo Diniz, natural de Caicó, vindo dos quadros da SUDENE, com experiência anterior da Empresa Estadual de Processamento de Dados de Pernambuco — CETEPE — criou na empresa condições estruturais para o banco de dados que opera com eficiência em todas as linhas da informática. E a tecnologia eletrônica atuando nos mais diversos setores da administração pública estadual.

DE DÉFICIT A SUPERAVIT — Centralização dos diversos departamentos da empresa em uma única instalação, por ser esta uma medida de racionalização numa atividade onde a comunicação rápida entre setores é fundamental ao cumprimento de cronograma e redução de custos.

Foram centralizados na empresa os principais serviços processáveis, dando-se prioridade àqueles que eram executados por empresas de outros Estados como, por exemplo, CAERN e COSERN.

O BANDERN por sua importância em termos de resposta rápida às solicitações de seus clientes, teve também tratamento prioritário.

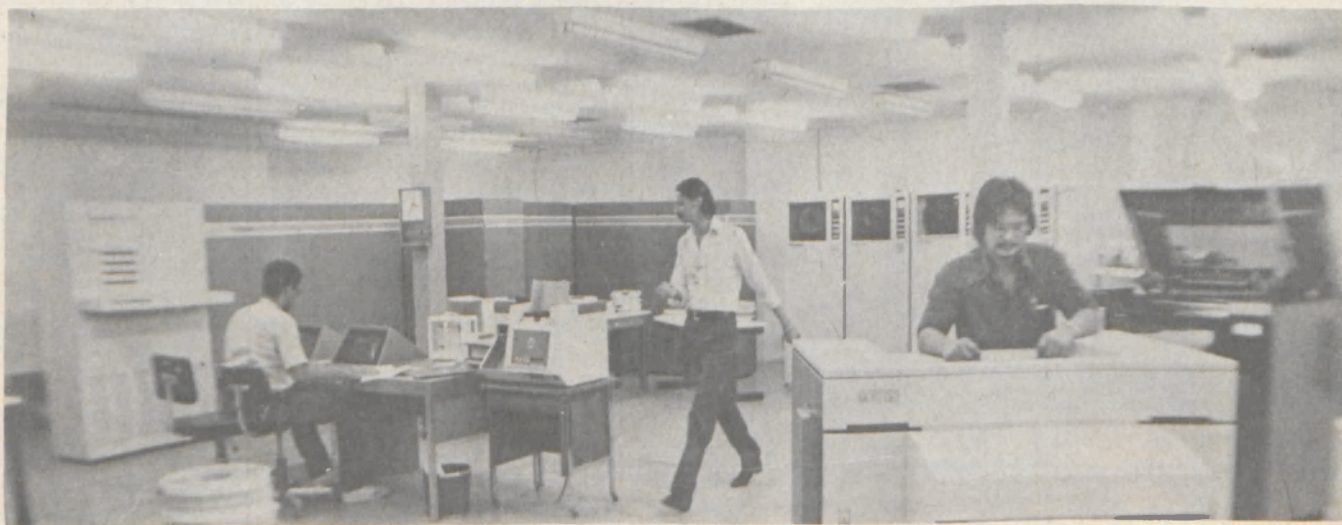
Para efetivação dessas medidas foi preciso multiplicar por 10 (dez) a capacidade de processamento e armazenamento eletrônico de dados.

Evoluiu de um computador 360/30 para um moderno e rápido B-6800 deixando hoje o Estado na era do teleprocessamento com terminais nos diversos órgãos da Administração Pública.

Em consequência dessas medidas a DATANORTE evoluiu de um déficit operacional nos exercícios 1977, 1978 e 1979, compreensíveis por se tratar da implantação da empresa, para resultados superavitários nos exercícios seguintes, definindo sua viabilidade neste exercício quando os resultados animadores permitiram o início da construção de sua sede no Centro Administrativo, com recursos próprios.

A estrutura de concreto estará pronta até 15 de março com investimento da ordem de Cr\$... 50.000.000,00 (cinquenta milhões de cruzeiros).

Evidencia-se, por tudo que foi dito, que os administradores do Rio Grande do Norte não poderão prescindir deste forte instrumento em que se constitui a DATANORTE, a exemplo de Estados mais desenvolvidos.



SETOR INDUSTRIAL — Nesse setor, o Secretário Humberto de Freitas não se alongou muito, pois não há ainda muitas novidades. Começa citando alguns projetos específicos, como o Projeto Cerâmica, que já iniciado e que o novo Governo deverá aproveitar o potencial existente, destacando o apoio que tem que ser dado à iniciativa privada no setor. Para ele, o Estado tem uma produção considerável no setor de cerâmica estrutural, mas só isso não basta. Devem ser criados novos investimentos para a produção de cerâmica fina, que o grupo Benhayon, com incentivos dos Governos Federal e Estadual, vem intensificando em Natal.

Cita em seguida as ações que vêm sendo empreendidas rumo à consolidação do Parque Têxtil do Estado (um objetivo, no seu entender, que deve ser preocupação de todos os Governos), o projeto de aproveitamento da scheelita, para a produção de tungstênio, o Projeto Químico, que se constitui no aproveitamento das águas-mães, tendo em vista a produção de magnésio metálico, e sulfatos de sódio e potássio, lembrando que toda a parte de tecnologia já está estudada, faltando apenas a alocação de recursos, para a elaboração do projeto e implantação de uma planta-piloto para a produção de sulfato. Humberto de Freitas também adverte para a necessidade da intensificação do Projeto Camarão.

E OS RECURSOS? — Lembrando que o Rio Grande do Norte faz parte



Problemas sociais: reflexos da falta de projetos que geram empregos

da região que, nestas eleições, garantiu a maioria no Colegiado que irá indicar o sucessor do Presidente Figueiredo e, por isso, em condições maiores de barganhar recursos, acredita o atual Secretário do Planejamento que o futuro governador do Estado lutará em igualdade de condições com os demais governadores do Nordeste, com a vantagem de que, como Prefeito de Natal, José Agripino já demonstrava capacidade para conseguir dinheiro para suas realizações como administrador. Humberto de Freitas, que pessoalmente já negociou com o Banco Mundial, quando da implantação do Rural-Norte, tem certeza de que Agripino não encontrará a menor dificuldade em enfrentar os mecanismos burocráticos do agente financeiro internacional, e a

prova é que desenvolveu em Natal projetos urbanos dos mais importantes. E é para Washington que Agripino estará seguindo nos próximos dias.

Ao frisar que o futuro governador tem livre acesso ao Banco Mundial e mantém um grande conhecimento em setores importantes do agente financeiro, que participa do desenvolvimento do Estado, observa o secretário que, no entanto, o Banco Mundial não é a única fonte de recursos com o qual o novo Governo irá negociar. Lembra ele o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o FINEP, a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), Banco Nacional de Habitação e tantos outros que, efetivamente, vêm contribuindo para o Rio Grande do Norte. □



Ocupação para mão-de-obra: resultado do desenvolvimento

Hiper entra em área de concorrência inesperada

Esperava-se que o Hipercenter Bompreço concorresse, basicamente, com os supermercados. Ele está concorrendo é com as lojas de eletrodomésticos de Natal. Passado o impacto inicial da implantação do Bompreço, as coisas assumiram um rumo inesperado. O nível do consumidor que se estabilizou como cliente-padrão do novo grupo passou a situar-se numa faixa em torno da classe média alta, ou imediatamente abaixo. Após a inauguração, os consumidores dos bairros mais periféricos, que acorreram ao Bompreço atraídos pela novidade e em busca de mais opções e preços mais baixos, voltaram aos seus hábitos antigos. Pelo menos a parte mais substancial voltou. Ficou, de todo modo, um resíduo, atraído pelas ofertas semanais de produtos

que não são propriamente gêneros alimentícios, mas artigos da moda para o público jovem, ou de consumo para as donas de casa — as chamadas utilidades domésticas.

Como ficou esse resíduo, o impacto da concorrência inicial provocado pela entrada do Hipercenter Bompreço na praça passou, em parte. As vendas dos outros supermercados, que sofreram abalo nessa primeira fase da concorrência, voltaram a experimentar índices ascendentes. Mas, conforme garante um especialista em pesquisa de mercado, “a normalidade ainda não voltou a ser atingida”.

NOVAS TÁTICAS — O jeito foi uma mudança de tática comercial da parte dos supermercados de Natal. A principal reação foi voltar-se para a

mídia eletrônica com mais intensidade, em detrimento da mídia impressa. Ou seja: anúncios serão veiculados em maior número nas emissoras de televisão.

Mas essa reação não se faz sentir apenas do lado dos concorrentes mais frontais do Bompreço. As lojas de eletrodomésticos têm sentido a concorrência. E, assim, procuram reagir à altura. A rede de “A Sertaneja”, por exemplo, adota pela primeira vez em Natal anúncio em larga escala com “out-doors”. Recurso largamente ousado em outras capitais, o “out-doors” tem tido emprego em Natal quase que exclusivamente nas campanhas políticas — sobretudo na última. Mas a “A Sertaneja” não apenas vai recorrer a ele, como realizou em dezembro uma grande campanha de vendas com distribuição de importantes prêmios, cujos resultados, para seu diretor, Zildamir Soares, “têm sido excelentes”.

São componentes novos de um quadro que está se configurando no setor do consumo em Natal e que se vão acentuar dramaticamente no próximo ano, com uma disputa mais acirrada ao consumidor. □



Compras indecisas

NOVO GOVERNO, NOVA REFLEXÃO - 1

CORTEZ PEREIRA

Todos reconhecemos que a falta de capital resulta da pobreza e é causa do seu agravamento. Sem ele as comunidades atrasadas se eternizam no atraso.

Todos sabemos que quando o índice de pobreza de um povo desce ao estágio de miséria, institucionaliza-se, como que se consolida, formando uma compacta e pesada realidade quase irremovível.

Nessas circunstâncias perde-se a condição de se auto-impulsionar, entrega-se ao desalento de uma conformada sobrevivência até que, de fora, venha algum dia o apoio e a força suficiente para arrastar, retirar do atoleiro e da estagnação.

É este o estágio em que vive quase todo o Nordeste, estágio mais sombrio nos Estados mais pobres, como é o caso do Rio Grande do Norte.

Uma consciência coletiva que se formasse para vencer a força dessa gravidade, poderia fazer alguma coisa, mas, com toda certeza, não faria muito. Este possível remédio, porém, é neutralizado pelo próprio mal, pela incapacidade cultural das comunidades estigmatizadas pela miséria.

As lideranças empresariais do meio, descapitalizadas pelo próprio meio, jamais teriam condições e motivações de lucros para realizar investimentos suficientes a inverter o desgraçado destino.

Só o Governo, este sim, poderá, com apoio do povo, fazer retroceder o processo de empobrecimento. Só o Governo sim, em regiões como a nossa, no estágio em que nos encontramos, pela concentração de forças e recursos que detém, só ele é capaz de mudar o rumo da história.

Até mesmo a nação mais rica do mundo, os Estados Unidos, quando foi vencida pela terrível crise de 1930, teve de apelar para o Governo que foi capaz de arrastá-la de volta, depois de cair no abismo da Grande Depressão.

Ninguém duvida que vivemos, permanentemente, dificuldades maiores dos que as vividas pela comunidade americana, naquele rápido período.

Daí, a importância para o Rio Grande do Norte desta hora em que um novo Governo se prepara para assumir a responsabilidade de "planejar e promover" o nosso desenvolvimento.

Defendo, há muito tempo, a tese de que nos Estados menores, mais pobres, a ousadia de mudanças institucionais torna-se mais viável, por não afrontar poderosos interesses organizados.

Sem mudanças institucionais, profundas, nas bases, não há mudanças.

Numa economia marcada pela miséria, miséria que é fome, que é desabrigo, que é nudez e que as três soluções nascem da Terra, se não modificar, racionalmente, a estrutura fundiária quase impossível será vencer a miséria.

Não existe, não existe mesmo outro caminho den-

tro dessa difícil realidade que somos, senão promovermos uma reforma agrária de conteúdo e substância econômica.

A reforma agrária da qual falamos, não é o "humor negro" de dividir terras entregando-as à desorientação de quem não sabe nem tem meios de torná-las, acertadamente, produtivas.

Reforma agrária não é enganar com títulos de terras pobres homens de boa-fé, para que eles morram de trabalhar, produzindo alimento barato para as populações urbanas e matéria-prima para movimentar indústrias.

A reforma agrária que nos preocupa e que identificamos como solução, é a que nasce de uma decisão política do Governo em elevar o nível de vida do homem do campo, em criar uma classe média rural que produza e seja beneficiária de sua produção.

É necessário, mas não é suficiente que o agricultor sem terra torne-se dono da terra; não é bastante que ao dono da terra seja ensinado o que produzir e dadas as condições para trabalhar; é preciso congregá-los para que seus produtos somados justifiquem a complementação industrial e, finalmente, tornem-se vendedores e donos do lucro pago pelo consumidor, nacional ou estrangeiro.

É esta a decisão política que um povo consciente exigirá do seu governante. Mas, e a indagação do primeiro raciocínio: com que dinheiro?

A resposta pode surpreender mas é verdadeira: não falta dinheiro para bons projetos.

Vivemos a experiência de governando o Rio Grande do Norte termos sabido imaginar bons projetos que aí estão, inclusive, atraindo, anualmente ainda, milhões e milhões de cruzeiros que já são bilhões.

Aí está o Rural-Norte, responsável por estradas, hospitais e postos de saúde, pesquisas, escolas e tantas outras coisas que estão sendo feitas agora, que foram no Governo que passou e outras mais que serão feitas no futuro. Sabem qual foi a participação do Estado? 5%, que são, sobradamente, gerados e recebidos em forma de impostos a partir da aplicação dos 50% do Governo Federal e dos 45% do Banco Mundial.

Em toda a Serra do Mel o Governo do Estado, até dezembro de 1977, isto é, mais de dois anos depois de termos encerrado o mandato, havia aplicado menos de 1 milhão de cruzeiros, exatamente, Cr\$ 896.276,00, todo o resto chegou de fora.

No Projeto Boqueirão, até a mesma data, o desembolso do Governo do Estado foi, precisamente, 0 (zero).

É, assim, com projetos racionalmente imaginados que se consegue quebrar o círculo cumulativo da pobreza e atrair, para onde não existe, o capital necessário ao desenvolvimento.

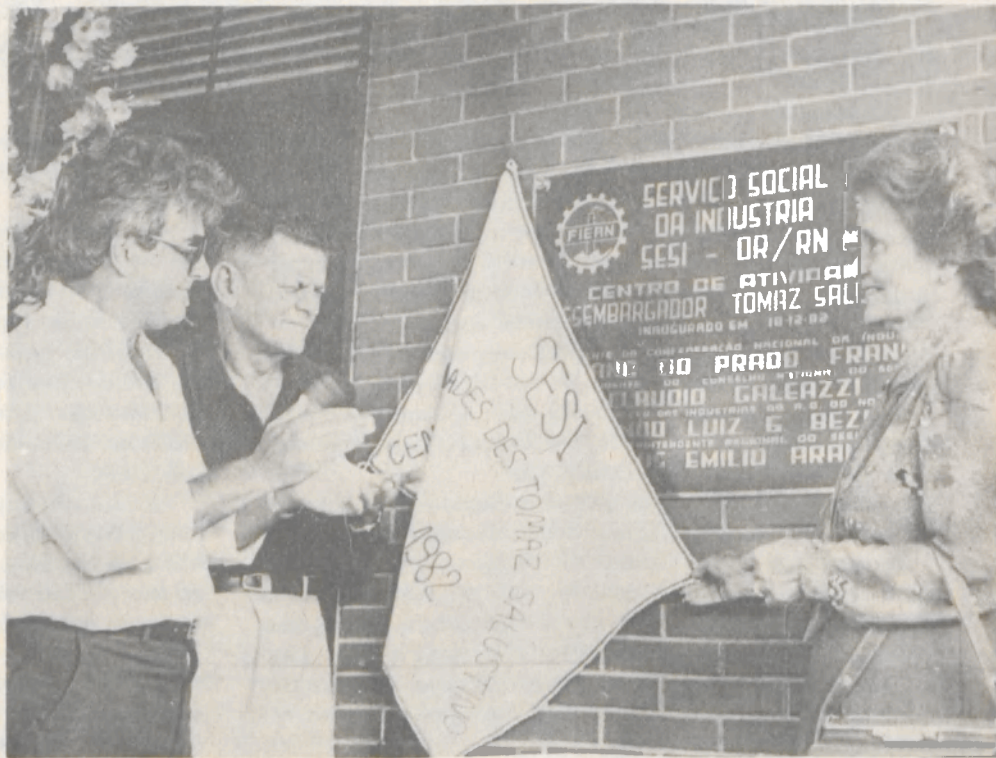
CENTRO DE ATIVIDADES TOMAZ SALUSTIN

O Serviço Social da Indústria — Sesi, continua a marcar a sua presença em todo o Estado do Rio Grande do Norte, no atendimento aos trabalhadores do setor e seus familiares. Dando prosseguimento às suas atividades, o Sesi, através do seu diretor, empresário Fernando Bezerra, colocou à disposição do industriário seridoense, especialmente os da área de mineração de Currais Novos, o Centro de Atividades Desembargador Tomaz Salustino, que, ocupando área coberta de 3 mil e 100 metros quadrados, e área total de 20 mil metros quadrados, atenderá a 13 mil famílias, com assistência em educação, lazer, saúde, esportes e participação comunitária.

A inauguração ocorreu dia 18 de dezembro, com a obra construída em 11 meses, ao custo de Cr\$ 185 milhões. Apesar de todo o seu potencial de atendimento, o Centro deverá proximamente ter ampliadas suas instalações físicas com a construção de quadra coberta, piscinas e auditório. O Centro de Atividades coloca ao dispor da comunidade salas de aula, inclusive jardim de infância, sala de jogos, play-ground, salão para recepções, além de consultórios para clínica geral, ginecologia, odontologia, laboratório para exames clínicos, vacinação e aplicação de injeções.

A INAUGURAÇÃO — O ato inaugural contou com a presença do desembargador Mário Moacir Porto, presidente da Mineração Tomaz Salustino, futuro vice-Governador Radir Pereira, secretário dos Transportes e Obras Públicas, Vauban Bezerra de Faria, empresários, diretores do Sesi e cerca de 2 mil e 500 pessoas que aplaudiram a iniciativa desenvolvida sob a liderança do diretor do Sesi, Fernando Bezerra, também presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte — Fiern.

A solenidade teve início às 10h10m do dia 18, um sábado, com o hasteamento do Pavilhão Nacional pelo desembargador Mário Porto; Bandeira do Rio Grande do



D. Giselda na inauguração simbólica

Norte, pelo Prefeito de Currais Novos, Geraldo Gomes; e Fernando Bezerra, que alçou a Bandeira do Sesi. O hasteamento ocorreu ao som do Hino Nacional, executado pela banda de música de Carnaúba dos Dantas.

Em seguida, todo o público dirigiu-se para o interior do Centro, onde o Padre Ausônio Tércio, que será seu administrador, deu a bênção e proferiu discurso, destacando a importância da obra. A placa inaugural foi descerrada pela sra. Giselda Salustino, filha do desembargador Tomaz Salustino e casada com o desembargador Mário Porto, que em seguida pronunciou-se, seguido de discurso do empresário Fernando Bezerra.

Após os discursos, houve visita às amplas instalações do Centro, seguindo-se coquetel aos convidados especiais e festa para todo o público, ao som de conjunto musical. Os convidados especiais percorreram inicialmente a área térrea do Centro de Atividades, onde localizam-se a parte administrativa e os consultórios médicos, dirigindo-se em seguida ao pavimento superior, onde situam-se as

salas de aula, salão de jogos e salão de recepções, onde foi servido coquetel ao som da orquestra de cordas do Sesi, integrada por crianças e jovens, filhos de trabalhadores, cuja perfeição e execução de repertório variado foi aplaudida por todos.

OS DISCURSOS — Durante o ato inaugural, os pronunciamentos voltaram-se para abordar a ação do Sesi junto à família industrial, enfatizando a importância das atividades assistenciais desenvolvidas. Manifestando-se inicialmente, o Padre Ausônio Tércio disse: "Vivemos um desses momentos de sonho sonhado acordado, de sonho não fantasia, de sonho desejado, sofrido, amado". Referia-se à urgência com que a região reclamava uma obra como o Centro de Atividades Desembargador Tomaz Salustino, assim descrito pelo seu administrador: "Inaugura-se o novo Centro de Atividades do Sesi. Ele é bonito, fantástico, quase palácio. Ergue-se imponente, à semelhança de fantasia em delírio alucinante", e mais:



Aspecto da solenidade inaugural

“Sua beleza reside desafiante não em suas formas anatômicas, mas muito mais no que dele se espera em serviço à classe industrial. Se edificado e preparado com esmero e carinho, tem uma missão muito especial: ser presença, apoio, desenvolvimento, esporte, lazer, saúde, educação, enfim um pouco de tudo para os que dele se abeirarem”. O Padre Ausônio destacou ainda a participação de Fernando Bezerra na realização da obra, bem como a doação do terreno na gestão do então Prefeito Bitamar Bezerra Barreto, e a atuação do atual Prefeito Geraldo Gomes.

Encerrando seu pronunciamento destacou: “Nosso sonho de tanto tempo é realidade. Obrigado”.

VISÃO ARROJADA — Em seguida, coube a palavra ao desembargador Mário Moacir Porto, que abriu assim o seu pronunciamento: “Esta homenagem que o Sesi, através da sua diretoria, presta ao fundador da nossa empresa, de-

sembargador Tomaz Salustino, traduz o público reconhecimento de quanto o homenageado fez pela sua terra e pela sua gente como parlamentar, magistrado, agricultor, pecuarista, político, vice-governador do Estado e presidente da sua Assembléia Legislativa e, sobretudo, como minerador de visão arrojada e pioneira que implantou nas terras áridas do Seridó uma unidade industrial de concentração de scheelita, que se inclui entre as melhores do Estado e do País”.

Em seguida, destacou as qualidades de Tomaz Salustino como líder nato, cuja riqueza nunca alterou seu caráter de sertanejo que permaneceu fiel a si mesmo e aos seus padrões de homem ligado à sua terra e ao seu povo. E prosseguiu, dizendo que a direção da Mineração Tomaz Salustino agradece a homenagem ao seu fundador, cujas atividades no setor tiveram início em 1943: “Somos gratos, particularmente, ao nosso prezado amigo Fernando Bezerra, presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, diretor do Banco do Nordeste do Brasil, destacado membro da diretoria da Confederação Nacional da Indústria e empresário bem sucedido na área da construção civil, reconhecimento extensivo à diretoria do Sesi, à frente da qual se encontra Marcos Aranha, um homem certo no lugar certo, pela iniciativa de dotar a nossa cidade de uma unidade de ensino técnico-profissional, que se inclui entre as melhores do Nordeste”.

Mário Porto referiu-se então à importância de Currais Novos como pólo econômico do Rio Grande do Norte, na mineração, lembrando que “damos ao País, todos os anos, perto de 11 milhões de dólares em divisas e pagamos muitas dezenas de milhões de cruzeiros de tributos. Currais Novos está para o Rio Grande do Norte, assim como o Nordeste está para o Brasil: quer que a sua importância seja reconhecida pelo poder público, não através de ajudas caridosas ou de circunstâncias, mas como um ato ou atitude de justiça elementar, dando-se à nossa gente uma retribuição pelo muito que contribui para a sustentação da econo-

mia dos outros”.

Destacou então a presença do senador Dinarte Mariz na solução de recente crise superada pelo setor da mineração, agradecendo também aos Ministérios da área econômica, enfatizando afinal: “Mas vamos em frente, com a ajuda de Deus e dos homens de boa vontade, entre os quais se inclui o Sr. Presidente da República, que em recente pronunciamento declarou para quem quisesse ouvir, que tinha vontade de colocar o mapa do Brasil de cabeça para baixo, para livrar o nordestino de uma herança secular de pobreza e de injustiças. Muito obrigado”.

FERNANDO BEZERRA — O último pronunciamento coube ao diretor do Sesi, Fernando Bezerra, que ressaltou a sua alegria em entregar o Centro de Atividades Tomaz Salustino, lembrando a participação, há 24 anos, de Clóvis Motta, para a instalação pioneira do Sesi em Currais Novos. Destacou em seguida a atuação do ex-presidente da Fiern, hoje ministro do Superior Tribunal do Trabalho, Expedito Amorim, para então referir-se à ação de homem público de Tomaz Salustino.

Considerando-o como “empresário lúcido e pioneiro”, afirmou que agora o trabalhador ganha, no Seridó, um atendimento prioritário, criado e mantido pelo empresário industrial. Fernando Bezerra fez questão de assinalar a presença do empresário Marcelo Porto, cuja liderança destacou, advertindo que a categoria precisa manter-se unida, a fim de enfrentar todas as dificuldades.

Para Fernando Bezerra, o empresariado, com uma visão ampla e profunda poderá levar o Nordeste ao desenvolvimento, superando o estágio econômico, social e cultural vivido pela região, para ingressar em tempos de progresso e maior justiça social. O diretor do Sesi lembrou ainda a figura do ex-prefeito Bitamar Bezerra Barreto, que doou o terreno para o Centro de Atividades, encerrando seu pronunciamento com a afirmação de que o Sesi estará sempre pronto a servir à grande família trabalhadora, cumprindo assim com seus propósitos maiores e suas finalidades sociais.

Fantasma da crise também faz medo na hora

“O consumidor natalense é um dos mais exigentes do Brasil. E não se pode, por mais que se queira, reprimir o consumo”.

Com esses conceitos, Zildamir Soares, de “A Sertaneja”, resume os seus argumentos para acreditar em boas vendas neste fim de ano e exorcizar o fantasma da crise. Esse fantasma existe. Aliás, vem existindo há, pelo menos, cinco anos, desde que o Governo Federal, com o advento dos novos e duros preços do petró-

leo no mercado internacional, vem dando um arrocho aqui, outro ali, parece que preparando uma restrição ao consumo. Não se sabe se, já naquela época, existia alguma pretensão, mesmo que vaga, ainda, de algum dia o País vir a precisar de um socorro no Fundo Monetário Internacional (FMI). Mas os primeiros e tímidos apertos foram dados na economia, com restrições no crédito que incomodaram muito o comércio lojista de Natal. Posteriormente, outras medi-



UM TESTEMUNHO SOBRE

Tive o privilégio de integrar o grupo de trabalho que elaborou o anteprojeto da nova lei do cheque, recentemente aprovado na Câmara Federal.

A iniciativa foi da Confederação Nacional do Comércio, então sob a presidência do Senador Jessé Freire, que recebeu a adesão necessária da Confederação Nacional da Indústria, do Sindicato Nacional de Bancos e do Instituto dos Advogados. Constituído o grupo, elegemos Samuel Duarte, saudoso e emérito jurista paraibano, coordenador, e relator o Prof. J. M. Othon Sidou, por sua notória e respeitada especialização na matéria.

Várias Federações haviam exposto as dificuldades do comércio varejista em geral e lojista em especial, relacionadas com o pagamento em cheque, em virtude de prejuízos oriundos da falta de provisão. E ofereciam sugestões que eram: acolhimento compulsório do cheque pelo Banco e manutenção de dois tipos de contas, que seriam movimentadas através de cheque garantido e cheque pré-visado, sendo ambos os tipos personificados.

Sem dúvida que o instituto do cheque chegou a um ponto de descrédito total, diria melhor de desmoralização. Destinado a economi-

zar o giro do numerário e tornar proveitosas as economias daí resultantes, como assinalou a Câmara do Comércio de Nápoles, o instituto no Brasil alcançara quase um patamar de degradação.

O problema, porém, afigurava-se-nos mais de técnica no sentido de solução capaz de dirimir dúvidas sobre o uso desse importante título cambiário.

De fato, a Lei Uniforme sobre o Cheque originária do Decreto Legislativo n.º 54, de 08 de setembro de 1964 e do Decreto n.º 57.595, de 07 de janeiro de 1966, que mandavam cumprir no país a Convenção de Genebra de 1931 aprovada por aquele diploma com as reservas feitas pelo Governo brasileiro, desperta dúvidas quanto a alguns aspectos.

Assim, adotamos como ponto de partida a elaboração de um anteprojeto que, conciliando o texto da Lei Uniforme e das Reservas, fixasse as melhores alternativas do Anexo II da Convenção de 1931, pelo aproveitamento também, tanto quanto possível, de dispositivos do Decreto n.º 2.591, de 1912, não revogados pela Lei Uniforme.

Simultaneamente, descartamos a viabilidade das sugestões oferecidas, pela manifesta inconveniência de tentativas de natureza com-

pulsória, pela qual os Bancos assumissem o ônus do pagamento, isto porque a natureza especial do título não comportaria o acerte, próprio da letra de câmbio. Além do mais, tal responsabilidade somente seria possível, mediante convênio entre os estabelecimentos, de natureza facultativa, sob o patrocínio e aprovação do Banco Central com base em resolução do Conselho Monetário Nacional.

Outras sugestões também foram recusadas, como a que condiciona o recebimento do cheque a um destes três expedientes: a) cheque nominativo com visto do Banco sacado; b) aval de pessoa idônea oferecido à assinatura do cheque; c) entrega da mercadoria paga pelo cheque, após seu desconto pelo tomador.

Essas sugestões, a par de sua impraticabilidade, demonstravam que a disciplina integral do instituto do cheque não se havia esgotado com a Lei Uniforme e as Reservas adotadas pelo nosso Governo, donde nossa posição de apoio à idéia de um projeto de lei.

Sabe-se que o cheque não é título de crédito, mas meio de pagamento à vista, ou seja um instrumento de exação. Várias consequências decorrem desse princípio, pelo qual se vêm repudiando

das foram tomadas, como as restrições aos prazos de financiamento — que, num certo momento, estavam a se perder de vista, embora não significassem preços cômodos para o consumidor.

DE SILÊNCIO EM SILÊNCIO — O que sempre caracterizou todas as medidas tomadas nos últimos anos pelas autoridades financeiras do País é o fator surpresa. O próprio Carlos Langoni, hoje presidente do Banco Central, sempre muito chegado ao círculo de Delfim Neto, teve oportunidade de vir a Natal proferir conferências no SESC quando ainda não estava no alto escalão do Governo. E, cercado de perguntas por todos os lados sobre o futuro econômico do Brasil e as possibilidades dos rumos da economia do País, esboçou aquele riso aparentemente franco e saiu-se de mansinho

em direção ao carro que o levaria de volta ao aeroporto sem dar uma resposta sequer.

Depois, Langoni se notabilizaria por dizer sempre que “tudo vai bem”.

Mas não vai. Os bancos estão rígidos. Na primeira quinzena de dezembro foram feitas muitas queixas quanto à dureza com que os gerentes do Banco do Brasil estão tratando os agricultores no interior que contrairam empréstimos e estão sem condições de pagamento.

POUPANÇA X COMÉRCIO — O sintoma mais crucial da situação é a luta surda e não declarada entre o comércio lojista e as associações de poupança. Luta pelos recursos disponíveis neste fim de ano. Quem não quiser perder um amigo não diga junto dele que “por dinheiro na caderne-

ta de poupança é o melhor que se tem a fazer com a gratificação de fim de ano”. Nem pensar em semelhante imprudência. E, do mesmo modo, não falar junto a ninguém do ramo da poupança que “comprar no fim do ano é o melhor meio de poupar”.

Não é segredo para ninguém que o problema de retiradas das cadernetas tem inquietado um pouco. O saldo geral ainda é muito significativo. Mas as retiradas nos fins de semestre têm sido cada vez maiores, criando algumas situações de caixa e de recursos para o mercado imobiliário até que as coisas se refaçam de novo. Essa jogada de fim de ano é importante para os dois lados. Não há outro período que se compare a este em termos de índice de vendas. Também para as cadernetas é a oportunidade de reforçar os saldos. □

NOVA LEI DO CHEQUE

as práticas contrárias a esta sua característica.

Entre os membros do grupo ficou estabelecido, preliminarmente, um ponto de vista comum e consensual sobre determinados pressupostos básicos.

Nenhum de nós se filiava à corrente dos que opunham dúvidas sobre a introdução, em nosso direito positivo, das Leis Uniformes sobre a Letra de Câmbio, a Nota Promissória e o Cheque. O próprio Supremo Tribunal Federal, no Rec-Ext. n.º 71.154, de 04 de agosto de 1971, considerou incorporadas ao direito privado brasileiro, salvo as reservas, as regras jurídicas das leis citadas. Assim a Lei Uniforme integra nosso direito interno positivo sobre o cheque, por força do mencionado Decreto Legislativo n.º 54, de 08 de setembro de 1964. E sua vigência começou, entre nós, a partir de março de 1966, em decorrência do Dec. n.º 57.595, o que determinou a revogação de dispositivos legais brasileiros pertinentes.

Durante os meses da elaboração do documento, não houve maiores divergências no grupo de trabalho. Apenas numa questão, por mim suscitada, os ânimos se esquentaram, quando tive o atrevimento

de assumir posição contrária à do Prof. Sidou, sendo vencido em meu parecer. Mas não convencido até hoje.

Tratava-se de endosso do cheque posterior do próprio sacador e seus efeitos, ou seja se a responsabilidade de um endosso dado em cheque cessa pelo endosso do cheque ao próprio sacador, ou se ao contrário ela subsiste se o sacador põe de novo o cheque em circulação mediante reendosso.

Entendia eu — como continuo a entender — que não se aplicam aos cheques os dispositivos do art. 45 e seu § 1.º da lei cambial; e que, assim, o endosso de cheque ao sacador, importando na extinção da ordem de pagamento representada pelo cheque, em virtude da confusão, na mesma pessoa, do credor e do devedor, extingue todas as responsabilidades anteriores, donde o cheque reemitido pelo reendosso do sacador não poder deixar de ser considerado novo cheque, a partir da data do reendosso.

Meu raciocínio é o de que o cheque, sendo susceptível de endosso, quando contém a cláusula à ordem, pode ser endossado ao sacador emitente. E como o endosso é meio de transferência do cheque, é certo que, adquirindo, pelo

endosso, o emitente o direito de receber a quantia que ele próprio mandara pagar, a obrigação desapareceu pela confusão na mesma pessoa da qualidade de credor e devedor. Ora, a confusão é um dos meios legais de dissolução e extinção de obrigações comerciais. O art. 428 do Código Comercial prescreve que tais obrigações se extinguem e dissolvem em geral pelos meios admitidos pelo direito civil e o art. 1.049 do Código Civil acolheu o princípio de que se extingue a obrigação, desde que na mesma pessoa se confundam as qualidades de credor e devedor.

Prevaleceu o entendimento contrário, o qual acredita gerar futuras controvérsias, pela importância da matéria que envolve a responsabilidade dos coobrigados no giro comercial do cheque, através do endosso.

De qualquer forma, o trabalho realizado pela Confederação Nacional do Comércio foi de grande valia para o aperfeiçoamento do direito brasileiro, esforço que é mais um crédito adicional do excelente desempenho do Senador Jessé Freire à frente do órgão máximo da representação do comércio no Brasil.

Raimundo Soares de Sousa
Consultor Jurídico da ALCANORTE

EMATER-RN: ANO DE BONS RESU

A partir do planejamento participativo, que compreende, basicamente, o conhecimento da realidade das áreas assistidas e de propostas de trabalho apresentadas pelas comunidades rurais, a EMATER-RN tem conseguido, este ano, resultados expressivos. Tais resultados, segundo os técnicos, ganham significado especial levando em conta a atual conjuntura econômico regional, em função das sequelas deixadas por três anos consecutivos de seca e com as chuvas irregulares deste ano.

A EMATER-RN voltou-se prioritariamente para a assistência ao produtor do estrato mais baixo de renda exatamente porque se encontra exatamente no meio rural o maior contingente de pessoas mais pobres do Estado.

O Governo Lavoisier Maia cumpre, assim, o compromisso assumido perante organismos nacionais e internacionais (BID e BIRD) de apoiar as populações mais carentes no meio rural, de acordo com as finalidades dos projetos daqueles organismos internacionais.

A IRRIGAÇÃO — *É significativo, por exemplo, o índice alcançado em irrigação. Os 1.500 hectares de terras irrigadas se expandem com o somatório de pequenas áreas trabalhadas já, hoje, por mais de 1.200 trabalhadores agrícolas em glebas próprias ou arrendadas, espalhadas por diferentes regiões do Estado.*

Há, no entanto, áreas onde são realizados mais intensamente trabalhos levando em conta condições especiais. No Seridó, se concentra o maior esforço da irrigação, segundo afirma o agrônomo Gilzenor Sátiro de Souza, presidente da EMATER-RN.

— Porque — explica ele — é nesta região onde se encontra a melhor estrutura de recursos hídricos do Estado.

Em razão disso, neste período seco do ano — julho/dezembro —, mais de 100 mil toneladas de alimentos (feijão, batata-doce, milho, fruteiras diversas, hortaliças, etc.) vão ser produtos, parte para o autoconsumo e parte para comercialização nos próprios mercados das cidades interioranas.



Melhorando as condições no campo



Assistência técnica ao criador



Água, com a irrigação



A FAMÍLIA RURAL — *Afirma o presidente da EMATER: "O objetivo do Serviço de Extensão Rural tem sido o de promover a família rural nos aspectos humanos, sociais e econômicos".*

Por essa razão vem sendo levado ao campo, pelos extensionistas, alternativas tecnológicas, todas viáveis e de baixo custo, como nove mil hectares de cultivo em vazante com práticas agrícolas inovadoras que duplicam a produtividade; irrigação por sulcos, potes, mangueiras, cotejamento; instalação de 200 biodigestores e cerca de 2.000 cisternas; cultivo de 2.100 hectares de sorgo, 1.000 hectares de algaroba; 6.000 toneladas de feno e 10.000 de ensilagem para alimentação animal; criação de caprinos, ovinos, equinos e aves com o respectivo melhoramento genético; produção artesanal de doces, compostas, licores, vinhos, mel e iguarias diversas, elaborada com mão-de-obra treinada de famílias de agricultores; orientação a construção de microbacias, barreiros, açudes, barragens subterrâneas e poços; usos de equipamentos para aração, gradagem, escarificação e sementeira a tração animal; aproveitamento racional de eletrobombas e motobombas.

TRABALHO NAS COMUNIDADES — *Contudo, é o trabalho com as comunidades que Gilzenor Sátiro considera da maior importância para o programa de desenvolvimento.*

Afirma o presidente da EMATER-RN:

— É a partir da organização de grupos de produtores, de Governo, de conselhos comunitários e municipais e de apoio administrativo às cooperativas que se torna acelerado o processo de mudanças no meio rural.

Essa ampla gama de atividades chegou, em 1982, a mais de 30 mil agricultores e criadores por meio de extensionista, que fez uso de rica metodologia de trabalho. Essa metodologia vai desde o contato individual até a aplicação de meios de comunicação de massa. Os técnicos da EMATER promoveram palestras, visitas a propriedades, excursões para agricultores, dias de campo, reuniões comunitárias; instalaram unidades demonstrativas de tecnologia adaptativas e participaram de jornais comunitários, programas de rádio e televisão.

Foi todo um trabalho voltado para o desenvolvimento rural, calcado na determinação de um Governo no sentido de abrir novos rumos.



Incentivo à produção

Tragédia de Igapó: uma questão da dependência

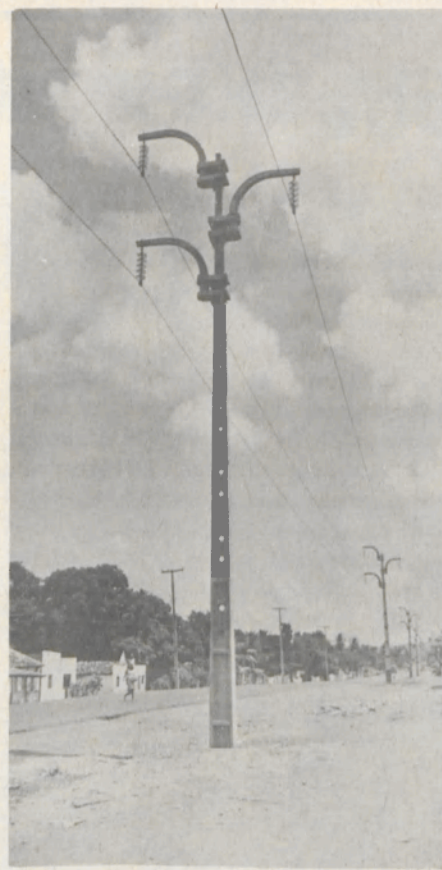
A tragédia de Igapó — como ficou conhecido o acidente com uma rede de alta tensão em Igapó, quando o poste foi atingido por uma Kombi, os fios caíram e a descarga de 69 mil volts matou 26 pessoas e feriu mais de 100 — é mais um dado de uma série de ocorrências lamentáveis num Estado altamente dependente do Governo Central e numa posição geográfica delicada em relação a outras unidades da Federação de maior porte na região, como Pernambuco e o Ceará.

Embora não sejam a mesma coisa, o acidente lembra — pelas implicações e características — o desastre com a rede da Chesf, em Santa Cruz, há pouco mais de um ano. Naquela ocasião, como o arromba-

mento do açude de Campo Redondo a rede foi danificada e Natal ficou totalmente sem energia elétrica por cinco dias, no mais longo "black-out" que uma cidade moderna já sofreu no Nordeste fesse o advento da energia de Paulo Afonso.

Agora, a tragédia de Igapó ocorre em fins de novembro, lutando 26 famílias, deixando centenas de outras com problemas por causa dos ferimentos recebidos e criando seríssimos problemas sociais, legais, econômicos e trabalhistas para o Governo do Estado — através da Cosern — e a Chesf.

UM QUADRO DE INDEFINIÇÕES — Os jornais e políticos — além de advogados que são naturalmente



Os fios: perigo

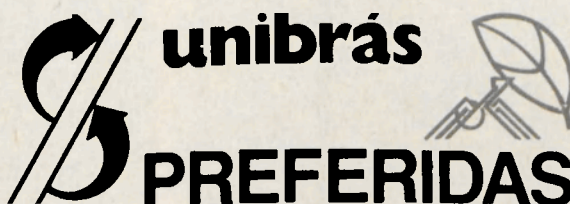


Indefinição na responsabilidade

MUDE COM QUEM MUDA MELHOR



Representante:
Transportes e Representações Ltda.



Av. Sen. Salgado Filho, 1597 - Boa Sorte Tel.: (084) 231-3573, -4724, -6489

UM DOCE PRESENTE SE DÁ O ANO TODO

Um doce presente de chocolate, caramelo, balas e biscoitos você deve dar o ano todo à sua família. Imagine nas festas do Natal e final de ano. A sua família vai adorar em receber nessas festas um doce presente de finos

chocolates, caramelos, balas e biscoitos que a Distribuidora de Caramelos Natal Ltda. dispõe em lindíssimas embalagens. Não se esqueça. É Natal e aproxima-se o final do ano. É um doce presente nunca será esquecido. Sua esposa terá uma forma toda especial de agradecer, enquanto a garotada pulará de alegria. A Distribuidora de Caramelos Natal é pioneira no ramo de bombons, balas, biscoitos e iguarias no Rio Grande do Norte, com nove anos de bons serviços prestados ao povo potiguar. Dispõe de um eficiente sistema de vendas com pronta entrega, com uma frota de veículos

cobrindo todo o Estado, inclusive a venda em atacado para supermercados.

Os deliciosos chocolates Garoto, o conhecidíssimo pirulito Campeão, balas Xaxá, Sete Belo, Soft, Frutine Banda, chicletes Ploc, Kibon, Embaré e os renomados produtos alimentícios Abaeté, são alguns dos doces presentes que você poderá dar à sua família nesse final de ano.

E quando chegar 83, lembre-se que um doce presente se dá o ano todo. É só procurar a Distribuidora de Caramelos Natal Ltda. "A Doce Alegria das Crianças".

IMAGINE NO FINAL DO ANO



DISTRIBUIDORA DE CAMELOS NATAL

A DOCE ALEGRIA
DAS CRIANÇAS

Matriz: Rua Mário Negócio, 1480 Tel.: 223-4750 — Alecrim

Filial: Pça. Pe. João Maria, 74 Tel.: 222-1453 — Cidade Alta — Natal-RN

SEEC OFERECE MAIS 22.320

A Secretaria de Estado da Educação e Cultura oferecerá no próximo ano letivo mais 22 mil 320 vagas, aos alunos de primeiro e segundo graus, o que significa para Natal acabar com o déficit de escolaridade. Essas novas vagas que surgirão são resultado da construção de 20 escolas e cujos serviços já foram iniciados em Natal e Mossoró, nos conjuntos habitacionais, em convênio firmado entre a SEC e Banco Nacional de Habitação (BNH).

Serão construídas 186 salas de aula e segundo o Secretário de Educação, professor Luís Eduardo Carneiro Costa, o déficit de escolaridade na capital será extinto, vez que o problema de falta de escola reside principalmente nos conjuntos habitacionais, onde a população estudantil tem de se deslocar para outros bairros em busca de escola.

O projeto de financiamento aprovado pelo BNH prevê a construção de 15 escolas em Natal e cinco em Mossoró, assim distribuídas: Conjunto Pirangi (2), Soledade II (2), Panatis (1), Santa Catarina (2), Santarém (3), Guamoré (2) e Nova Natal (3). Em Mossoró os conjuntos a serem beneficiados são Abolição II (1), Abolição III (2) e Liberdade (2).

O prazo para entrega das obras (iniciadas esta semana) expira no dia 28 de fevereiro do próximo ano



Luís Eduardo assina contrato com construtoras responsáveis

e a inauguração deverá acontecer antes da entrega do Governo Lavoisier Maia. As matrículas serão abertas já no início de 83 e as escolas funcionarão a partir de março, de acordo com o calendário escolar da SEC.

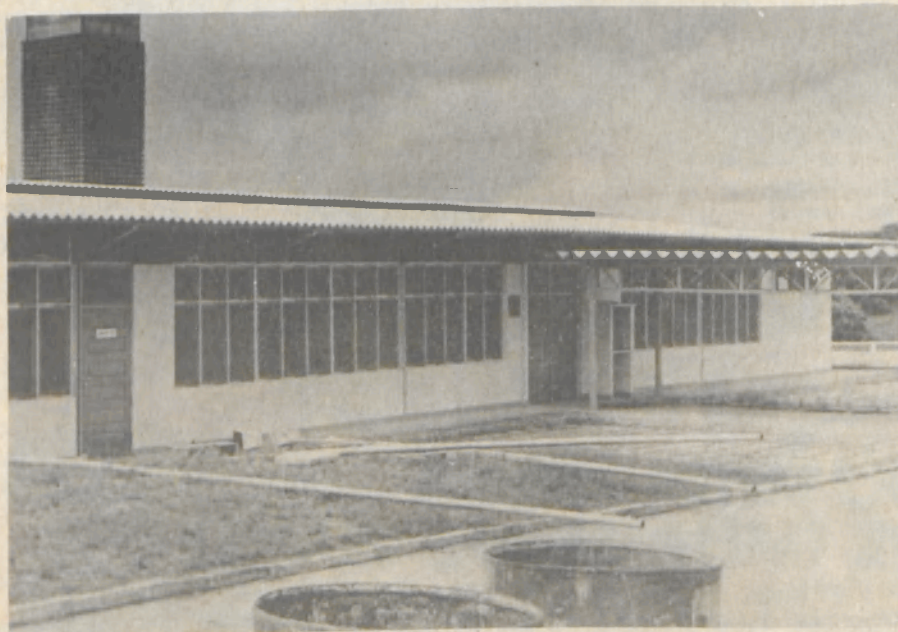
OUTRAS ESCOLAS — Outras três escolas foram construídas e inauguradas no início de novembro, que representaram investimentos superiores a Cr\$ 260 mi-

lhões e significam a abertura de cinco mil novas vagas na rede estadual de ensino, a nível de 1.º e 2.º graus. As escolas estão localizadas no conjunto Ponta Negra — Professor José Fernandes Machado; Cidade da Esperança — Lauro de Castro e no conjunto Cidade Satélite, a Escola Djalma Marinho.

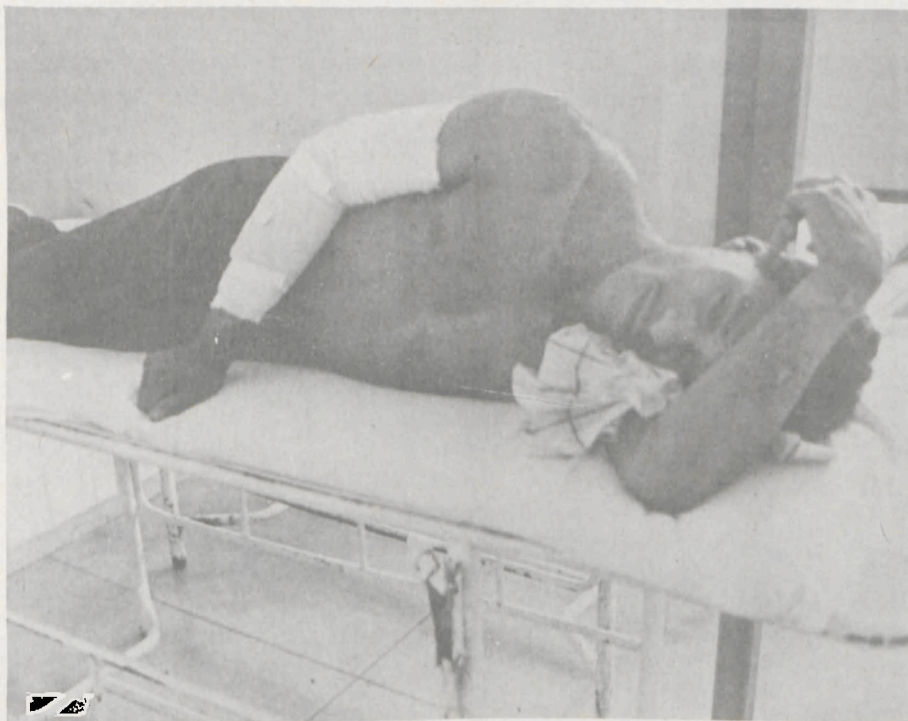
Construída pelo Premem (Programa de Expansão e Melhoria do Ensino), a Escola José Fernandes Machado é a maior do Estado, ocupando uma área de 3.514 metros quadrados, com 19 salas de aula, seis salas ambientes e 32 outras dependências. Tem ainda duas quadras de esportes com uso polivalente e capacidade para atendimento de um total de 2.400 alunos.

A Escola Lauro de Castro, na Cidade da Esperança, ocupa uma área construída de 706 metros quadrados, com cinco salas de aula, uma especial e mais 19 dependências e tem capacidade para atender 600 alunos da 5.ª à 8.ª série do 1.º grau e as três séries do segundo grau.

A escola da Cidade Satélite, Djalma Marinho, beneficiará 1.080 alunos em suas nove salas de aula, mais uma sala especial e 19 dependências, totalizando assim 1.628 metros quadrados de área construída.



A escola de Ponta Negra, a maior do Estado, beneficiará a área e arredores



Vítimas de uma situação

atraídos pela causa — se interessaram pelo caso por motivos diversos. Mas o fundamental é o seguinte: a estrutura de serviços no Rio Grande do Norte, em todos os seus níveis, é realmente bastante precária. A razão maior: a indefinição geral quanto as responsabilidades e recursos, em função da precariedade de eterna dependência em que vive o Estado.

Há pouco mais de um ano **RN/ECONÔMICO** deu vazão a alarmes de um antigo funcionário do Corpo de Bombeiros sobre a insegurança geral de que vivia cercada a cidade do Natal. Insegurança no sentido de normas não seguidas pelos novos prédios construídos — praticamente nenhum tem saída de emergência para casos de incêndio —, a vulnerabilidade dos antigos e a própria desatualização de equipamentos dos Bombeiros. Na Ribeira, por exemplo, o que se vê, segundo muitos bombeiros, é um “verdadeiro paiol de pólvora, que pode explodir a qualquer momento e se isso ainda não aconteceu deve-se a um verdadeiro milagre”.

Aí então, recordam os urbanistas e poucos técnicos em segurança, vem a velha questão da indefinição. Quem tem a responsabilidade? Quem destina a verba? O Governo do Estado? O Governo Federal?

O próprio Governo do Estado jamais ativou um órgão da Secretaria da Saúde, criado no Governo Tarcísio Maia, destinado ao combate à polui-

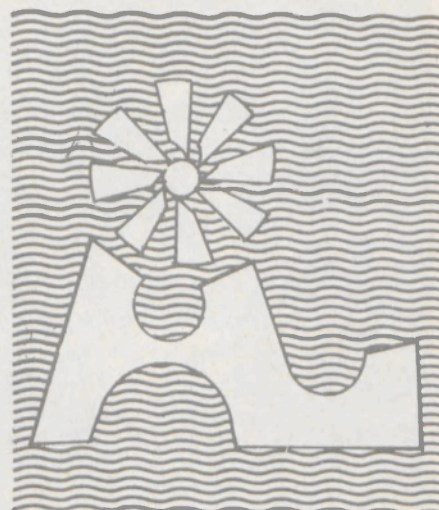
ção no Rio Grande do Norte. Este órgão até hoje existe apenas no papel e na boa vontade dos que o criaram.

Motivo: falta, para tais serviços, a destinação orçamentária imprescindível. E falta porque não há dinheiro.

CONFRONTOS — Quando se chocam obras federais com estaduais, como no caso do abastecimento de energia elétrica, as coisas se tornam bem mais complicadas no caso da segurança e cuidados relacionados não só com a preservação dos equipamentos como dos males que eles poderão causar às pessoas inadvertidas. É o caso preciso da linha de 69 mil volts que chega a Natal trazendo a energia de Paulo Afonso. Há detalhes curiosos — e inexplicáveis. A energia, tecnicamente, é de Paulo Afonso. Mas a linha, afirma-se, é da Cosern, que a redistribuiu aos seus usuários. Os disjuntores — dispositivos que controlam a alternância da frequência e do desligamento automático — são da Chesf.

Com tais contradições fica difícil estabelecer a responsabilidade final pela preservação da segurança em torno de tais equipamentos, como quem é o efetivo responsável pelo conjunto deles, quando há um acidente como o de Igapó. E é necessário uma comissão técnica para realizar um levantamento.

Coisas de um Estado carente. □



Tanto como o sal e outros produtos, uma revista séria e comprometida com a abordagem dos grandes temas, é uma riqueza do Rio Grande do Norte.

O GRUPO NORA-LAGE, que se empenha e produz para o Rio Grande do Norte, saúda **RN/ECONÔMICO** pelos seus 13 anos de vida.

- HENRIQUE LAGE
SALINEIRA DO
NORDESTE S/A
- HENRIQUE LAGE
AGRO-PECUÁRIA
LTDA
- HENRIQUE LAGE
MARINOCULTURA
LTDA



No "Baixo" há muito predisposição para o poético, em seus bares

COMPORTAMENTO

Baixo está em alta. É o QG da boemia-poética



Jô e Sandra, donos do Tirraguso, templo do "Baixo"

"Tem certas coisas que a gente só consegue dizer num poema". Este é um enunciado puro e ao mesmo tempo oportuno do poeta e letrista Antônio Carlos de Brito — Cacaso. Oportuno quando nós, em busca de adjetivos inspirados e verdadeiramente qualificativos, ficamos às voltas com as palavras querendo descê-las ao papel e colocá-las diante do leitor de forma bonita.

O "Baixo" é o objeto de análise; como também, o novo adjetivo que dá nome a orla marítima de Natal. Seguindo a tradição de Baixo Leblon, no Rio, o termo caiu bem: além de representar, geograficamente, a parte baixa da cidade, também recebe os mais exóticos seres que nela habitam.

São tipos variadíssimos: vão desde a presença adolescente nas calçadas, a presença do intelectual em companhia de líquidos e copos alcoólicos.

É a área que inspira lazer. Afoga, não sabemos com qual intensidade, os encantos e desencantos dos seus



No "Baixo" há muito predisposição para o poético, em seus bares

COMPORTAMENTO

Baixo está em alta. É o QG da boemia-poética



Jô e Sandra, donos do Tirraguso, templo do "Baixo"

"Tem certas coisas que a gente só consegue dizer num poema". Este é um enunciado puro e ao mesmo tempo oportuno do poeta e letrista Antônio Carlos de Brito — Cacaso. Oportuno quando nós, em busca de adjetivos inspirados e verdadeiramente qualificativos, ficamos às voltas com as palavras querendo descê-las ao papel e colocá-las diante do leitor de forma bonita.

O "Baixo" é o objeto de análise; como também, o novo adjetivo que dá nome a orla marítima de Natal. Seguindo a tradição de Baixo Leblon, no Rio, o termo caiu bem: além de representar, geograficamente, a parte baixa da cidade, também recebe os mais exóticos seres que nela habitam.

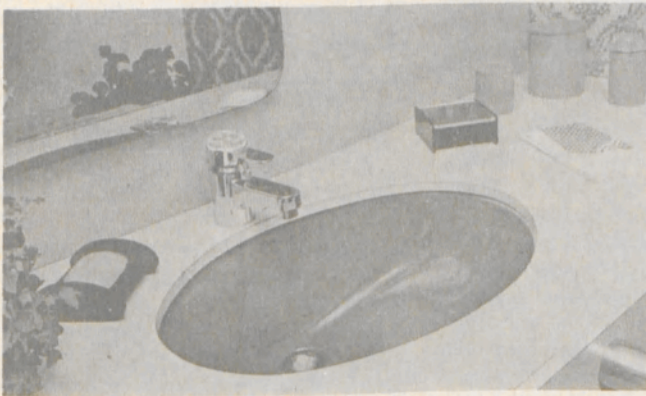
São tipos variadíssimos: vão desde a presença adolescente nas calçadas, a presença do intelectual em companhia de líquidos e copos alcoólicos.

É a área que inspira lazer. Afoga, não sabemos com qual intensidade, os encantos e desencantos dos seus

Pegue & Leve

DA CONSTRUÇÃO

o maior barato



NATAL ACABA DE GANHAR UMA DAS LOJAS MAIS MODERNAS E REVOLUCIONARIAS DO PAÍS: O PEGUE & LEVE DA CONSTRUÇÃO.

A maneira de um supermercado, você escolhe à vontade entre os 20 mil itens de mercadoria em exposição. E paga à vista pelo menor preço ou em até 24 meses. O Pegue & Leve é uma loja espaçosa, muito confortável, com iluminação e ventilação ideais. Tem amplo estacionamento e fica a poucos minutos de onde você estiver: Prudente de Moraes, 1586.

NO TERREO

No andar térreo do Pegue & Leve você encontra: Ferragens em geral, Fechaduras, Ferramentas, Material hidráulico, Material elétrico, Lustres e spots, Luminárias em geral, Seção de hobby, Tintas, Material para camping, Utilidades domésticas, Metais sanitários, Armários, Espelhos. E ainda artigos para presentes, como porcelanas, cristais e inox.

NA SOBRELOJA

Subindo à sobreloja, você encontra uma imensa área de exposição, onde escolhe à vontade: material de acabamento, pisos, azulejos, louças, metais sanitários, armários para cozinha e banheiro.



Pegue & Leve

DA CONSTRUÇÃO

PRUDENTE DE MORAIS, 1586



D.F.A. PROMOVE PROJETOS E PROGRAMAS DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA NO RN.

A Delegacia Federal da Agricultura tem por finalidade promover a execução de projetos e programas de produção, abastecimento, defesa sanitária vegetal, defesa sanitária animal, inspeção de produtos de origem animal — leite, carnes, pescados, inspeção de produtos de origem vegetal — bebidas, vinagres, fiscalização agropecuária compreendendo sementes, rações, corretivos, fertilizantes, defensivos e produtos veterinários. Várias dessas atividades são desenvolvidas através de convênios e ajustes, com órgãos estaduais do setor público agrícola.

A Delegacia exerce ainda permanente interrelacionamento com as representações estaduais, das entidades de administração indireta do M. A., que são as seguintes:

BANCO NACIONAL DE CRÉDITO COOPERATIVO — BNCC

O BNCC, sociedade de economia mista e de capital fechado, onde a União participa com 54% e as Cooperativas com 46%, na realização dos seus objetivos, vem concedendo as Cooperativas Norte-riograndenses, financiamentos nas diversas modalidades de créditos. Fazendo uma comparação dos recursos concedidos em 1981 com os montantes a serem alcançados até o final de 1982, vamos observar um substancial aumento na aplicação dos mesmos.

Em (Cr\$ 1.000)	1981	1982
CRÉDITO GERAL:		
Capital de giro	139.142	156.027
PROGRAMAS ESPECIAIS:		
Polonordeste	41.065	114.686*
Projeto Sertanejo	13.010	64.756*
Prohídrico	12.358	26.630
Provárzea	—	2.438
Propesca	—	629.584

* Total a ser alcançado até 31.12.82

ATIVIDADES DO I. B. D. F. — DE/RN

Em projetos de Reflorestamento com recursos de incentivos fiscais do Fiset — Florestamento e Reflorestamento a Delegacia do IBDF-RN recebeu projetos para reflorestamento com essências florestais e frutíferas e que em análise na seguinte ordem:

Cajuero	8.355 ha
---------------	----------



Geraldo Bezerra

Algaroba	4.340 ha
Eucalyptus	1.200 ha
Coqueiro	930 ha
TOTAL	14.825 ha

Em convênio com EMATER, executou o programa do REPEMIR (Reflorestamento em Pequenos e Médios Imóveis Rurais), implantando 1.000 ha. de Algaroba em todo o Estado, e produziu um milhão de mudas de essências florestais principalmente Algaroba e Eucalyptus.

SUDEPE INVESTE CR\$ 600 MILHÕES NO R. G. DO NORTE

Com menos de um ano desde que foi implantado, o Probid, programa de financiamentos da Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE) com apoio do Banco Mundial, aprovou, até novembro último, empréstimos no valor de Cr\$ 600 milhões para a pesca artesanal e criação de camarões em cativeiro no Rio Grande do Norte. Segundo o coordenador regional da autarquia — cuja sede em Natal acaba de se transferir da rua Manoel Dantas, em Petrópolis, para a avenida Hermes da Fonseca, n.º 1078, em Tirol. Os 432 milhões de cruzeiros destinados à pesca artesanal contemplaram 163 projetos de investimentos em cascos, motores e materiais de pesca. Os 168 milhões carreados para o cultivo de camarão beneficiarão quatro dos treze projetos e cartas-consultas encaminhados à SUDEPE durante 1982.

A COBAL E SUA ATUAÇÃO NO RIO G. DO NORTE

A COBAL conta atualmente com 04 Supermercados, 04 Autos Serviço Rodoviários, 03 Centrais de Serviços Rurais,

além da sede em Natal. Estes órgãos cobrem as diversas regiões do Estado. A COBAL desenvolve na Capital os Programas Rede Somar e PROAB com atendimentos na área de atacado a cerca de 250 varejistas filiados aos dois Programas. Mantém ainda o Programa de Operações Especiais com o INAE/INAN, convênios com entidades públicas e privadas. No momento, a COBAL está em franca atividade com a campanha do feijão Macassar e Mulatinho, que espera até o final do mês concluir a distribuição em todo o Estado.

INCRA INTENSIFICA SUAS ATIVIDADES NO RIO GRANDE DO NORTE

O INCRA, responsável pelo cadastramento e tributação de imóveis rurais, executou, no período de 15/7 a 29/10, a Operação Anual/82, envolvendo proprietários rurais possuidores de áreas iguais ou superiores a 500 hectares e/ou aqueles com áreas menores, mas que poderão gozar os benefícios da redução do Imposto Territorial Rural — ITR.

Dentro da política de colonização e regularização fundiária, este órgão desenvolveu no município de Taipu, o Projeto INGÁ, que beneficiou 45 famílias, através da desapropriação e loteamento de 544 ha, dotando-os de energia elétrica, poços tubulares, estradas, posto de saúde e unidade escolar, além da entrega de 3.000 títulos de propriedade em convênio com o Governo do Estado.

O INCRA contemplou 255 produtores de 66 municípios do Estado, com o Prêmio Produtividade Rural, num total de Cr\$ 3.912.927,00.

A CIBRAZEM

A Companhia Brasileira de Armazenamento — CIBRAZEM, como uma das vinculadas ao Ministério da Agricultura, movimentou no Estado do Rio Grande do Norte, durante o ano de 1982, vinte e nove Unidades Armazenadoras nas áreas de produção agrícola do Estado, efetuando uma estocagem de 73 mil toneladas a meio-ambiente natural e 2 mil a meio-ambiente artificial, como suporte ao setor pesqueiro, através do seu Entrepósito de Pesca de Natal.

Para o ano de 1983 está prevista a implantação de um armazém regulador para a Capital do Estado, com capacidade para 30 mil toneladas, como também a complementação de armazéns em outras áreas do interior.

AGRICULTURA: ANO DE BONS ÍNDICES

Mesmo num ano marcado pela seca — o quarto consecutivo, num período extremamente difícil — a Secretaria da Agricultura apresentou um saldo de realizações dentro do campo que lhe é específico, superando dificuldades e problemas. O sucesso da Festa do Boi é a maior evidência disso pois, na opinião unânime dos expositores e frequentadores, foi a maior mostra já realizada nos últimos anos. O que, com o desconto da situação criada com a estiagem, dá uma medida do nível da promoção.

A promoção teve o seu significado dimensionado porque realizou-se num momento difícil da campanha política, quando todo Estado estava voltado para comícios e passeatas. Ainda assim, o nível de frequência foi dos mais altos, os agropecuaristas de todo o Nordeste tiveram oportunidade de reali-

zar negócios e trocar idéias sobre experiências profissionais, novas técnicas, etc.

Foi também uma oportunidade para demonstrar as realizações do Governo Lavoisier Maia no setor da Agricultura, cujos índices são os mais expressivos dos que os já apresentados até então por uma administração estadual.

ALGUNS NÚMEROS — Segundo alguns dos números apresentados, no balanço das realizações agrícolas, o Governo Lavoisier Maia distribuiu 4.851 títulos de propriedade aos posseiros, perfurou 1.430 poços tubulares, levou eletrificação rural a 100 municípios com benefícios para 4.058 propriedades. Também fora construídas 18 açudes públicos e 973 em cooperação com particulares, desenvolveu a caprino-ovinocultu-

ra em 65 municípios ao formar 180 núcleos de reprodução-criação. Foram criadas, ainda, patrulhas moto-mecanizadas, em parceria com 24 cooperativas, financiando 40 tratores com 50% dos recursos a fundo perdido, beneficiando 124 municípios.

Outras realizações de grande vulto foram a implantação da Cidade Hortigranjeira, o programa Pague-Menos e o Proab, com reflexos positivos na alimentação e na economia da população. Em sete núcleos pesqueiros foi implantado o Propesca, que melhorou as condições de pesca e, conseqüentemente, a renda dos pescadores e a quantidade da produção. A pequena agricultura irrigada foi introduzida em 48 municípios, com a incorporação de 2.165 novas propriedades ao programa de produção de alimentos.



visitantes.

Compondo a moldura destes lugares, os visitantes vestem-se de indumentárias e comportamento mis: da inesperada escrita de poemas à mesa de bar, à exposição de modelitos especialmente confeccionados para as andanças cheias de brilho.

A MAGIA DO "BAIXO" — O "Baixo" é magia, encontro e desencontro. A maioria das pessoas não sabe porque vai. Mas vai. Preenche espaços, mesas, cadeiras e derrama sorrisos pelos bares, pelos lábios.

Vê-se bares de costas e de frente para o mar. É inevitável a escolha de alguns deles pelos seus atrativos. Começa a badalação e formação de uma clientela caracterizada que os visita: povoam a Casa Velha os apreciadores dos copos de vinho e doses de cachaça servidas no balcão. Apesar das mesas, anda-se pelo bar de copos nas mãos e bebe-se encostado às janelas. É um bar possuidor de espírito. Amélia, um dos manequins da cidade, define o bar como mágico: "Nem que tenhamos que ir a algum outro lugar, é comum nossa visita, antes, à Casa Velha. Existe uma forte ligação". Já o Tirraguso tem seu quintal para o mar. É bem habitado e atraente. Mostra músicos da terra durante alguns dias da semana. Com estes shows ao vivo, funciona o impulso de escutá-los, e já se vai ao bar, muitas vezes, movido pela música. A Barraca da Marlene tem chão de areia. Marlene é uma morena forte, que conversa pelas mesas enquanto serve e chama os frequentadores pelo nome, o que torna o ambiente pra lá de original.

DE POLÍTICA AO SEXO — As conversas dão voltas e reviravoltas.

O sexo é "persona grata" às bocas. Fala-se de companhia, comportamento, de carências afetivas que as pessoas tanto reclamam... No final, aceita-se tudo como uma questão cultural.

Propaga-se política. As mais diversas tendências distribuem seus fundamentos teóricos sobre as mesas, que chegam, em alguns momentos, a tomar feição de salas de reunião.

É comum também a aproximação das pessoas por identificação de pensamentos, de produção artística e coisa e tal. Teatro provoca união, música também.

Muito em voga são os papos puramente humanistas. O homem como centro de todas as questões, o saber afetivo e procedimento. □



Amélia, manequim, uma das presenças permanentes nas noites do "Baixo"



BREVES

O "Baixo" é a ressurreição temporária da orla marítima de Natal. Ou, como dizem alguns adeptos mais antigos daquela área da cidade, uma fase "pós-Panelão". O Panelão foi um bar de muito sucesso, inaugurado há sete anos ao lado do Hotel dos Reis Magos. Hoje, onde ele funcionou, está apenas um galpão esquecido, diferente daquele ambiente feérico e descontruído. Naqueles tempos a abertura ainda estava apenas se abrindo, os governadores ainda eram solidamente biônicos. Em lugar de temas políticos e ideológicos, esquerda e direita, política do corpo, PT e sexo, falava-se, fun-



IAS (NOITES) DE BRILHO NA ORLA

damentalmente, em ABC e América. Os tempos não davam para outra coisa — não havia espaço.

Estava tudo fechado.

Do “Panelão”, a alegre orla espalhou-se para o “Saravá”, “Brasão”, dando pausas na antiga boate do Hotel dos Reis Magos, ao tempo do antigo gerente Cardoso e da Rede Tropical de Hotéis. O fim da noite era, invariavelmente, na Tenda do Cigano que, há pouco, tentou-se ressuscitar.

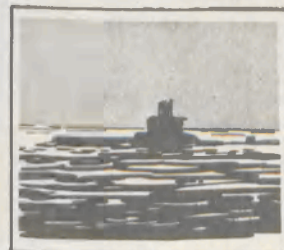
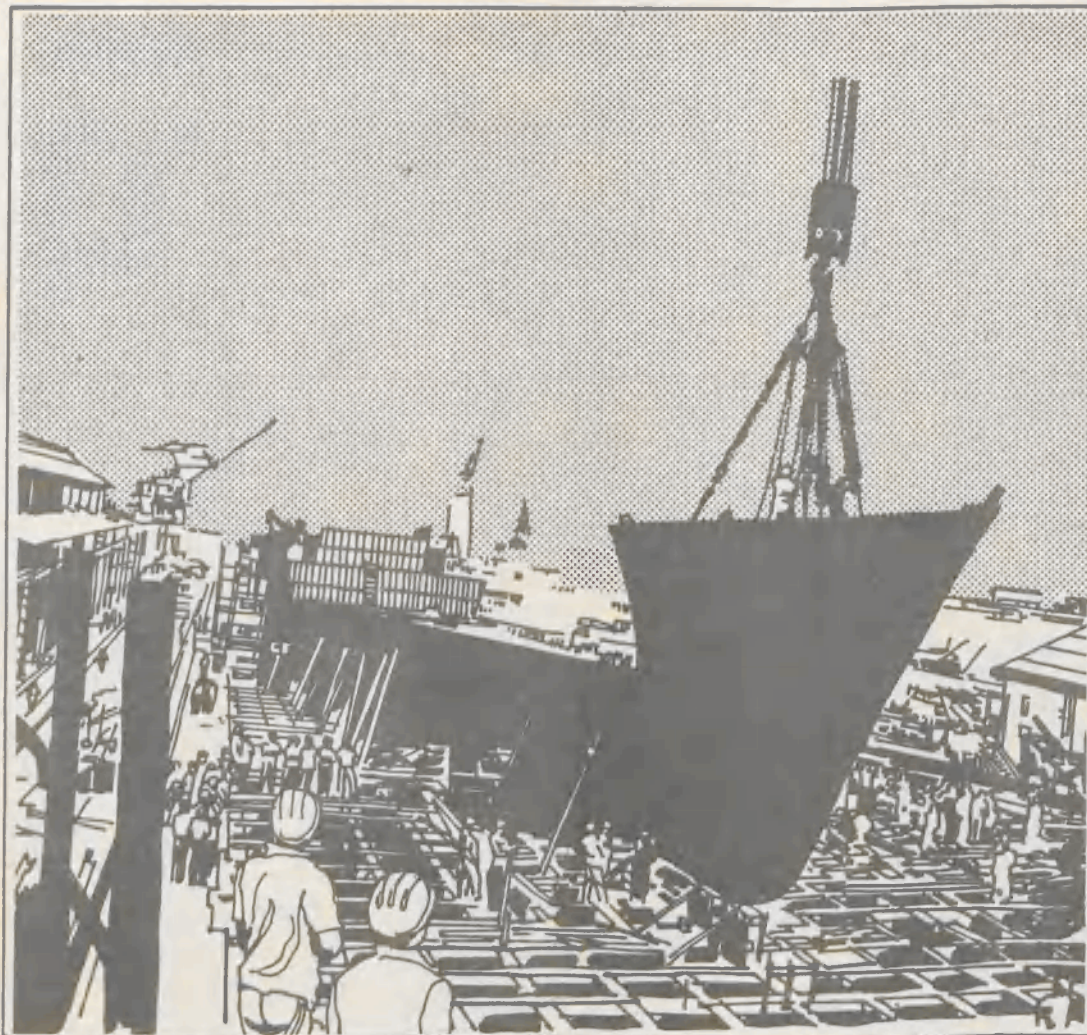
A abertura foi fechando o “Panelão” e o “Saravá”, porque seus espaços eram estritos para os novos tempos. Além do mais, o local do “Panelão” tornou-se assim co-

mo maldito, tanto quanto o do “Saravá”. Das antigas noitadas alegres só restou a saudade, talvez algumas amizades mais do que coloridas. Quem sabe? — também rebentos.

O “Baixo” é fruto da abertura política. Mas também da iluminação da orla marítima. Pode-se até dizer que ele foi gerado, de uma certa maneira, pelos restos das discussões domingueiras nas manhãs da ASFARN, uma espécie de núcleo ideal de um ponto que terminou germinando de outra maneira. Pelo menos, a ASFARN pode requisitar essa primazia: abriu a temporada das discussões

ideológicas e políticas à beira-mar, em Natal. O “Baixo” gravitou em torno do bar da ASFARN na primeira parte, até que foi tomando impulso e terminou ganhando vida própria. Hoje, poucos lembram-se da sua verdadeira origem.

Com todas essas modificações, há locais singelos, além do bem e do mal, na orla marítima de Natal, indiferentes aos modismos passageiros, às aberturas e fechamentos, ponto seguro do que se poderia chamar de boêmios profissionais, bem diferentes dos amadores. É o modesto e resistente “Castanhola”. (Annamaria Jatobá)



Construção Naval: arma do nosso desenvolvimento e soberania.

Fator vital da soberania e tranquilidade da Nação, a Marinha do Brasil visa ao fortalecimento das nossas forças navais, com a decisão de projetar e construir nossos navios dentro do País e pelos próprios brasileiros.

No Arsenal de Marinha, no Rio de Janeiro, um moderno

navio-escola está sendo construído para formar futuras gerações de marinheiros com o nível tecnológico necessário.

Acabam de ser projetadas corvetas modernas que no próximo ano começam a ser construídas para maior segurança de nosso litoral.

Brevemente os submarinos

também serão construídos no País.

Este será um passo decisivo para nossa independência em tão sofisticada tecnologia.

Esse progresso representa novas perspectivas para a indústria nacional, novos empregos, uma futura fonte de divisas e maior segurança.

Marinha do Brasil

13 de dezembro - Dia do Marinheiro

a arte de vestir bem

Requinte, beleza e bom atendimento é o que a Mustang Modas oferece a você. Com uma sofisticada loja, onde a arte de bem vestir é o que a caracteriza. A Mustang Modas dispõe de uma completa linha de roupas no mais variado estilo. Aberta de 2.^a a sábado até às 22:00 horas e com amplo estacionamento pra seus clientes. A Mustang Modas é o ponto alto da moda masculina em Natal.



OFICINA-ESCOLAS, PROJETO PIONEIRO

O Governo do Estado, através da Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social, aplicará em 1983 recursos da ordem de Cr\$ 40 milhões na manutenção das Oficinas-Escolas já implantadas e em implantação. O projeto, pioneiro no Rio Grande do Norte, é voltado para a educação e profissionalização do jovem rural, atuando de acordo com as potencialidades dos municípios interioranos e, diretamente, junto a população de baixa renda. Este ano foram aplicados Cr\$ 17,5 milhões em manutenção, afora os Cr\$ 2 milhões absorvidos na construção de cada sede.

O objetivo do projeto é o de capacitar a mão-de-obra rural, constituída de pequenos produtores e trabalhadores assalariados, dando ênfase ao treinamento de jovens rurais, visando obter o aumento da produtividade e, conseqüentemente, das condições sócio-econômicas do homem do campo. Nove Oficinas-Escolas já estão em funcionamento nos municípios de Santo Antônio, Brejinho, Serra de São Bento, Parelhas, Jucurutu, Serra Negra do Norte, Patu, Apodi, Augusto Severo e Pedro Avelino.

A Oficina-Escola do município de Santa Cruz já está concluída para inauguração, enquanto nos municípios de Upanema, Pendências, Alexandria e Carnaúba dos Dan-

tas, a construção das sedes já foram iniciadas.

TREINAMENTOS — O Projeto é desenvolvido a partir de treinamentos oferecidos em sete atividades distintas: Alimentos Básicos (preparo do solo e tratos culturais); Pacuária (vacinador e castrador); Fruticultura (viveirista e enxertador); Conservação do Solo (auxiliar de conservação de solo e locador de curva de nível); Oleicultura (reficador — tomate e cebola); Apoio à Agropecuária (carpinteiro rural, mecânico rural, tratorista, eletricitista-instalador) e Indústria Doméstica Rural, com diversas tipologias.

Os treinamentos são ministrados nas sedes das Oficinas-Escolas

já construídas, inclusive em áreas de terras apropriadas à execução de práticas agrotécnicas e, ainda, em propriedades particulares, que disponham de infra-estrutura para a realização da prática dos candidatos inscritos.

Além desse atendimento, cada sede, em funcionamento, também dá assistência a uma média de 50 a 60 menores carentes, na faixa etária de 6 a 14 anos, com orientação através de aulas de conhecimentos gerais, trabalhos manuais e distribuição de merenda escolar.

Nessa fase, o menor é orientado para optar por uma ocupação mais definida e dirigida para as necessidades da comunidade.



DIJOSETI AMPLIA ATUAÇÃO EM NATAL

A esta altura com três lojas e com tradição de dinamismo e bons serviços no comércio lojista de Natal, Dijoseti & Cia. Ltda. vem demonstrando a capacidade de um grupo empresarial que adotou como filosofia básica atuar dentro da realidade econômica de Natal, oferecendo serviços e preços compatíveis.

Dijoseti & Cia. Ltda. desenvolveu-se a partir da raiz plantada na loja da rua Ulisses Caldas, 174, em 11 de setembro de 1973. Dedicando-se, inicialmente, ao ramo de móveis e eletrodomésticos, a empresa foi ganhando a estrutura necessária para desejar novos espaços, dentro de um natural processo de expansão. E foi em consequência desse processo que surgiu a segunda loja do grupo, a D. D. Móveis, na rua General Osório, em 22 de outubro de 1980. A essa altura, os negócios já estavam diversificados, com a nova loja se dedicando à venda de móveis e eletro-



domésticos em geral.

O sucesso do empreendimento e a competência demonstrada no processo de diversificação levaram à fundação de uma terceira loja — Lojas Tropical, na rua Amaro Barreto, 1236, em 11 de outubro de 1981. Localizada no Alecrim, essa

loja dedica-se ao ramo de móveis e eletrodomésticos, dentro dos mesmos critérios de credibilidade.


O grupo é composto por Dijoseti Veríssimo da Costa — atualmente diretor-comercial — e Manoel Di-jésio da Costa — no momento na direção financeira.



HERBUS AGREDECE A SUA CONFIANÇA



Todos os anos falamos desta empresa. Do seu vertiginoso crescimento, das suas metas para o ano seguinte. Não precisamos falar mais nada. Agora todos a conhecem. Os números comprovam a realidade. Alcançando este ano um faturamento de 370 milhões de cruzeiros, seu dirigente, Marinho Herculano prometeu e cumpriu — 450 empregos diretos e uma produção diária de 6.500 peças. Com 7 lojas na cidade para venda direta dos seus produtos e uma rede de representantes em todo o Nordeste, proporcionando uma arrecadação de ICM na faixa de 40 milhões de cruzeiros. E não pára aí. Marinho já anuncia para o próximo ano sua nova indústria — HELA MODAS FEMININA — também em Natal, especializada no fabrico de confecções femininas, oferecendo mais 300 empregos. As instalações se encontram concluídas e toda maquinaria instalada. Isso foi possível graças ao esforço dos seus colaboradores, dos órgãos públicos Federal e Estadual, da rede bancária e ao prestígio e preferência da sua estimada clientela.

 **HERBUS
Confeccões Ltda.**

Av. Bernardo Vieira, 986 — Bairro Dix-Sept Rosado
— Fone: 223-4439
NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

Os números já começam a surgir como boa fonte

Estado pobre em estatísticas, o Rio Grande do Norte está, aos poucos, juntando alguns números. São modestos, ainda. Mas formam um quadro bem melhor do que o de alguns anos atrás. Na área demográfica, já é possível até em falar numa relativa fartura de dados, cuja fonte básica é a FIBGE e que têm sido bem aproveitados por órgãos do Governo Estadual ligados à Secretaria da Indústria e Comércio. Na área da indústria, comércio e de serviços, a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizou amplo Censo em 1981. Mas os números devidamente tabulados na sinopse só serão conhecidos em julho do próximo ano, segundo informa a **RN/ECONÔMICO** o delegado daquele órgão, Hélio César de Andrade.

NÚMEROS AGROPECUÁRIOS — Mas na área da agropecuária há bons números à disposição, resultantes das coletas do último Censo Agropecuário. Bons números, entenda-se, em termos estatísticos. Mas que não são nada agradáveis em termos de realidade que traduzem.

O universo pesquisado nesse Censo foi uma área representando quatro milhões 509 mil e 86 hectares, dos quais 546 mil 346 hectares de cultura permanente e 603 mil 852 hectares com lavouras temporárias. Nesse universo estão 610 estabelecimentos agropecuários, acionado pelo trabalho de 428 mil 249 pessoas que se valem da força mecânica de dois mil 811 tratores.

Quanto aos números específicos da pecuária, as coisas se tornam menos confortáveis ao se descer ao nível da tradução. É inquietante constatar que, fazendo a comparação com o Censo Agropecuário realizado em 1975, a população de bovinos praticamente não cresceu. Os números atuais são: oito milhões 93 mil 427 cabeças de bovinos, dois milhões 90 mil 593 aves e 91 mil 691 suínos.

O balanço mais constrangedor é dos suínos: em relação aos dados de 1972, constata-se uma queda de 30 mil unidades.



Hélio: novos números

Hélio César de Andrade é de opinião que, com a chegada dos números oficiais e finais, esses dados sofrerão variações muito insignificantes, incapazes de alterar o contexto geral.

SITUAÇÃO DA TERRA — Pelos números, também é possível tirar algumas conclusões da atual estrutura fundiária. O Censo, na parte relacionada com o produtor agrícola, pesquisou 106 mil 606 estabelecimentos do setor. Desse total, 62 mil 951 são proprietários, 12 mil 888 arrendatários, sete mil 492 parceiros, 23 mil e dois ocupantes e 277 não fizeram qualquer declaração.

O índice de arrendatários é considerado ainda muito alto, significando que um número muito grande de

agricultores ainda tem de arrendar terras para plantio, ou apelam para a condição de meeiro. Do outro lado desse sistema, na ponta desse sistema, na tradução dos técnicos, estão os que têm a terra e não a exploram, oferecendo-a para quem se dispõe a trabalhá-la entregando, como paga, metade da produção. Esse tipo é chamado de parceiro.

Problema maior, porém, são os 23 mil e dois ocupantes. Estes, simplesmente trabalham a terra que encontram sem qualquer acerto prévio. Essa situação, contudo, sempre caminha para o momento em que aparece o dono do terreno — especialmente se o ocupante tem muito sucesso nas culturas que desenvolve. É nessa ocasião que o desfecho é quase sempre desagradável, quando não resulta num acordo desfavorável para o produtor sem terra.

A REALIDADE DOS NÚMEROS — O fato é que os números, ao contrário do que se costuma dizer, não são frios. Para quem os entende, representam um quadro muito nítido e real de uma situação quase sempre descrita em relatórios maçantes e inconclusivos. São estes números que são a medida exata das providências que têm de ser tomadas para mudar um quadro inquietante.

Mesmo assim, a FIBGE só vai fazer projeções a partir dos dados definitivos.

E mais dados virão se somar aos já existentes, com o desenvolvimento da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios. Esse trabalho já se revelou da maior importância, pois objetiva mostrar as tendências e costumes dos brasileiros nas diversas regiões do Brasil. □



Pecuária: números estáveis

POR UMA POLÍTICA CULTURAL — José Agripino Maia, governador eleito pelo povo num pleito histórico, tem, de entrada, uma grande responsabilidade nas mãos: a estruturação e a implantação de uma política cultural exequível para o Estado do Rio Grande do Norte.

A cultura é a síntese da vivência de um povo. Pela sua cultura o identificamos, avaliamos, medimos, pesamos. É a herança que resta do povo quando, de há muito, o próprio povo deixou de existir como sociedade humana. Os grandes povos pré-colombianos, sem falar nos helênicos, sobrevivem até hoje por intermédio de sua arte carregada de sentido, documentos vivos e férteis de uma forma peculiaríssima de pensar e sentir com inteligência. É possível contar a história da humanidade, desde as cavernas, apenas pelo inventário sistemático de sua criatividade e do que por acaso restou dessa criatividade — caracterizadora da alma nacional.

Durante a campanha política, histórica e acirrada, que pôs fim ao bonismo e abriu, de fato, as portas do País à democracia, nenhum dos cinco candidatos ao Governo do Rio Grande do Norte se pronunciou, mesmo superficialmente, quanto ao processo de democratização da cultura. E este silêncio, tão renitente nos faz crer que a cultura, além de desnecessária, inclusive como instrumento de conscientização da comunidade, é invisível e não merece senão desprezo da parte dos polí-

ticos. Nenhuma proposta foi apresentada ou discutida, nesta área tradicionalmente carente de impulsos e estímulos oficiais. Até parece que a palavra cultura, aos ouvidos dos políticos, soa como palavrão. E que, diante dela, deveríamos todos ficar em guarda e de arma na mão, exatamente como aquele ministro de Adolf Hitler, prontos a atirar no primeiro engraçadinho que ousasse sair do marasmo espiritual para exercitar a sensibilidade e a imaginação, sua e do próximo.

É preciso investir na inteligência. Investir maciçamente e não de forma isolada e fragmentária. Estimular a livre criação, elevar pela realização de cursos e seminários, o nível cultural e, evidentemente, encarar o intelectual e o artista não apenas como os artífices de todo um processo histórico, mas sobretudo valorizar o seu labor solitário, tantas vezes improdutivo, materialmente. Escrever em Natal, por exemplo, é um ato de contrição que se pratica em silêncio.

Mas certamente novos ventos soprarão por estas paragens castigadas pela natureza insensível dos homens. Pelo menos se depender de José Agripino Maia, que tem a seu favor, como governador eleito, o trabalho que desenvolveu na área da educação artística na época em que estava à frente da Prefeitura de Natal. Foi na sua administração como prefeito que se criou a Escolinha Criart, sem dúvida, um modelo a ser seguido e implantado em maior escala em todo o Estado.

Foi na sua administração que se criou o Salão de Arte Infantil e o valor monetário dos prêmios literários do Departamento Cultural foram corrigidos de forma racional e justa. Quem fez o Criart, o Salão de Arte Infantil e prestigiou os artistas da cidade, adquirindo suas obras para a sede do município, poderá fazer muita coisa pela cultura norte-riograndense, desde que se crie, a partir de agora, as bases de um modelo cultural voltado para a comunidade.

Temos aqui vários prêmios literários, concedidos anualmente, mas o autor local, mesmo premiado, permanece inédito. Esta é, provavelmente, a maior contradição de que se tem notícia entre nós. Um autor premiado e inédito, quando o maior prêmio para um autor é a publicação de sua obra. Especialmente os jovens autores, premiados ou não, sofrem na carne as consequências dessa contradição, pois, ainda desconhecidos, não dispõem do mesmo prestígio dos medalhões em torno dos quais gravita toda uma humanidade concordante de diretores e assessores culturais, prontos a publicar-lhes o fruto do beletrismo estéril.

A reformulação dos salões de arte faz-se inadiável. É preciso que se compreenda que um salão é uma iniciativa que exige um mínimo de responsabilidade e que, portanto, não pode ser organizado por simples curiosos. Numa sociedade aberta, a discussão não é nenhum privilégio, mas necessidade

que se aprimora pelo exercício da própria democracia. E a inteligência, como a democracia, não é um compartimento estanque.

O Rio Grande do Norte, ao contrário de outros Estados nordestinos, considerados pobres, não dispõe ainda de um museu de arte, quando, em Campina Grande, existe um Museu de Arte Contemporânea, fundado por Assis Chateaubriand, possuidor de um acervo valioso e representativo da produção artística nacional. Até o Piauí, quem diria, tem um excelente museu de arte. É verdade que o Rio Grande do Norte já teve o seu Museu de Arte Popular, que desapareceu sem deixar vestígios, durante a revolução... É preciso que se crie, desde agora, as fontes de referências para o futuro pesquisador de nossa vida cultural. Para que não sejamos acusados, um dia, de não possuímos nenhuma memória, nenhuma sensibilidade, nenhum respeito pela aventura do espírito, e nenhuma obra.

MEMÓRIA (PLÁSTICA) TRANSCENDENTE

— O pintor Erasmo Costa Andrade, de 33 anos, partindo de uma experiência pessoal, localizada em São Tomé, no interior do Rio Grande do Norte, universaliza sua proposta plástica. As figuras que irrompem ou levitam no espaço de seus quadros, de elaboração preciosa, são símbolos transcendentais de uma infância sensitivamente vivida e, posteriormente, reelaborada com inteligência com o

Investir hoje, escolher como quero ganhar e receber no final do mês?



Depositar em qualquer dia e ganhar desde o primeiro dia?



Deixar o dinheiro seguro no banco e ainda ganhar juros e correção?



Poder começar com mil cruzeiros, lucrar desde o primeiro dia e ter segurança total?



Isto só acontece num banco que cresce o ano todo. Num banco que, em 1982, cresceu de Norte a Sul; que cresceu em todo o Brasil; que cresceu no Nordeste e que também cresceu no Rio Grande do Norte. Neste Estado, iniciamos o ano de 1982 com 25 Agências. Estamos agora com 33 Agências funcionando e mais 16 serão inauguradas, totalizando 49 Agências, cabendo uma para cada três municípios potiguares. Em 1982, o BB marcou para o Rio Grande do Norte 365 dias de oportunidades de novos negócios através de suas linhas de crédito à agricultura, à indústria e ao comércio deste Estado. O Banco do Brasil, sempre um grande banco, crescendo com o Brasil.



BANCO DO BRASIL
Sempre um grande Banco

Este é o momento das decisões



NOVO OU USADO, BASTA ESCOLHER A MARCA. DEPOIS VENHA BUSCAR O SEU CARRO



Peças e equipamentos para o seu carro você encontra em
DUAUTO EQUIPADORA — PEÇAS E ACCESSÓRIOS
Pneus Good Year para todos os tipos de veículos procure e
DUAUTO PNEUS

duauto veículos ltda.

O salão nobre do automóvel.
Presidente Bandeira, 1240 Lagoa Seca.



Erasmus: o homem e suas contradições

objetivo de criar uma linguagem de sutis contradições: — esse duelo incessante do ser humano, dividido entre a alegria passageira e a dor profunda de existir.

A fatura dos quadros de Erasmo, nessa fase atual, se enriqueceu, encrepou-se aqui e ali, iluminou-se, revestida de um esplendor colorístico quase barroco. Mas a forma, depurada em anos de pesquisa, atingiu uma síntese que chega ao ascetismo. Erasmo, provavelmente o mais plástico dos artistas norte-riograndenses, constrói o seu quadro com apaixonado rigor, eliminando, polindo, experimentando, retomando um vocabulário onírico chagalliano, mas ordenando-o segundo a

sua própria sintaxe plástica. Porque, ao contrário da maioria de artistas locais, não lhe falta, além da capacidade de realizar e construir, uma personalidade envolvente e sedutora.

REAPARECE O HUMOR JOVIAL — O jornalista Carlos Morais, um dos jovens profissionais mais competentes da imprensa natalense, mas um tanto inaproveitado, estreia em livro. A ironia é o fio que dá consistência à proposta de **São Demais os Perigos Dessa Língua** (edição do autor, planejamento gráfico de Elias), uma recolha dinâmica do anedotário das redações.

É um livro hedonista, sem dúvida, mas não deixa de ser, também, a

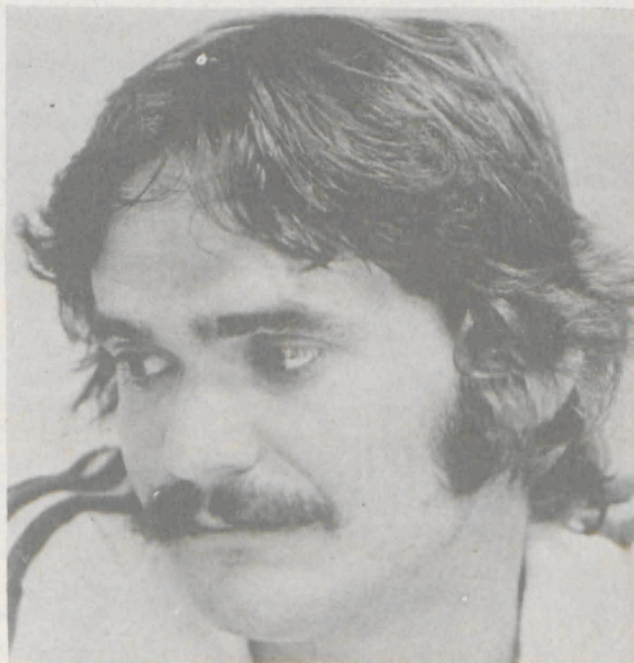
denúncia das fraquezas de um sistema de ensino que, em vez de acrescentar ao homem, automatiza-o, tirando-lhe justamente a capacidade de raciocinar em profundidade. As pessoas em geral saem da universidade para as redações dos jornais sem dominar, pelo menos razoavelmente, a própria língua, inculta e bela, segundo o poeta Olavo Bilac, resultando dessa falta de conhecimento o jornalismo canhestro tão nosso conhecido.

O livro de Carlos Morais, repassado de humor, distrai e diverte. Mas nos deixa, por fim, a desagradável sensação de que alguma coisa vai mal, por aqui, e não na Dinamarca, referida por Shakespeare no Hamlet...

INTERIORIZAÇÃO DA CULTURA — Desde a sua implantação, há menos de um ano, o Pro-

jeto Ruth Aklander de Interiorização da Cultura, da Fundação José Augusto, vem cumprindo exemplarmente os seus projetos de levar às populações mais desassistidas a informação e a técnica na área das artes plásticas.

Consta do programa de atividades do projeto, além de cursos de gravura, desenho e pintura, palestras sobre os diversos ramos das artes visuais, sob a direção do professor Aucides Sales. Vários cursos, até o momento, já foram ministrados no interior do Estado. Ruth Aklander, que dá nome ao projeto, é uma artista norte-riograndense há muito residente no Rio de Janeiro. É intenção da Fundação José Augusto, presidida pelo professor Valério Mesquita, homenagear os artistas e intelectuais que mais se destacaram na sua área de atuação.



Carlos Morais: criticando com ironia a in-cultura

POESIA LEMBRADA

— Enfim, faz-se justiça a uma das vozes mais límpidas da poesia brasileira contemporânea, que se calou em fevereiro deste ano, após uma longa e dolorosa enfermidade.

Myriam Coeli de Araújo Dantas da Silveira, ou simplesmente Myriam Coeli, exercitava o verbo com a paciência de um ourives, desentranhando-o do caos linguístico, iluminando-o com o fogo de uma espiritualidade cada vez mais crepitante, publicou pouco em vida. Apenas três livros — **Imagem Virtual** (1961), **Vivência Sobre Vivência** (1980) e **Cantigas de Amigo** (1981). E assim mesmo, o primeiro, em parceria com o seu esposo, o poeta Celso da Silveira, principal artífice da Semana Myriam Coeli, acontecimento que mobilizou a comunidade artística local, através de concursos de artes plásticas, lançamento de livro e criação do Prêmio Literário Myriam Coeli, no valor de 250 mil cruzeiros, destinado a melhor obra em qualquer gênero.

O conhecimento de sua poesia, portanto, continua restrito a um pequeno grupo de admiradores e amigos. De temperamento reservado e tímido, Myriam Coeli, prematuramente roubada da vida ativa, por força de sua aposentadoria, concentrou-se na elaboração de uma poesia densa, de precioso artesanato, animada internamente por uma angústia metafísica, serenada por esta aceitação humilde da vida em toda sua pluralidade.



Myriam Coeli: desenho de Diniz Grilo

Recriou líricas, fiel a uma herança cultural. E, sem preconceito, trabalhou a palavra, tornando acessível nas *Cantigas de Amigo* todo um passado literário, sem recair um só instante no infrutífero saudosismo de tantos poetas, mais pretensiosos e menos desprovidos de bagagem cultural e domínio da palavra. Lírica ou metafísica, Myriam Coeli soube extirpar de seu texto tudo que não era essencial, consciente de que poesia é síntese e a palavra, para ser digna, dispensa artifícios e brilharecos.

Espera-se que esta Semana Myriam Coeli não seja apenas uma manifestação isolada e sem continuidade. Não tanto porque coloca o nome de um grande poeta em discussão, num meio em geral alheio às discussões intelectuais, mas, antes de tudo, porque enriquece a comunidade com a possibilidade de uma nova opção, mais aberta e democrática.

acolhida, sem dúvida calorosa, partiu para a realização de uma novela que inaugura, entre nós, o **pop**.

O real e o imaginário se fundem em **O Transparente**, 79 páginas, prefácio (excelente) de Lindomar Cabral, edição do autor. O livro é dinâmico e caótico e coloca diante do público leitor uma realidade que, anestesiados, não percebemos.

Flávio Rezende faz reviver nas páginas de seu livro o mundo de uma juventude inquieta, crédula, rebelde, angustiada e à procura de respostas esotéricas, quem sabe, apaziguadoras. Este, provavelmente, o pretexto deste texto que abusa da fantasia e que se constrói como um grito de angústia não desprovido de esperança. A impressão que se tem,

ASTRAL LITERÁRIO

— Flávio Rezende estreou com um livro de poemas bem recebido pela crítica local. E o poeta, estimulado pela



Flávio Rezende: o pop literário chega a Natal

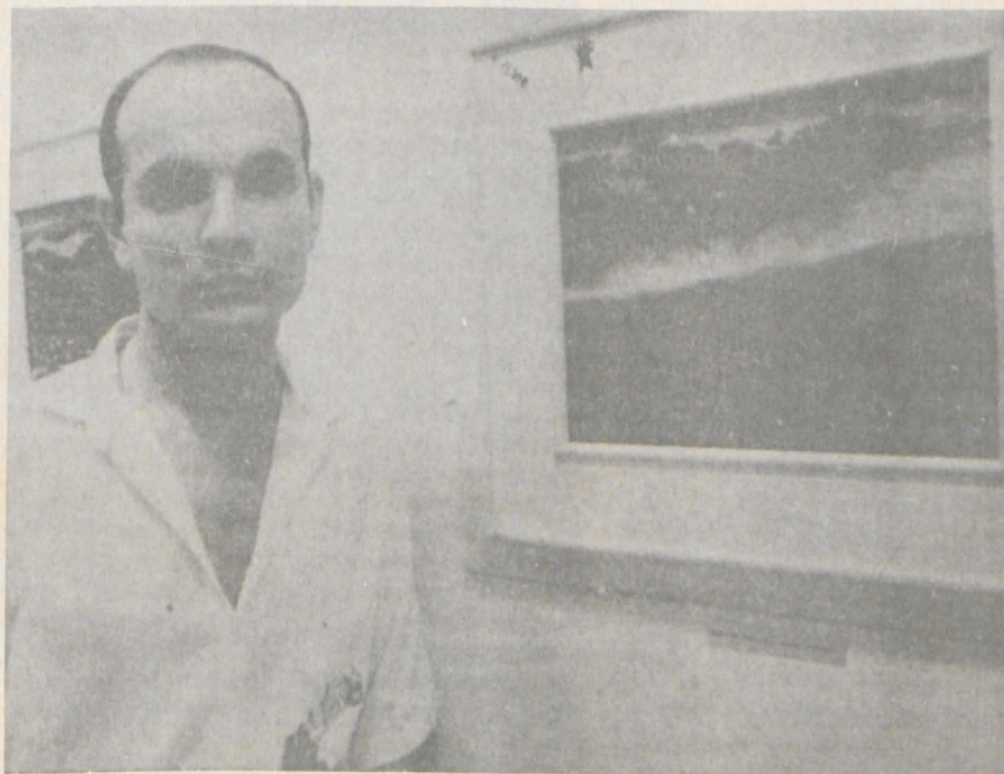
após a leitura de *O Transparente*, é de que alguma coisa se salvará pela resistência de um povo conflitado, esgarçado entre o que pensa e o que vê, entre a tradição e o desejo de alterar a estrutura do mundo.

As falhas, naturais em um estreante, ficam por conta de uma linguagem repetida, que tende a diluir-se como linguagem literária. Uma enxugada no texto certamente o reforçaria. Mas, problemas de linguagem à parte, recomenda-se a leitura de *O Transparente*. A angústia que perpassa em suas páginas é dos nossos dias.

POSTAIS FLAMEN- GOS

— Uma individual do pintor Jomar Jackson, antes de ser uma exposição de pintura ou desenho, é sempre um acontecimento teatral. Jomar é hiperbólico. E esta característica de sua personalidade se reflete na pintura. Mesmo agora, quando ele procura sobrepor a um passado de plágios e cópias, vivamente comprovados, a preocupação de criar uma linguagem pessoal, embora sofrível, Jomar não consegue desvencilhar-se dos entranhados cacotes de outros tempos.

Nesta séria em homenagem à cidade de Natal, pelo menos, Jomar não copiou nem plagiou ninguém. Este mérito é evidente. E até certo ponto resistiu ao fascínio que os mestres flamengos e Reynaldo Fonseca exercem sobre o seu gosto estético, demasiadamente defasado, mas de fácil assimilação



por um público desinformado. Natal, cidade enquistada, não se enriqueceu com as conquistas da informação e do progresso modernos. Assim o único critério válido para a aferição de valor numa obra de arte é justamente a **semelhança** da obra com o seu hipotético modelo.

A cidade de Natal criada por Jomar, carece de clima. Lembra um cartão postal saído da oficina de um artesão flamengo: a atmosfera própria da cidade tropical, indubitavelmente luminosa, adquire, nas mãos europeizadas de Jomar, uma conotação de efeitos flamengos indigeríveis com o seu claro-escuro que não pode ser confundido com miséria e pobreza. Não basta pintar o forno do lixo para denunciar qualquer circunstância. Não basta trazer para o su-



porte de um quadro a luta de urubus e homens por migalhas de comida. Sabemos todos que em arte é necessário transcender o óbvio, abrindo perspectivas para a leitura (inteligente) da própria obra de arte.

Os efeitos de **glacis**, tão decantados por uma crítica que insiste no uso

de um vocabulário especializado, na intenção de demonstrar conhecimento, nada tem de contribuição pessoal. São coisas que se aprendem no pré-primário de qualquer escola de belas artes deste País. Jomar não é desses artistas que enriquecem a técnica. Ele apenas a reproduz, desvirilizando-a, na medida em que, como artista, pouco ou nada tem a nos comunicar.

Outra coisa que merece registro. Na noite de inauguração de sua mostra, o pintor fechou a galeria e levou a chave para casa, cometendo, assim, uma infração administrativa que merece ser apurada. Afinal a galeria da Biblioteca Câmara Cascudo não é patrimônio de Jomar, mas da comunidade.

FRANKLIN JORGE

EMSERV Empresa de Serviços de Vigilância

As Empresas EMSERV e EMSEERG, diante dos êxitos obtidos nas suas diversas áreas de atuação, sentem-se no dever de estender as suas satisfações e alegrias a todos os Órgãos do Governo Federal, Estadual e Municipal, aos Bancos e às Empresas Privadas e de Economia Mista, com quem convive diuturnamente, agradecidas pela colaboração e alto nível de relacionamento reinantes neste ano de intensa atividade em todos os setores. A TODOS DESEJAM UM 1983 DE MUITO SUCESSO e sob a sua segurança.



TRANSPORTE DE VALORES — mais um serviço da EMSERV, pioneira no RN em Segurança particular e patrimonial —

Tranquilidade e Garantia à disposição da Rede Bancária, da Indústria e Comércio Potiguar.

LUTAR CONFIANDO NO FUTURO

Está trabalhando cada vez mais em busca da melhor qualidade de seus produtos, firmando-se dia-a-dia no conceito dos Clientes de bom gosto. A SUA META É PADRÃO E QUALIDADE. E contribuindo para a grandeza do RN, apresenta a todos os rio-grandenses os votos de muito progresso em 1983.



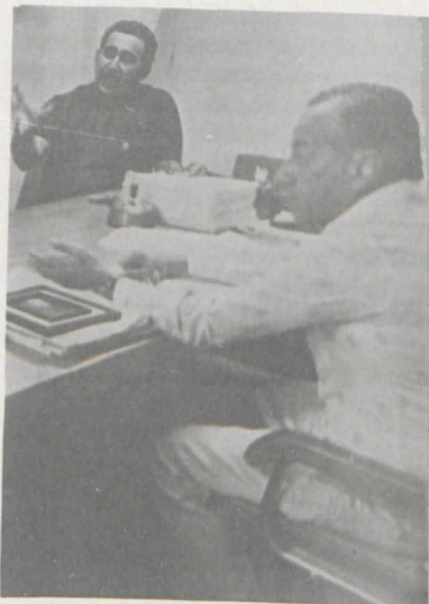
**ICOL : INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DE CONFECCOES LTDA.**
FARDAMENTOS E ROUPAS EM GERAL

Rua Antônio Basílio, 616
Dix-Sept Rosado -- Natal

Um ano magro na soma dos projetos aprovados

Foi magro, o balanço de projetos da Sudene aprovados este ano para o Rio Grande do Norte. Magro mas, de qualquer forma, melhor do que nada. Foram, até novembro, nove projetos, significando um total de Cr\$ 28 milhões, 568 mil e 255 cruzeiros, ficando para o Finor entrar com a parcela de Cr\$ 16 milhões, 171 mil e 300 cruzeiros. O maior é o da Cervejaria do Nordeste S. A. — CERNA, para implantação em São Gonçalo do Amarante, com investimento de Cr\$ 9 milhões, 880 mil e que vai gerar 850 empregos.

Dos nove projetos aprovados, três são para Natal e os restantes para São Gonçalo do Amarante, Macaíba, Taipu, Mossoró e Eduardo Gomes. O da Guararapes Têxtil S. A. é o segundo maior projeto após o da CERNA. O investimento é de Cr\$ 9 milhões, 154



Pádua: sempre problemas

mil e 104 cruzeiros, sendo a participação do Finor da ordem de Cr\$ 5 milhões, 540 mil e 332 cruzeiros, estando programada a geração de 970 novos empregos. Os outros projetos são da Texita Companhia Têxtil Tangará, da Maisa Indústria e Comércio S. A. (ampliação da industrialização de sucos de frutas e castanha, da Telern (interiorização das telecomunicações), da Companhia Frigorífico Potengi, da Companhia Nordestina Suinocultura, da Confecções Arpel S. A. e da Agropecuária Pau D'Oleio S/A.

No total, a implantação desses projetos representa a geração de 4.375 novos empregos.

O PAPEL DA SUDENE — O ano também foi difícil para a Sudene, no Rio Grande do Norte. Aliás, mais um ano difícil. O posto de Chefe do Escritório da Sudene no Estado é, sem dúvida, um dos mais difíceis. E num período como o do ciclo da seca, com uma série de anos sob estiagem, a situação se torna simplesmente dramática.

São pressões de todos os tipos: da Oposição, do Governo, de políticos, de cabos eleitorais, de fazendeiros in-



USINA ESTIVAS S.A.: O AÇÚCAR E ALCOOL IMPULSIONANDO O R. G. N

A Usina Estivas S. A. adquirida pelo grupo Tavares de Melo, de Pernambuco, em 1969, com uma produção de cem mil sacos de açúcar por safra, procura cada vez mais ampliar suas instalações e capacidade produtiva através da modernização de equipamentos industriais e novas técnicas de beneficiamento do solo. Atinge na presente safra — 1982/1983 — uma produção de UM MILHAO E MEIO de sacos de açúcar; cerca de QUINZE MILHOES de litros de álcool para fins carburantes, procurando, assim, contribuir com a política do Governo Federal no



tocante a fontes alternativas de combustível (Pró-álcool).

SUA IMPORTÂNCIA — A Usina constitui-se no segundo maior contribuinte de ICM — Imposto de Circulação de Mercadorias — no Estado, como também atinge o quinto lugar no

Nordeste em termos de capacidade produtiva, absorvendo cerca de quatro mil trabalhadores entre o campo e a indústria.

Oportunidade — em tão bonita data — a Usina deseja aos fornecedores, clientes, bancos, colaboradores e amigos um futuro de paz e prosperidade.

fluentes. O atual sistema de escritórios nos Estados ganhou consistência com a reestruturação do órgão, em 1963. Um decreto de 12 de agosto daquele ano — o de n.º 52.346 — ampliou o raio de ação dos departamentos e escritórios, visando uma maior interligação com a Secretaria Executiva. Isso compreendeu a realização de estudos e pesquisas sistemáticos dos escritórios nos próprios locais onde funcionam, como meio de coleta de informações sobre os problemas de cada Estado. Dentro desse propósito, os chefes dos escritórios regionais procuram uma atuação estreita com os Governos Estaduais, de modo a que seja atingida, da melhor maneira possível, uma integração a nível local e regional. Além disso, os escritórios informam à Sudene sobre o andamento da execução dos projetos de responsabilidade do órgão.

No momento, o escritório da Sudene no Rio Grande do Norte acompanha vários programas que executa em convênio com o Governo do Estado, destacando-se o Projeto Sertanejo, o de Recursos Hídricos (construção de açudes e poços tubulares), os do Planasa, os programas de combate à seca junto à Secretaria da Agricultura, Emater, Cida e outros órgãos.

TAREFA DIFÍCIL — Não é fácil a tarefa de acompanhamento de todos esses programas. Há necessidade de atuação de intermediários entre a sede do órgão e os responsáveis pela

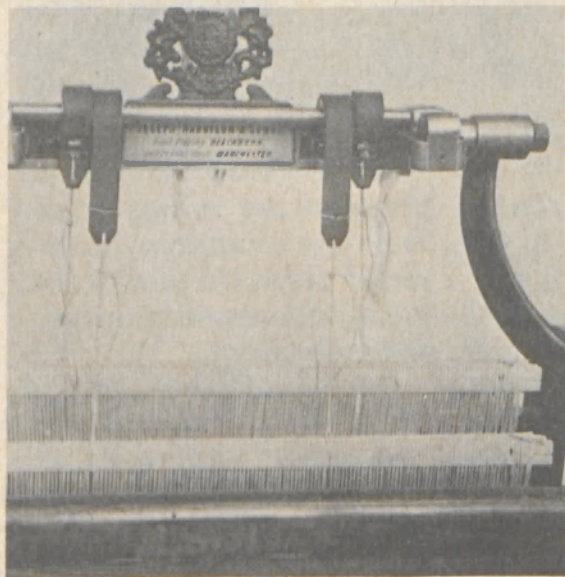
execução dos programas o que, eventualmente, dificulta as coisas.

A Sudene atua também junto ao empresariado privado, oferecendo orientação sobre a maneira de obter benefícios dos incentivos. A partir de 1980 novas atribuições foram adicionadas às responsabilidades do Escritório da Sudene. Entre elas: análise preliminar dos relatórios semestrais apresentados pelas empresas para eliminar informações distorcidas que as vezes eram remetidas para as sedes das empresas, o que dificultava o retardamento das liberações das parcelas do Finor; análise de pedidos de isenção do Imposto de Renda; análise de pedidos de reinvestimento e comprovação das aplicações dos pedidos de reinvestimen-



Menos projetos, menos empregos

O FUTURO É FEITO COM TRADIÇÃO E TRABALHO



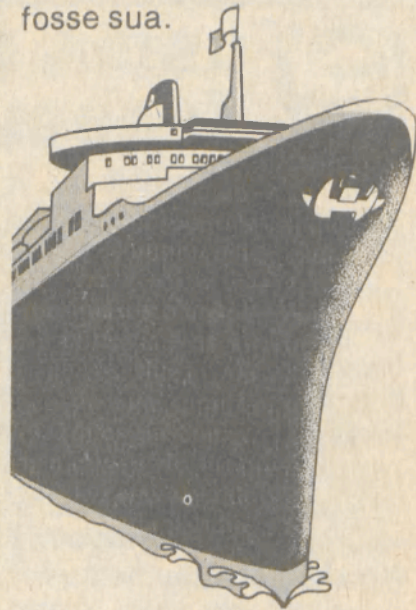
RN/ECONÔMICO chega aos 13 anos porque soube tecer um passado sólido. A FIAÇÃO BORBOREMA dá o seu testemunho da grandeza de um empreendimento que mantém um nível cada vez melhor. E felicita esse aniversário com a satisfação de quem sabe como é bom ter reconhecimento pelo empenho em fazer melhor.

S.A. FIAÇÃO BORBOREMA

OS BONS VIAJANTES SEMPRE CHEGAM AO SEU DESTINO

Por mais longa e árdua que seja a jornada, o bom e esforçado viajante nunca deixa de chegar ao seu destino.

RN/ECONÔMICO chegou ao destino das publicações que atingem a maioria, no momento em que completa 13 anos de vida, com atividades ininterruptas. A AGENCIA MARÍTIMA LTDA. participa da festa dessa data como se fosse sua.



AGÊNCIA MARÍTIMA LTDA.

AGÊNCIA MARÍTIMA LTDA.
Trav. Aureliano de Medeiros, 37
Fone: 222-1449 — Natal-RN

Lucas: forma moderna de ver problemas antigos



Lucas: moderno

Em meio à fome, exploração e tendo um quadro de injustiças sociais, a Igreja sobrevive, crê e trabalha junto às camadas menos favorecidas economicamente, no sentido de despertar o ideal de luta e libertação, através da união, da fraternidade, segundo a proposta da ala progressista.

É sobre este trabalho que o jovem vigário Lucas Batista Neto, da Paróquia de Santa Terezinha, no Tirol, fala entusiasmadamente: "O pequeno necessita acreditar no pequeno, para, juntos, libertarem-se".

Pe. Lucas destacou a missão social da Igreja no Estado, a importância de um setor de comunicação em cada Diocese. Ele diz que conta a Diocese de Natal com a Emissora de Educação Rural como canal de veiculação de sua mensagem, de seu posicionamento a respeito dos fatos importantes ocorridos na comunidade. Tudo isto, respaldado pela grande penetração que possui o rádio como veículo de comunicação.

SUA LUTA — São vários os "instrumentos de trabalho", classificadas como organizações, onde são postos em prática os princípios básicos e filosóficos da instituição. O RN foi berço das Comunidades Eclesiais de Base, hoje espalhadas pelo Brasil inteiro, onde se desenvolve trabalho de Educação Política desde 1962, através de Cartilhas de Alfabetização, elaboradas por técnicos em educação, assistentes sociais e pessoas com experiências comunitárias agrupadas pelo SAR — Serviço de Assistência Rural.

"É uma prática isenta de qualquer vinculação político-partidária", afirmou seguramente Pe. Lucas. Enfatizando, ainda, a existência do MEB — Movimento de Educação de Base — que se preocupa com a alfabetização de adultos, via rádio. O MEB trabalha com uma proposta mais ampla de alfabetização acompanhada da pretensão de criar nas pessoas uma visão unitária de mundo. Daí a inclusão de variáveis básicas para a vida de qualquer ser humano: saúde, ali-

mentação, higiene, espírito comunitário, atitudes reivindicatórias pelos seus direitos, etc.

O MEB conta com uma equipe fixa e remunerada, formada por técnicos; estes, são auxiliados por monitores — não remunerados — que se dedicam unicamente por questões de crédito e solidariedade.

Indagado sobre os resultados deste trabalho, Pe. Lucas afirma "que deixam muito a desejar, uma vez que não é fácil lutar contra uma estrutura monstruosa e cheia de engrenagens

como se apresenta o sistema.

Além disto, lembra a convivência com dificuldades internas que se apresentam como carência de recursos humanos e materiais — já que não contam, voluntariamente, com ajuda do Governo Federal — constituem entraves para um melhor desempenho das atividades. A equipe fixa é mantida com uma ajuda financeira advinda da Alemanha. Este auxílio financeiro é o resultado da aprovação pela Igreja Católica Alemã dos projetos enviados pelas Dioceses Estaduais. □

NO INÍCIO, O CHOQUE

"Quando vim do interior do Estado, há dez anos, cheguei a me chocar com a postura sacerdotal existente por aqui... Mas, confesso que não tive — nem tenho — pretensão de inovar comportamentos dentro da Igreja, apenas sigo, coerentemente, as missões evangélicas. Trazendo sua palavra para o cotidiano e a transmitindo através do contato direto com as pessoas". Pe. Lucas se refere ao seu estilo de trabalho, sua prática diária, através da qual, objetiva que o Evangelho ilumine a vida dos indivíduos, humanamente.

Muito embora esteja consciente de que este é seu verdadeiro método de trabalho — pois é honesto e fiel ao Evangelho — ele não está isento do encontro com inúmeras barreiras e entraves. No entanto, assegura enfático: "É melhor que se resguardar".

A postura sacerdotal rígida — onde o padre se coloca como ser diferente dos demais — vem sendo muito questionada pelas Arquidioceses, uma vez que se constitui num entrave ao recrutamento de jovens para o sacerdócio. "É importante saber que o padre é tirado do meio dos homens, para servir no meio dos homens", afir-

mou Pe. Lucas.

Numa de suas avaliações feitas a partir da grande crise vocacional que passou pelo período de dez anos — 1965 a 1975 — quando todos os Seminários existentes no País fecharam suas portas, as Arquidioceses reconheceram que necessitavam dinamizar o trabalho de atração à Igreja, onde objetivasse, prioritariamente, a conquista de jovens para os Seminários. Segundo nosso vigário entrevistado, esta crise foi erradicada, e os Seminários encontram-se abertos. Recentemente, foram enviados nove seminaristas, pertencentes as três Dioceses Estaduais, a fim de realizarem cursos de Teologia, no Rio de Janeiro.

E o Celibato? Que contribuição ele oferece para o distanciamento destes jovens à Igreja? Pe. Lucas o encara como uma grande sabedoria, no sentido de uma maior dedicação ao ofício. Mas não deixa, também, de considerá-lo uma lei disciplinar. Acredita que com o passar dos tempos, a Igreja venha a não mais adotá-lo. "Não vai ser de uma maneira brusca, isto é, de uma hora para outra", concluiu.

É só uma questão de aceitação, cremos!! (ANNAMARIA).

IPE: AMPARO SEGURO AO SERVIDOR

Os servidores do Estado encontram, hoje, no IPE, várias formas de benefícios. A aquisição da casa própria para o segurado como resultado de convênio com o Sistema Habitacional do BNH, é uma delas. Foram construídas no atual Governo, cerca de 2.500 unidades residenciais, proporcionando benefícios reais a 12 mil pessoas, entre segurados e seus dependentes.

O Setor de Serviço Social da Previdência Estadual, também teve destaque no Governo Lavoisier Maia, com a ampliação de programas, mantendo serviços permanentes de orientação e assistência aos segurados, especialmente.

A Assistência Médica também foi impulsionada no mesmo período, contando que há 4 anos o IPE dispunha de reduzido número de médicos residentes no interior do Estado, ganhando um Pronto Socorro na Capital e assinando convênios com entidades em vários municípios e também em Natal.

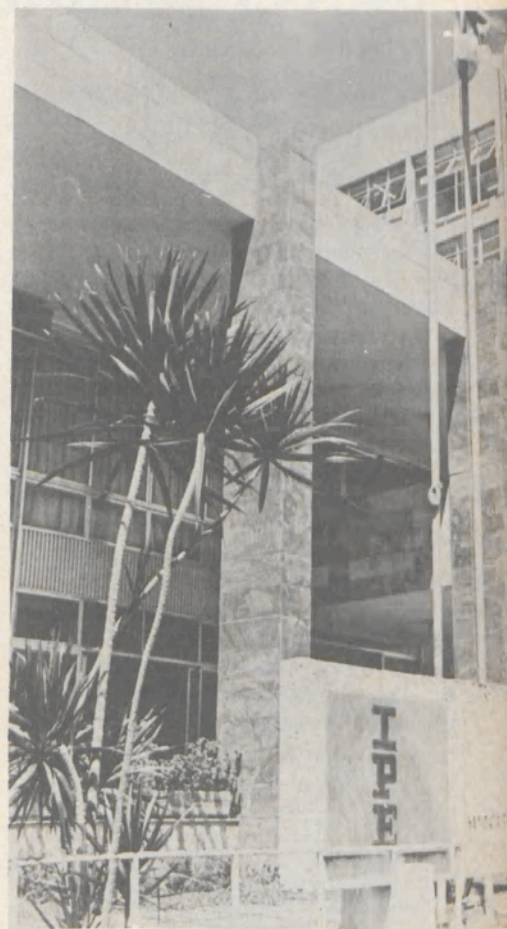
Estes são os três pontos básicos de uma administração previdenciária responsável, e voltada para o bem comum dos seus segurados, alcançando milhares. O presidente do IPE, médico Milton Marques, diz que nestas três áreas, a instituição tem planos e programas em andamento, alguns já começados que terminarão no primeiro trimestre de 83 e outros que, sem dúvida, serão assimilados pela próxima administração, que engloba melhorias de condições aos segurados, razão maior da existência do Instituto.

HABITAÇÃO — Funcionando através da Coordenação de Habitação, a Assistência Financeira, é o setor que executa a aplicação de recursos do programa habitacional do IPE, cujas obras até agora entregues, já somam investimentos da ordem de Cr\$ 250 milhões.

Do Programa Coletivo, só neste ano, como resultado desse investimento, foram entregues os conjuntos habitacionais das cidades de Nísia Floresta, conjunto "Jessé Freire" com 58 unidades; de Au-

gusto Severo, conjunto "Francisco Fernandes Pimenta", com 51 unidades; de Caraúbas, conjunto "Nestor Fernandes", com 61 unidades; em Janduís, conjunto "Amélia Queiroz", com 24 unidades; em Umarizal, conjunto "Amábília Dias", com 45 unidades; em Patu, conjunto "Chico Dantas", com 59 unidades; em Mossoró, conjunto "Tereza Néó", com 40 unidades, "Abílio Ferreira", com 45 unidades e o conjunto "Soares Júnior", com 45 unidades.

OBRAS A INAUGURAR — Entre janeiro e março próximos, novos conjuntos, atualmente em fase de acabamento, deverão ser inaugurados. Constitui-se numa segunda fase de construções habitacionais programadas pelo Governo Lavoisier Maia e vão beneficiar a servidores dos municípios de Parelhas, conjunto "Germano Costa", com 75 casas; São José de Mipibu, conjunto "Prof. Evangelista Emerenciano", com 72 casas; Nova Cruz, conjunto "Otaviano Pessoa", com 60 casas; Monte Alegre, conjunto "João Eltzio



A moderna sede do IPE



Conjunto residencial em Patu

PREFEITO CUMPRE PLANOS DE OBRAS

A atual administração do Prefeito Manoel Pereira dos Santos, que atinge seis meses e meio, frente à Edilidade, teve como meta prioritária o cumprimento do cronograma de obras estabelecido pelo seu antecessor, Eng.º José Agripino. Em face disso, desenvolveu uma contínua atividade voltada especialmente para os bairros mais carentes da comunidade, visando as benfeitorias urbanas, melhores condições sociais, instalação de equipamentos de lazer e entretenimento, propiciando ao natalense uma cidade mais participativa e com fisionomia renovada. Nesse encadeamento de soluções urbanas, o programa de Administração do Prefeito Manoel Pereira dos Santos atingiu 28 bairros, onde foram inauguradas mais de 100 obras, todas em benefício das camadas mais carentes. Sendo assim, o Programa de moradia denominado PROMORAR foi intensificado, tendo sido concluídos os Conjuntos PROMORAR III e IV, num total de 431 casas, no bairro de Felipe Camarão. O grande sucesso alcançado pela venda de alimentos mais baratos, em postos de venda instalados pelo FRIGONORTE, levou a atual Administração Municipal a diversificar novas instalações com a criação de outros postos de venda, como são exemplos os postos das Quintas, Nova Descoberta, Conjunto Soledade e Conjunto Pirangi. Deu prosseguimento ao Programa denominado "Legalização Fundiária", que tem por objetivo legalizar os imóveis residenciais, com a entrega de cartas de aforamento, sem qualquer ônus para o proprietário, tendo entregue 300 cartas em Mãe Luíza, 94 no bairro das Quintas, 46 nas Rocas e 9 em Santos Reis.

NOS BAIRROS — Nos 28 bairros e Conjuntos Habitacionais de Natal, a ação do Governo Municipal desenvolveu-se além do que foi anunciado, no campo de am-



pliação de escolas da rede municipal de ensino, calçamento de diversas ruas, instalação de terminal de ônibus, abastecimento d'água, praças públicas, quadras de esporte, construção de galpões de ensino pré-escolar e bibliotecas. Inaugurou uma Central de Abastecimento, para melhor atender aos menos favorecidos, no bairro de Lagoa Nova, além de ter efetuado recapeamento asfáltico de diversas ruas e drenagem, permitindo melhoria do tráfego de veículos e a eliminação de problemas de empocamento de águas servidas.

Até o término de sua administração, pretende o Prefeito Manoel Pereira concluir outras obras, que virão em benefício do natalense, bem como deixar outras em andamento, exemplo das que serão executadas com a ajuda do Projeto AGLURB, no valor aproximado de 2,5 bilhões de cruzeiros.

Outra ação de Governo que merece destaque será a implantação do Conjunto PROMORAR do bairro de Mãe Luíza, com 66 unidades, contando com a participação da Secretaria de Estado do Planejamento.

A CRISE DO ABC

ROSEMILTON SILVA

O ABC atravessa uma séria crise. Isso não é nenhuma novidade no final deste ano porque os problemas graves foram uma constante nos dois últimos anos no clube. Vários foram, também, os fatores que contribuíram mas, aqui, não cabe enumerá-los ou citá-los. Vêm aí as eleições do clube e certamente haverá uma reviravolta com posições dos chamados "cardeais" do clube de Morro Branco. O América continua sua marcha calma e tranqüilamente para o Campeonato Nacional. E será nele que vamos medir mais uma vez a força do nosso futebol a exemplo de anos anteriores. Fica patente até então que nossa força futebolística nada representa porque sequer conseguimos uma classificação no chamado escalão intermediário que é aquele que entra na fase de classificação e consegue sair dela passando à seguinte.

Ora, e como vai sobreviver o "Mais Querido"? Até então não se sabe e nem se tem notícia. Uma incógnita que será resolvida pela diretoria seguinte e que vai pegar uma "batata quente" não tão fácil de ser descascada e deglutida. A muitos — como eu — não interessam os problemas financeiros e sua origem geradora, o que importa mesmo é a situação do futebol alvinegro que sumiu em decorrência de brigas entre jogadores e dirigentes. Não concordo com a maneira como os jogadores protestaram contra a má administração porque a torcida não podia pagar pelos erros dos "cartolas" mas foi a única maneira que, certamente, eles encontraram para protestar e, na minha opinião, o protesto é válido quando algo anda errado.

E os rumos do nosso futebol agora estão entregues aos ventos que sopram por essas bandas. O América e Alecrim dentro do Nacional enquanto o ABC pena e vai procurar se agarrar com unhas e dentes para manter-se vivo com esquemas que, certamente, serão armados pelos novos dirigentes pois não acredito que o atual presidente tenha ainda a coragem de tentar a reeleição e mesmo que tente não acredito que seja o vitorioso, até porque time que perde deve ser modificado.

E por quê essa insistência em se falar no e do ABC? Não é tão difícil a resposta: "O ABC é o termômetro do nosso futebol". Mesmo caindo aos pedaços e sem ninguém acreditar foi sempre quem conseguiu levar o maior número de torcedores nos chamados jogos importantes e clássicos. Por essa razão é que insisto nas eleições de dezembro para a nova diretoria do clube.

Mas vamos a um outro tópico também interessante e que precisa muita atenção dos dirigentes do nosso futebol. Não se pode deixar de dizer que o futebol brasileiro atravessa uma crise séria provocada pelos cartolas que, numa tentativa de ganhar os campeonatos, inflacionaram sobremaneira o esporte pagando salários vultosos a jogadores pré-fabricados a exemplo do que acontece na música. Aqui, há algo mais grave ain-

da que a falta de aproveitamento de jogadores vindos dos juvenis. E, de novo, temos que falar no ABC onde esse aproveitamento ainda é menor. Não se concebe que um clube do RN não aproveite os seus jogadores juniores. Se dá como desculpa a falta de experiência mas ninguém consegue rebater a questão quando dizemos que o jogador só ganha experiência a partir do momento que ele passa a atuar no time de cima, enfrentando equipes e jogadores mais experientes.

Se o problema é ganhar campeonatos, esse não existe, porque os últimos vêm sendo levados para a Rodrigues Alves e os outros clubes gastando o que não têm e não podem e ficando de fora até mesmo do Campeonato Nacional, o sonho de todo clube brasileiro, e das finais dos turnos que foram decididos por Alecrim e América. E a tendência dessa crise, mais especificamente aqui, é aumentar, porque o torcedor já está cansado de ir a campo ver «peladas» chamadas de grandes clássicos. A proporção que os jogadores vão tentando se valorizar, crescendo sempre o valor de seus passes e seus salários, o nosso júnior vai se frustrando porque não recebe o menor apoio da diretoria e nem mesmo da grande maioria dos treinadores das equipes profissionais.

E haja contratações idiotas e até mesmo por telefone. E haja frustração no pessoal que a custa de zero cruzeiro mantém um esforço acima de cem para tentar ser visto. Quem viu um treinador de time profissional aqui ter a preocupação de verificar os treinos e os jogos das equipes de juniores? Ninguém viu. Tenho batido muito na tecla que fala sobre o assunto. Tenho dito por diversas vezes que a torcida vai a campo quando sua equipe mantém uma certa coerência em termos de vitória. Não sou daqueles que acredita que um jogador leva torcida a campo só pelo seu nome. Tenho me manifestado afirmando que quem leva torcida a campo são vitórias e títulos e o exemplo disso está patenteado na torcida do América que se mantém em massa no Castelão. Todos nós sabemos que a torcida americana não suporta duas ou três derrotas seguidas e logo cai fora. A do ABC ainda está indo a campo. Mas todos nós sabemos que o número que vai às arquibancadas do carinhosamente chamado «Frasqueirão» não chega aos cinquenta por cento nem mesmo no «clássico-rei». E a culpa, claro, é da direção do clube que não tem o menor tato de cartola e sabe apenas dizer que "estamos confiantes" e "vamos acreditar em Deus que o ABC vai vencer".

E preciso que os «cartolas» atentem para o problema grave da inflação dentro do futebol e comecem a aproveitar seus jogadores vindos das escolinhas porque assim estarão fazendo um bem às finanças de seus clubes e formando jogadores que futuramente poderão subir para outras agremiações e, ao invés de darem prejuízo aos cofres dos clubes como acontece com os que aqui chegam, passam a dar um lucro.

POR UM CAPRICHOS AINDA MAIOR

*QUEIROZ OLIVEIRA sinônimo de:
ferro, madeira, pisos e
azulejos, louças e metais
sanitários, canos e conexões,
tintas, revestimentos,
etc. Agora também
é sinônimo de ferramentas,
parafusos e toda linha
de artigos utilizados na
montagem e funcionamento
perfeito de sua empresa.*



QUEIROZ OLIVEIRA
FERRAMENTAS

Av. Tavares de Lira, 170 (em frente ao Posto Marpas)
Tel.: PABX 222-2056

O CONCESSIONÁRIO CHEVROLET DE MOSSORÓ MUDOU. E MUDOU PRÁ MELHOR. SUAS VENDAS AUMENTARAM EM 200%



E vão aumentar muito mais porque Chevrolet é GM, e Vilani "sabe das coisas", em matéria de vendas de veículos, planos, prazos e preços prá botar você num carro ou utilitário da linha Chevrolet. A chegada de Vilani Veículos e Peças Ltda. a Mossoró, adquirindo a mais nova concessionária General Motors da Capital do Oeste revolucionou o mercado de carros na região. Tudo foi renovado. Todos os Departamentos funcionam a pleno desempenho, desde a área de recepção e exposição, serviços de oficina autorizados da fábrica, e venda de peças genuínas. Tem financiamento próprio, com todas as facilidades e sem perda de tempo. Vilani Veículos e Peças, em apenas noventa dias de instalado em Mossoró aumentou suas vendas em torno de 200% e "botou muito mossaoroense num carro novo", graças à sua moderna técnica de vendas e "aquele jeitinho" que eles sabem fazer prá resolver problemas. Mas, o que contribui no sucesso das vendas de Vilani é que Chevrolet é GM e GM é uma marca bastante aceita pelo mossaoroense.



AV. PRES. DUTRA TELS: 321-3680/3681/3650/4553/2388